

NÚRIA ESTER C. R. BARBOSA

**A EDUCAÇÃO POSSÍVEL NA
AÇÃO SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA:
MORAL E ÉTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: **Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino.**

**SÃO PAULO
2013**

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da
Universidade Nove de Julho - UNINOVE**

Barbosa, Núria Ester C. R..

A Educação Possível na ação social nossa Senhora de Fátima:
moral e ética. / Núria Ester C. R. Barbosa. 2013.

186 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2013.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino.

1. Educação. 2. Educação moral. 3. Educação Profissional.
I. Severino, Antonio Joaquim II. Título

CDU 37

NÚRIA ESTER C. R. BARBOSA

**A EDUCAÇÃO POSSÍVEL NA
AÇÃO SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA:
MORAL E ÉTICA**

**Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Nove de Julho – UNINOVE,
Programa de Pós-Graduação em Educação
– PPGE para a obtenção do grau de Mestre
em Educação, pela Banca Examinadora,
formada por:**

Presidente: Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino – Orientador, UNINOVE

Membro: Profa. Dra. Stela Conceição Bertholo Piconez - USP

Membro: Profa. Dra. Maria da Glória Marcondes Gohn – UNINOVE

**Membro: Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza – UNINOVE
(suplente)**

Diretor do PPGE UNINOVE: Prof. Dr. José Eustáquio Romão

Discente: Núria Ester C. R. Barbosa - UNINOVE

São Paulo, _____ de _____ de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido Carlos, pelo companheirismo, apoio incondicional, pela compreensão, carinho e ajuda sem a qual seria impossível realizar este trabalho.

Às minhas filhas, Carolina e Cláisse, que compreenderam meus momentos de ausência e também pela colaboração.

A meus pais Pepe e Maria Rosa pelo incentivo amoroso constante em minha vida e estudos.

Agradeço de maneira especial ao orientador Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino, por acreditar em minha pesquisa, por suas valiosas contribuições, correções e ajustes, na elaboração desta dissertação e por sua serenidade nos momentos de orientação, que acalmaram minha ansiedade e me incentivaram a seguir adiante.

À profa. Dra. Stela Conceição Bertholo Piconez que desde os tempos de NEA-USP colabora com o meu aprendizado profissional e acadêmico.

À profa. Dra Maria da Glória pelas críticas e sugestões feitas desde o momento em que o trabalho ainda era apenas um projeto.

Ao Frei Xavier, presente desde cedo em minha vida, pelo exemplo de dedicação, generosidade, e comprometimento com a transformação da sociedade.

Aos profissionais e voluntários da Ação Social Nossa Senhora de Fátima por ajudarem a tornar um sonho possível.

Às docentes da *Moral Cristã* por acender luzes no caminho de muitos e, na minha.

Aos jovens da *escola do Frei* e especial aos que aceitaram partilhar suas percepções e sentimentos e assim colaboraram para a construção deste trabalho.

Aos professores que contribuíram para ampliação dos meus conhecimentos e aos colegas de curso que compartilharam os momentos de preocupação e sucesso.

Às queridas amigas e amigos que incentivaram, apoiaram e colaboraram nesta empreitada, em especial à Rosana, Teresa, Sonia, João e Sérgio.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças [e nossos jovens] o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Hannah Arendt

RESUMO

Este trabalho resultou de pesquisa de âmbito filosófico-educacional realizada na Escola Profissional da Ação Social Nossa Senhora de Fátima, que atende prioritariamente jovens provenientes de escolas públicas (localizadas na região sul da cidade de São Paulo) e de famílias economicamente desfavorecidas. Nesse espaço, ao longo do ano letivo, os alunos desenvolvem atitudes, comportamentos bem como incorporaram valores morais e éticos, próximos aos almejados e valorizados pela nossa sociedade e, principalmente, pelas empresas. Para tanto, foi feita a análise desta prática educativa, buscando precisar seus(s) diferencial(is) de sucesso, partindo das seguintes hipóteses: 1. A disciplina “Moral Cristã” exerce uma influência sobre a mudança no modo de agir dos jovens; 2. A coerência entre o discurso teórico e a prática dos docentes e dos profissionais que atuam na escola estimula os jovens. Ao buscar compreender de que maneira as ações docentes e dos profissionais que atuam na escola mobilizam e/ou incentivam os alunos a adotarem atitudes e posturas diferenciadas foi possível perceber a apropriação dos valores, da ética e da cidadania. Igualmente os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com os alunos da escola indicam que eles percebem seu amadurecimento pessoal e moral. Como referência teórica os principais autores que embasaram este estudo foram Severino, Goergen, Streck e Lauand.

Palavras-chave: Educação. Educação Moral. Educação Profissional. Moral Cristã.

ABSTRACT

This project resulted from research conducted under the area the philosophical and educational in Professional School "Ação Social Nossa Senhora de Fátima" which primary serves youth from public schools (located in the southern region of the city of São Paulo) and economically disadvantaged families. In this place, during the school year, students develop attitudes, behaviors and incorporate moral and ethical values, close to those desired and valued by our society and especially by companies. Therefore, the analysis was made of this educational practice, looking for need (s) differential (s) of success, starting with the hypothesis: 1. The subject "Moral Christian" has an influence on the change in way young people act. 2. The consistency between the theoretical speech and practice of teachers and professionals who work in the school encourages the young. To trying to understand how the actions of teachers and professionals who work in school mobilize and / or encourage students to adopt different postures and attitudes was possible to see to appropriation of values, ethic and citizenship. Also the results obtained in interviews with school students indicate that they realize their personal and moral maturity. As the main theoretical framework that supported this project, the authors Severino, Goergen, Streck e Lauand.

Keywords: Education. Moral Education. Professional Education. Moral Christian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
AÇÃO SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA.....	19
1.1. A região de Capela de Socorro.....	19
1.2. O Bairro Veleiros.....	28
1.3. Frei Xavier.....	34
1.4. A História da Ação Social.....	45
1.5. A Escola Profissional	49
1.5.1. Estrutura.....	49
1.5.1.1. Instalações físicas	49
1.5.1.2. Equipamentos	49
1.5.1.3. Pessoal	49
1.5.2. Cursos Oferecidos.....	50
1.5.3. Ingresso.....	50
1.5.4. Dados dos alunos	50
1.5.4.1. Renda familiar.....	51
1.5.4.2. A “outra” escola	51
1.5.4.3. Nível de escolaridade	52
DA NATUREZA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	53
2.1. Explorando o conceito.....	53
2.2. Breve retrato brasileiro: práticas e legislação	58
EDUCAÇÃO MORAL: FUNDAMENTOS.....	80
3.1. Moral, Ética e Dignidade	80
3.2. A Educação Moral.....	85
3.3. A Educação Moral Cristã	91
A DISCIPLINA MORAL CRISTÃ na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima.	97
4.1. Como as aulas são desenvolvidas.....	97
4.1.2. Temas das aulas.....	102
4.2. As entrevistas	103
4.2.1. Apresentação dos dados.....	105
4.2.2. Perfis	106
4.2.2.1. docentes de Moral Cristã	106

4.2.2.2. professores especialistas da área técnica e funcionários	106
4.2.2.3. voluntários	107
4.2.2.4. alunos	107
4.2.3. A entrevista com Frei Xavier.....	108
4.3. A percepção dos sujeitos	109
4.3.1. Moral	109
4.3.2. A Educação Moral	111
4.3.3. O Componente Curricular: <i>Moral Cristã</i>	112
4.3.4. Influências percebidas pelos adultos entrevistados.....	115
4.3.5. Influências percebidas pelos jovens.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
ANEXOS	137
1. Normas Disciplinares (2011).....	138
2. Relação de livros de autoria do Frei Xavier	142
3. Questionários para a entrevista	143
4. Transcrição das entrevistas	147
4. 1. Docentes	147
4. 2. Docentes de Moral Cristã	154
4. 3. Funcionários	165
4. 4. Voluntários/as.....	171
4. 5. Alunos/as.....	176

INTRODUÇÃO

Desde a fundação, a Ação Social Nossa Senhora de Fátima tem feito parte da minha vida: ainda criança, observava a mobilização da comunidade para a construção de uma creche, que envolveu meus pais e vizinhos na organização de bazares, quermesses, almoços e rifas para angariar as verbas necessárias; depois, havia as ações voluntárias que também envolviam os moradores do bairro: o mutirão da limpeza, da organização das festas para as crianças, o recolhimento de mantimentos para a cesta básica das famílias... E da creche, a Ação ampliou sua atuação para uma escola profissionalizante, com cursos gratuitos para a população de baixa renda e, atualmente também oferece atividades para a Terceira Idade, tais como o *Projeto Reviver* (de inclusão digital), *Cinema com pipoca* e a prática de *Tai-Chi-Chuan*.

O presente trabalho tem como foco a ação da e na Escola Profissional, que em 1979 iniciou com cursos de qualificação de tornearia e ferramentaria, e hoje oferece 9 cursos profissionalizantes – de formação inicial e de nível técnico.

A participação de voluntários e voluntárias tem sido uma característica marcante no cotidiano dessa entidade, atualmente são mais de 50 pessoas que atuam, desde a colaboração no período de inscrições para novas turmas - são eles que fazem o cadastro dos interessados, corrigem as provas; como também colaboram na rotina do refeitório; com a organização dos eventos para a 3^a idade, viabilizam bazares, quermesses, vendas de livros. E outros ainda ministram as aulas da disciplina: “Moral Cristã”.

A disciplina de “Moral Cristã” tem sido uma constante na formação dos jovens, desde a fundação da escola, e está explicitada nos textos da Visão e Missão da instituição:

“Preparar o caminho para a cidadania e oferecer condições intelectuais, profissionais, morais e religiosas por meio de seus cursos” e

“Promover o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, num clima de disciplina, liberdade consciente, responsabilidade e afetividade, bem como a formação de cidadãos capazes de compreender criticamente e socialmente, mediante adequado preparo científico, tecnológico e humanístico.” ¹.

¹ www.n-fatima.org.br

Minha trajetória profissional na área de educação não esteve ao lado dessa entidade. Atuei na Educação Infantil e na Educação de Jovens e Adultos, tanto em sala de aula, como na coordenação, de programas de alfabetização à educação básica, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; e trabalhei também em cursos de qualificação profissional e técnicos, no SENAC. Tanto minha formação como minha experiência profissional foi pautada pelos pressupostos freireanos, a educação participativa e dialógica. Sempre acreditei na linha construtivista, na percepção de Piaget, Vygostky e Emília Ferreiro para acompanhar o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Percebi a educação possível quando conheci o trabalho desenvolvido pela Escola da Ponte, ao cursar a especialização em Educação Comunitária.

O rigor das normas disciplinares e de convivência me causava estranheza, a Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima parecia traçar o caminho inverso do fazer pedagógico que me baseava como educadora.

Mas estar distante do cotidiano da escola, não quer dizer não fazer parte das ações colaborativas na Ação Social. Em 2008, fui convidada a fazer parte da equipe de voluntários, ministrando palestras para a equipe de cozinha que estava sendo formada para a inauguração do refeitório e para palestras de apresentação da escola aos interessados em fazer a inscrição aos cursos. A partir desta vivência, passei a perceber sua rotina. Em 2010, fui contratada para organizar a Biblioteca, torná-la circulante, ministrar algumas palestras de orientação profissional (aproveitando minha experiência no SENAC), bem como para colaborar com a Coordenadora Pedagógica na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) e para realizar a adequação dos Planos de Cursos em relação às atuais diretrizes do MEC (Ministério da Educação e Cultura), do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) e do CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente).

Compreender a dinâmica de funcionamento dessa Organização, suas normas e regras têm sido um tanto desafiante, assim como provocador. Ao início do ano letivo, no discurso dos ingressantes, a Ação Social é comparada a uma “escola militar”, tal a quantidade de ordens a serem seguidas. As normas disciplinares possuem 19 itens de obrigações e 31 cláusulas de vetos ao comportamento do

aluno². A elaboração desse texto foi feita pela direção e coordenação. O descumprimento ou desrespeito a um item traz como consequência que o aluno faça uma cópia (manual e em papel almaço) das normas, e/ou varrer as escadas do prédio, tirar o pó dos livros da biblioteca, escolher feijão no refeitório... Mas ao término do curso, é discurso recorrente tanto dos alunos quanto dos familiares, que gostariam que todas as escolas fossem iguais a esta.

Outro indicador da aceitabilidade de sua prática diferenciada que chama a atenção, são os percentuais de evasão e reprovação (em torno de 10% e 15% respectivamente), índices bem distintos de outras escolas de ensino profissional. Ainda há que se contar com a receptividade das empresas cadastradas na Central de Estágio da própria escola (em 2010 eram cerca de 400) que fazem questão de contratar como estagiários os alunos que estudam na “Escola do Frei” alegando que os jovens aí formados, além da excelente capacitação técnica demonstram um “comportamento diferenciado”.

O trabalho dos estudantes da ONG chamou atenção da Unisys há cerca de um ano, quando foi feita a primeira experiência de estágio. "Eles mostraram resultados positivos em relação à freqüência no trabalho, pontualidade e postura profissional, apresentando um desempenho que chamou nossa atenção", afirma Ana Paula Souza, supervisora do Call Reception Center da Unisys.³

Outro aspecto que me causa inquietação é entender como é possível que o mesmo jovem que é apático (ou extremamente agressivo) na escola regular, seja capaz de empenhar-se tanto para desenvolver as atividades solicitadas e no 2º semestre letivo colabore, voluntariamente, nas tarefas rotineiras dessa ONG, se oferecendo para ajudar no setor administrativo ou mesmo para varrer as escadas: é um prédio de 3 andares. Até recentemente havia uma comunidade no Orkut intitulada: “*Eu já varri a escada da Ação!*”! Mesmo compreendendo a relativa ironia e a provocação feita por parte dos jovens, é fato que durante seu tempo na escola e mesmo depois de formados, a demonstração de carinho, por parte dos alunos, com a escola, com o Frei, com os profissionais e voluntários é notória e positiva.

Meus sentidos se abriram para o “currículo oculto” presente. A reflexão sobre os valores morais e éticos extrapolam o exercício de um único (e explícito) componente curricular, sua prática tem permeado também os demais componentes

² Anexo 1

³ www2.unisys.com.br/responsabilidadesocial/ong.htm

curriculares e os profissionais que ali atuam. Bem como também se faz presente nas atitudes dos demais funcionários e voluntários. Por outro lado, a construção coletiva do PPP tem seguido a passos bem lentos. O processo em assumir que os princípios pedagógicos mais tradicionais fazem parte do cotidiano é constrangedor por parte da maioria do corpo docente, enquanto que para poucos sua prática é encarada sem restrições.

Propus-me então conhecer de mais perto a presença desta dimensão ética no contexto do trabalho pedagógico da Escola Profissional da Ação Social Nossa Senhora de Fátima. Tomei como objeto de estudo a análise do componente curricular: Moral Cristã.

O “problema” que me provocou e me instigou a desenvolver esta pesquisa se refere à questão do ensino da moral como um componente curricular específico. Com efeito, diferentes estudiosos argumentam que a temática e a abordagem sobre moral e ética como um conteúdo distinto e segmentado além de ser uma prática ultrapassada, não atende aos princípios norteadores atuais da área de educação.

O papel da educação moral (...) é quase nulo, pois não há o que se ensinar já que os julgamentos morais dependem exclusivamente da subjetividade de cada um. (LEPRE, 2006, p.3)

Não é pela criação de uma nova disciplina, nem que se lhe atribua características de transversalidade que se irá garantir a formação de um sujeito ético, responsável pelas suas ações e consequências delas decorrentes. (GOERGEN 2005, p.81)

De todo modo, a educação moral é um tema recorrente em estudos e pesquisas acadêmicas, porém em termos quantitativos a produção ainda pode ser considerada pequena. Em 2004 o prof.Dr. Yves de La Taille publicou um artigo que traz "uma análise quantitativa e qualitativa de dissertações, teses e artigos publicados de 1990 a 2003, que versam sobre a relação entre ética e educação" (p. 91). Até aquele momento haviam sido encontrados 79 trabalhos de pós-graduação (entre teses e dissertações) e 28 artigos. Dentre os dados levantados, o autor revela que

(...) na discussão sobre ética e educação, a prática é a grande ausente, (...) tal ausência se deve aos objetivos desses textos (análises históricas, sociológicas ou filosóficas). (...)

Uma segunda hipótese pode ser a que segue: a recente experiência com a disciplina Educação Moral e Cívica transformou o tema da educação moral em *tabu*. (...)

Nossa terceira hipótese é a de que há um certo temor em relação ao próprio tema: moral associa-se facilmente a coação, autoritarismo, moralismo. (LA TAILLE, 2004. p. 102-103)

Sem tanta minúcia, porém contando com os recursos oferecidos pela internet, em que há a possibilidade de refinar a busca por meio de palavras-chave, o levantamento, para esta dissertação, foi realizado nos sites da CAPES, IBICT – BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), IBICT – CCN (Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas), e das universidades: USP, UNICAMP e PUC.

O resultado obtido foi o seguinte:

- Utilizando as palavras-chave: *Educação Moral* e *Ensino Profissional* foram produzidos 65 trabalhos, sendo 3 direcionados para os profissionais que atuam na educação infantil; 15 tendo por foco o ensino fundamental; 7 o ensino médio; 38 o ensino superior; 1 para EJA. Somente 4 títulos citaram a educação moral no ensino profissional, sendo que cada um deles o enfoque principal foi a prática educacional de uma escola, sem, no entanto, haver um aprofundamento específico sobre a educação moral. (ARANHA,2010; GIANELLI, 2011; MORAIS, 2011 e ROZETTI, 2010)
- Com as palavras-chave *Educação Moral* e *Ensino Técnico*, surgiram 38 documentos, destes 12 eram do ensino superior; 5 tinham como referência o ensino fundamental; 1 o ensino médio; 1 o ensino da dança flamenca; 1 o curso de qualificação profissional; 1 para EJA. E 17 documentos restantes abordavam a formação humana no ensino técnico integrado, apresentando uma abordagem transversal ou interdisciplinar da educação moral com outros componentes curriculares, a saber: biologia, matemática, informática, filosofia e fotografia; 1 com foco na formação do docente (MILANELLI, 2010), 3 direcionado para a ética profissional na área da saúde; 1 sobre o desenvolvimento cognitivo; 1 com recorte histórico sobre a educação no período de 1870 a 1930 e 2 trabalhos abordando cursos na área agrícola.
- Consultando o cruzamento das palavras-chave *Educação Moral Cristã* e *Ensino Profissional* ou *Ensino Técnico* nenhum documento foi produzido.
- Utilizando somente o termo-chave *Educação Moral Cristã* 37 documentos foram elencados, em 27 a abordagem é a religiosidade (católica, protestante, luterana e espírita); 2 contrapõem Nietzsche; 1 com recorte histórico sobre a educação em

Santa Catarina no período de 1911 a 1935. Em 3 trabalhos o desenvolvimento cognitivo, com base em Piaget, Kohlberg ou Puig foi o principal referencial teórico; e 4 abordam a educação moral cristã em instituições mantidas pela igreja (católica e luterana), mas que ainda assim os focos tendiam para a religiosidade (CAMACHO, 2005; CARDIN, 2007; MENEGUCE, 2009 e SANTOS, 2005).

Passados 8 anos do estudo realizado por La Taille é possível perceber não houve significativa mudança nos resultados percentuais obtidos, por outro lado, causa certa estranheza que a quantidade de trabalhos e pesquisas realizadas na área da educação profissional ou do ensino técnico demonstre uma pequena preocupação ou interesse com a formação humana ou moral. Bem como, foi possível apurar que o tema da ética fica direcionado ou focado para a ética profissional, que resulta em uma abordagem mais restrita para a área de formação.

Dos trabalhos realizados cabe destacar a pesquisa iniciada em 2009: "Projetos bem sucedidos de Educação Moral: em busca de experiências brasileiras", pelo grupo de trabalho da *Psicologia da Moralidade* da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), coordenada pela professora Dra. Maria Suzana Menin da UNESP. Além de diagnosticar e descrever as experiências realizadas, a pesquisa também pretende divulgar os projetos que se destacaram, após serem realizadas visitas de análise.

Para caracterizar uma “experiência bem sucedida em Educação Moral”, Menin esclarece quais foram os critérios utilizados:

A razão pela qual essas experiências foram classificadas como bem sucedidas pelos respondentes, poderia ser sintetizada numa palavra: *participação*; participação dos alunos (...) nas discussões sobre valores e/ou direitos humanos; participação na conservação da escola. Houve também algumas falas que apontaram melhorias nos alunos em relação aos seus comportamentos, com diminuição de violência entre os alunos, melhora na maneira de resolver conflitos, e até diminuição do bulling.

No geral essas experiências foram longas, isto é, duraram mais de seis meses na escola e envolveram mais de 100 alunos e de trinta professores; o que mostra que foram amplas, envolvendo grande parte da comunidade escolar. Todas as experiências citadas envolveram também os funcionários da escola e a equipe gestora. (...)

Quando questionamos que temas foram mais trabalhados nos projetos, o valor que mais apareceu foi *respeito*; respeito mútuo ou respeito aos indivíduos. Mas seguiram-se outros valores como cidadania, diálogo, auto-conceito positivo, resolução de conflitos de ordem inter-pessoal, justiça, veracidade, deveres,

direitos humanos, solidariedade, amizade, honestidade, conhecimentos de outras culturas, e o valor do aluno de escolas públicas⁴. (2010, p. 6)

A Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima que tem por foco o ensino de técnicas e fazeres para o trabalho, também tem como prioridade a formação humana dos alunos. Faz parte da grade curricular de todos os cursos a disciplina “Moral Cristã” que é ministrada uma vez por semana, por 55 minutos e tem como docentes, voluntários e voluntárias. Estes recebem as orientações e o tema a ser ministrado, em reuniões semanais e diretamente do diretor-presidente: Frei Xavier. Cabe ressaltar que apesar da formação católica do dirigente, o “corpo” docente dessa disciplina é constituído por pessoas de diferentes religiões e crenças, e que possuem diferentes formações acadêmicas (algumas com formação superior em diversas áreas e outras com o ensino médio). Cada aula aborda um valor ou princípio moral, substanciado em uma reflexão sobre algum acontecimento apresentado pela mídia, e encerra com uma referência a trecho bíblico⁵. Além da reunião, a coordenadora da área elabora um roteiro sugestivo para o desenvolvimento de cada tema e encaminha para os docentes.

Entendo que a prática docente não se restringe somente ao desenvolvimento de umas poucas ações, nem na adoção de determinadas e específicas metodologias, mas que a dinâmica presente em sala aula e a atitude do professor estão impregnados de sentido, sentimentos e crenças que estes protagonistas trazem e traduzem no seu fazer pedagógico, ainda que nem sempre de maneira explícita. Observar e olhar de maneira mais aprofundada para esta(s) prática contribui para ampliar a compreensão sobre a incorporação de um comportamento diferenciado dos alunos desta escola. A análise e a reflexão sobre a prática dos profissionais e voluntários da escola também permitem perceber a relação entre esse agir e a mudança comportamental nos jovens.

Outro ponto que cabe destacar é a participação dos responsáveis dos alunos na escola. A presença da família é uma atitude valorizada e tida como necessária tanto para a ação político-pedagógica da escola, quanto para o desenvolvimento integral do educando. Em um estudo sobre a Qualidade do Ensino, Vitor Paro

⁴ Grifos da autora.

⁵ Periodicamente os textos são reunidos e publicados em livro, em anexo, estão listados os títulos já publicados.

ressalta que a participação da família na educação escolar contribui para a formação social do indivíduo:

a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais (...). Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. (1997, p.30)

Na Escola Nossa Senhora de Fátima a família não é convidada a participar das reuniões (pedagógicas, planejamento ou de conselho). Entretanto antes da inscrição para o processo seletivo ao curso, ao menos um responsável pelo jovem (menor de 21 anos) deve assistir a uma palestra de apresentação da escola, em que toma conhecimento sobre as normas, bem como é obrigado a comparecer em uma reunião realizada uma semana antes do início do ano letivo. Além disso, também deverá estar presente nas reuniões bimestrais e quando for convocado pela coordenação⁶. Obrigatoriamente os pais, ou mães ou responsáveis (pelo jovem menor de 21 anos) participam da vida escolar e são questionados pelas atitudes e comportamentos praticados. Apesar das reações de protesto e de negação diante do confrontamento, é perceptível, pela atitude dos jovens, que a família passa a se fazer mais presente. Resta saber em que medida essa presença e acompanhamento favorecem a prática e a adoção de valores morais e éticos, ou apenas são atitudes que atendem as imposições desse ambiente escolar.

Pedro Goergen sugere que, na atualidade, a reflexão sobre condutas e comportamento promove nos jovens a adoção de atitudes éticas e solidárias.

Os jovens necessitam uma motivação ética que deve ser racional. Não podemos mais recorrer nem à religião nem a tradição para induzir as pessoas ao comportamento ético, responsável e solidário (2005, p. 84)

Sem discordar deste (e de outros) autor, é intrigante observar que nessa escola, o primeiro movimento é o da imposição e apesar do estranhamento inicial, a “concordância e aceitação” por parte dos jovens parecem traduzir-se em um convívio social menos agressivo e, no desenvolvimento de atitudes colaborativas também na escola regular, conforme relato de alguns coordenadores pedagógicos e diretores.

⁶ A convocação pode ocorrer quando o aluno descumpre uma norma, apresenta problemas de indisciplina ou quando tem um mal-estar durante a aula.

Levando-se em conta este cenário e para balizar o trabalho de pesquisa a ser realizado para esta dissertação, levanto a seguinte hipótese: *O ensino da disciplina de Moral Cristã promove a reflexão sobre os valores morais e a ética e o amadurecimento moral dos jovens.*

À vista do exposto, serão dados os seguintes passos:

Num primeiro momento, será feita uma apresentação contextuante da Ação Social Nossa Senhora de Fátima, com o objetivo de caracterizar a referência empírica do universo que se situa o objeto específico do trabalho, a Escola Profissional. Para tanto, descrevo o surgimento do bairro, a chegada do Frei Xavier, a mobilização dos moradores para a construção da creche e da escola. Neste capítulo, ainda é feita uma breve apresentação biográfica do Frei Xavier. Encerro o capítulo com uma descrição dos dados da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima.

Numa segunda etapa, abordam-se a questão da natureza da Educação Profissional, os termos utilizados na literatura da área educativa; como é apropriada pela legislação brasileira, com vistas a situar a especificidade da ação formadora desenvolvida pela Ação Social Nossa Senhora de Fátima.

No terceiro capítulo é apresentado o referencial teórico sobre a educação moral e ética e a educação moral cristã. Para tanto, os autores pesquisados foram: Piaget, Kohlberg, Puig, Severino, Menin, Araújo e Lauand.

O quarto capítulo é desenvolvido a partir da disciplina Moral Cristã: na primeira etapa é explicada como esta disciplina é desenvolvida na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima; depois é apresentada a entrevista realizada com Frei Xavier, em que se buscou resgatar sua concepção e intenção sobre a formação moral dos jovens. A seguir, estão as demais entrevistas, em que se procurou colher as impressões, concepções e percepções dos professores, funcionários, voluntários e alunos sobre a educação moral. Por meio da análise dos discursos, buscou-se identificar o impacto causado por esta disciplina.

CAPÍTULO I

Ação Social Nossa Senhora de Fátima

A Ação Social Nossa Senhora de Fátima está localizada no bairro de Veleiros, na região sul da cidade de São Paulo. Foi fundada em 1971 pelos moradores do bairro e pelo Frei Xavier.

A Ação Social é composta por um Centro de Educação Infantil, duas unidades de Escola Profissional, uma Oficina Metalúrgica, uma Gráfica e uma Padaria Industrial.

Para adequar-se às exigências de novas parcerias, ao final do ano de 2012, seu estatuto foi alterado e passou a ser denominada de "Instituto Social Nossa Senhora de Fátima". No entanto, ainda é popularmente conhecida como "Ação Social", e por ter realizado a maior parte desta dissertação enquanto na antiga denominação, esta será mantida no corpo e título deste trabalho.

1.1. A região de Capela do Socorro

O atual subdistrito de Capela do Socorro está localizado na região sul da cidade de São Paulo, faz limites com as represas de Guarapiranga e Billings, com os rios Guarapiranga e Jurubatuba, com os municípios de Diadema e São Bernardo do Campo e com os subdistritos de Parelheiros, M'Boi Mirim, Cidade Ademar e Santo Amaro, o qual esteve administrativamente ligado até 1985.

Segundo dados da prefeitura de São Paulo, Capela do Socorro possui “uma superfície de 132 Km², que corresponde a 8,8% do território do município, sendo que cerca de 90% do território está inserido em área de proteção aos mananciais”. Possui 3 distritos (Cidade Dutra, Grajaú e Socorro). Segundo dados do IBGE no censo realizado em 2010, havia 594.930 habitantes neste subdistrito.

Ilustração 1: Mapa Administrativo da cidade de São Paulo



Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

Ilustração 2: Distrito do Socorro

Represa Guarapiranga (ao fundo), rio Guarapiranga (centro) e rio Jurubatuba (à esquerda)



Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

As referências da região podem ser encontradas em documentos históricos do município de Santo Amaro, que somente em 1935 foi incorporado administrativamente à capital.

Os primeiros registros da região datam o ano de 1552, ainda da Capitania de São Vicente, que foi dividida em três localidades, ou aldeias para as atividades jesuíticas e formaram a Casa de São Vicente, a Casa de São Paulo de Piratininga e a Casa de Jeribatiba (ou Jurubatuba). Esta última abrangia a região desde o “pé da serra” (hoje Parelheiros) até os atuais bairros de Ibirapuera e Pinheiros.

Vivendo em função da catequese, estas aldeias pouco ou nada influíram na vida econômica da vila [de São Paulo], transformando-se, porém núcleos de povoamento fixo (...).

Em 12 de agosto de 1560, os jesuítas tomaram posse oficial de duas léguas de terra na margem esquerda do Rio Jurubatuba (...). Era uma região de relevo brando, com lindas e extensas campinas, estava bem na confluência dos rios Jurubatuba (ou Geribatiba) e Guarapiranga. Os dois cursos d’água, agora unidos, iam até o Rio Pinheiros (BERARDI, 1969, p.24)

Ilustração 3: **Os caminhos de Santos à São Paulo de Piratininga**



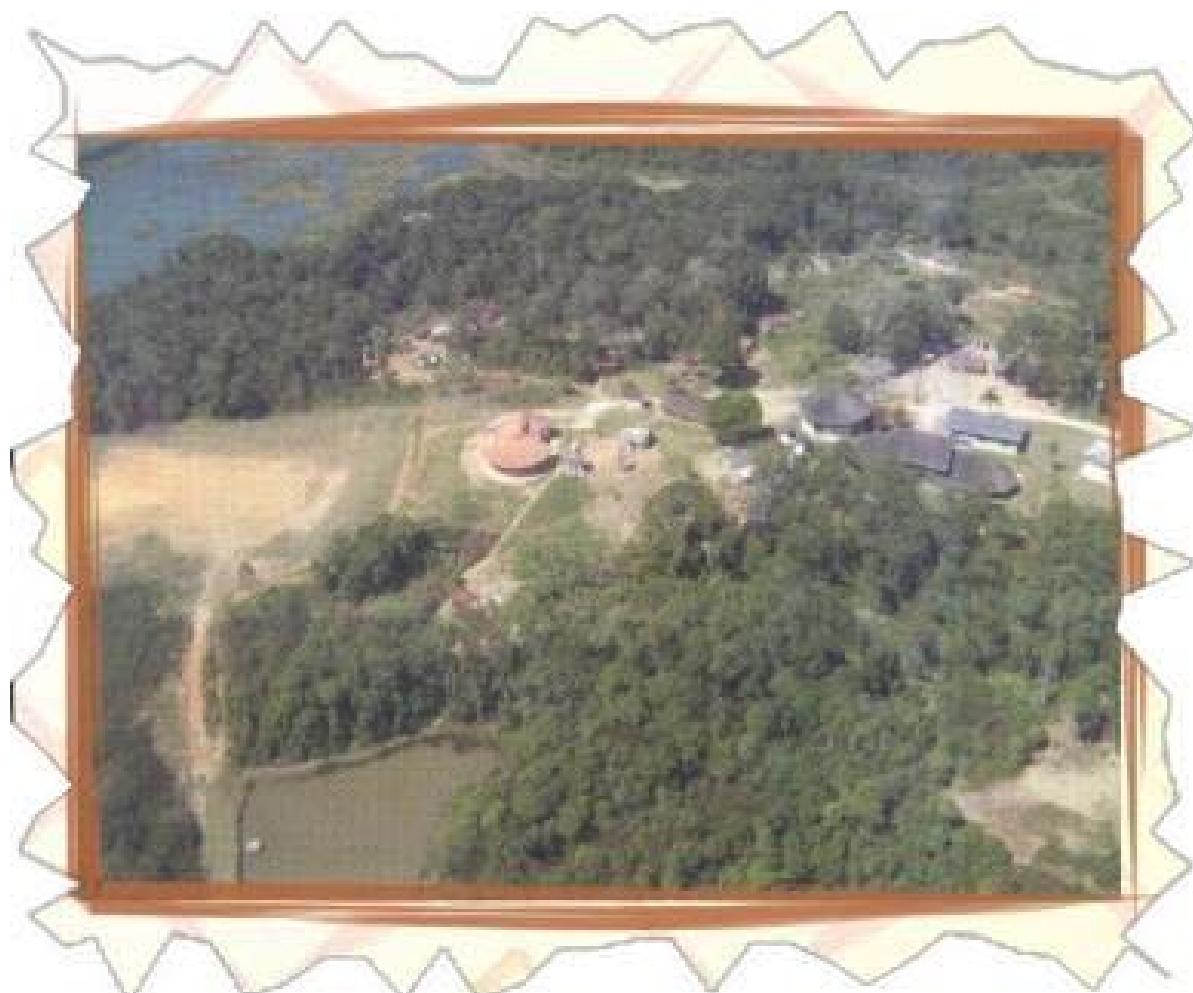
Fonte: <http://www.geoportal.com.br/>

Aos poucos a região foi sendo ocupada por colonos portugueses, mas até o século XVIII a região ainda servia para a moradia itinerante aos índios tupis, guaranis e guaianases.

Essa região sempre foi local de passagem para o nosso povo, os Guarani Mbaya que vinha da região das aldeias do Paraná e Rio Grande do Sul para o litoral. Nós nos fixamos nas tekoas, os lugares escolhidos pela facilidade do acesso à yvy marae'i, a Terra Sem Mal, que fica além mar. Nestes lugares é que se pode reproduzir o nhandereko, o modo de ser guarani⁷.

Em Parelheiros, ainda existem duas aldeias: Krukutu e Tenondé Porá.

Ilustração 4: Vista área da Aldeia Krukutu



Fonte: <http://www.culturaguarani.org.br/arandu.html>

⁷ Associação Guarani Nhe'ê Porá In: <http://www.culturaguarani.org.br/arandu.html>

No início do século XIX a cidade de São Paulo era "uma povoação pobre (...). A freguesia de Santo Amaro tinha então três ou quatro ruas e várias chácaras que rodeavam o povoado." (BERARDI, 1969, p.52)

Ainda conforme Maria Helena Berardi, em 1820, José Bonifácio assim descreve Santo Amaro:

Este lugar está situado de modo que é aformoseado pela mais agradável variedade de arvoredos, campos, pomares, através dos quais correm rios de cristalinas águas. O rio Jurubatuba, cortado por duas pontes: a de cima, no caminho do Socorro, e a de baixo, para Itapecerica. (Idem)

No ano de 1827, chegaram a Santos os primeiros grupos de alemães, sendo que 120 deles aceitaram terras devolutas em Santo Amaro, ocupando alguns lotes próximos ao rio Jurubatuba, na atual região de Colônia (Parelheiros). Ali desenvolveram a agricultura, que abastecia além de Santo Amaro também a cidade de São Paulo com diversas verduras e batatas. Também há relatos de algumas criações de gado e de aves. Já em "meados do século, a região era considerada celeiro da capital" (Ibidem, p. 56)

A freguesia de Santo Amaro, em 1832, torna-se por decreto de regência uma vila, mas somente em 1833 ocorre a eleição para vereadores.

No ano de 1840 a família Rocumbach formou uma pequena colônia com chácaras em Vila Friburgo⁸. Trouxeram uma imagem em madeira de Santa Rita de Cássia e em maio de 1869 construíram uma capela "no meio do descampado".⁹

No início do século XX, no rio Guarapiranga foi construída, pela Companhia Light (*São Paulo Tramway, Light and Power Company*) uma barragem para a formação da represa de São Paulo (hoje Guarapiranga), que inicialmente tinha por finalidade "regularizar a vazão do rio Tietê." (Ibidem, p. 98) Para que isso pudesse ocorrer o rio Pinheiros teve seu fluxo invertido.

⁸ Vila limítrofe a Veleiros, onde está localizada a Ação Social Nossa Senhora de Fátima.

⁹ <http://www.diocesedesantoamaro.com.br>

Ilustração 5: Barragem de São Paulo - 1906



Fonte: Revista de Turismo¹⁰

Mas em meados dos anos 20 ocorreu uma forte estiagem que afetou São Paulo, provocando a construção de uma nova represa, a Billings e em 1928 as duas passaram a abastecer a cidade.

Paralelamente, essa região densamente arborizada, voltou-se para o lazer com a instalação de clubes náuticos e começou a ser explorada com a construção de habitações de veraneio.

Ilustração 6: Yacht Club de São Paulo (1936)



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/santtaclara>

¹⁰ <http://www.revistaturismo.com.br/passeios/guarapiranga.htm>

Nesse período, a empresa “AES - Auto-Estradas S.A.”, responsável pela construção do aeroporto de Congonhas, do autódromo de Interlagos e da estrada que ligava os dois empreendimentos (a atual av. Washington Luis), também desenvolveu um projeto para a construção de um resort entre as represas, “visando às classes mais ricas da sociedade. Até mesmo uma praia, com areia vinda de Santos, foi criada junto à represa. (...) Além das casas, o local também teria centros de lazer, clubes náuticos, clubes de campo, ginásio esportivo, balneários e um hotel luxuoso” (SCALI, 2004).

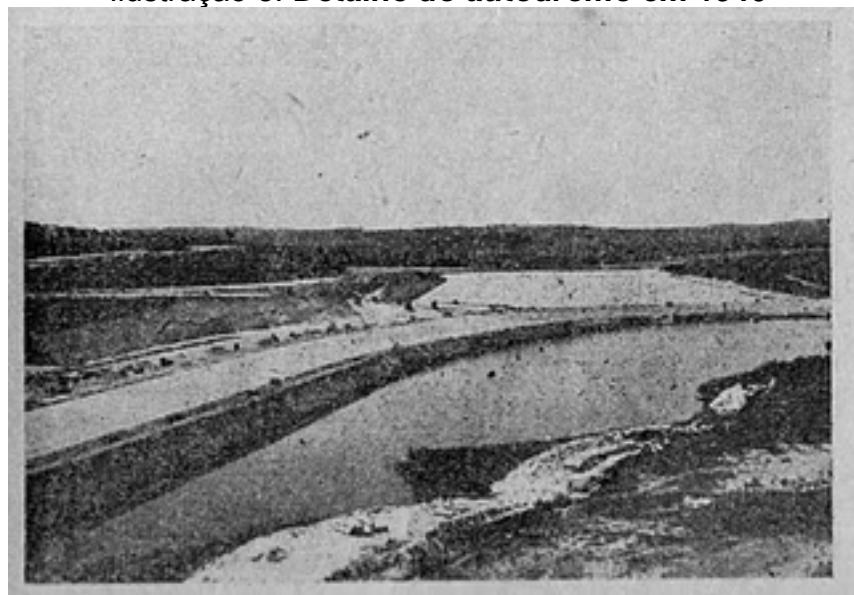
Mas a crise de 29 e a revolução de 1932 adiaram o início do projeto. O aeroporto foi inaugurado em 1936, o autódromo em 1940 e o hotel, apesar de sua construção ter sido iniciada, foi transformado em um clube inaugurado na década de 60 (Yacht Club Santa Paula), que funcionou até o final da década de 70.

Ilustração 7: **Aeroporto de Congonhas (1938)**



Fonte: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br>

Ilustração 8: **Detalhe do autódromo em 1940**



Fonte: *O Livro Vermelho de Telefones*

No período entre as décadas de 1930 e 1940, o poder público foi também marcado por

discussões, projetos e iniciativas sobre a habitação social e outras dimensões urbanísticas na cidade. (...) Ainda pelos indicadores demográficos do período é possível verificar uma clara tendência ao crescimento populacional de algumas das localidades mais distantes da área central, tais como: Capela do Socorro, (...) (CORDEIRO, 2005).

Contradicoratoriamente a linha de bonde que chegava ao Largo do Socorro foi desativada em 1936, mas a que chegava até Santo Amaro continuou ativa até 1968.

Ilustração 9: Ponto de retorno do **Largo do Socorro**
Ao fundo a pequena capela, que deu nome ao bairro: Capela do Socorro.



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/santtaclara>

Com o início do processo de industrialização de São Paulo ao longo das margens dos rios Pinheiros e Jurubatuba, grandes áreas foram loteadas para a instalação de indústrias. Em 1938, Capela do Socorro foi oficialmente considerado um bairro industrial, ainda que co-existissem inúmeras chácaras.

Ainda nas décadas de 30 e 40 houve significativo um aumento nos impostos territoriais o que "veio a encarecer as grandes propriedades. A solução foi dividir as chácaras e sítios em loteamentos, dando lugar ao aparecimento de muitas, "vilas", "jardins", "parques" etc." (BERARDI, 1969, p.113-114)

A AESA, com financiamento do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Serviços de Transportes (IAPST), planeja e constrói o bairro de Cidade Dutra, com 500 casas populares para atender aos trabalhadores deste segmento. O empreendimento chama a atenção na época pela "extrema homogeneidade no tamanho das casas, dotado de infra-estrutura urbana, ruas pavimentadas, iluminação pública, água e esgoto, linhas de ônibus, além de um pequeno centro comercial" ¹¹. Este bairro é considerado um marco para o desenvolvimento da região, e outros empreendimentos tentaram seguir este modelo.

Os projetos apelativamente recebiam nomes de localidades europeias, que remetessem a pátria dos imigrantes:

Interlagos – Interlaken (Suíça)

Vila Friburgo – Freiburg (Alemanha)

Riviera Paulista – Riviera (França)

Enquanto a empresa imobiliária H.Mayer & Cia. comercializava terrenos com o intuito de "criar um condomínio de residências de veraneio nos arredores da represa" (SANTOS, 2006), a Empreza Brasileira de Terrenos iniciou um projeto de casas populares para os servidores municipais, porém tanto um como outro empreendimento inicialmente teve baixa ocupação. Pesava tanto a distância ao centro da cidade quanto o valor das residências.

¹¹ Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/subprefeituras/capela_do_socorro/histórico/index.php?p=916
Acesso em 14 de maio de 2011.

1.2. O Bairro Veleiros

Um dos empreendimentos residenciais da *Empreza Brasileira de Terrenos* fica entre o Largo do Socorro e o autódromo de Interlagos. Por conta da vista à represa, recebeu o nome de “Veleiros” e suas vias tinham por nome: rua Niterói, Guanabara, Botafogo, avenida Leblon, Ipanema, Copacabana e Atlântica¹², em uma clara alusão ao Rio de Janeiro “visto que assim como ele, também margeia uma porção de água”¹³. Mas ainda há referência a outras praias como: rua Estoril, Lido, San Sebastián, Mar Del Plata, Cannes...

Com muitas casas já em processo de construção, a venda das casas foi aberta para a população em geral.

Em 1960, com 2 ruas asfaltadas e uma precária rede de abastecimento de água, diversas famílias começam a se instalar no bairro. Eram italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, chineses, alemães e brasileiros, também havia um indiano, um grego e um marroquino, que compartilhando o espaço mesclavam culturas, festas e crenças.

As demais 20 ruas e avenidas da vila ainda não estavam asfaltadas, o transporte (que vinha de Cidade Dutra e seguia para o centro da cidade) passava de “hora em hora” e sempre lotado, obrigando os moradores a caminharem até o Largo do Socorro ou Santo Amaro¹⁴ para dali pegarem o trem, bonde ou outra condução “para a cidade”. Também ainda não havia comércio, escola, igreja, correio, nem serviço de saúde, equipamentos de cultura ou esporte.

Para reivindicar melhorias nas condições de habitabilidade do bairro, em 07 de junho de 1964, os moradores fundaram a “Sociedade Amigos de Veleiros” (SAV).

Segundo Maria da Glória Gohn foi neste período que o Brasil "entrou para a história como a fase do regime político populista, bastante fértil em termos de lutas e movimentos sociais" (2000, p. 17). Ainda conforme a autora:

um movimento social que colaborou na configuração dos bairros da capital paulista: o Movimento das Sociedades Amigos de Bairros – SABs. Ele surgiu na cidade de São Paulo nos anos 1930 e foi um dos principais atores na organização

¹² Desses nomes apenas a Avenida Ipanema conserva o seu nome, as demais foram alteradas pelos “representantes” da Câmara. A Avenida Atlântica teve seu nome alterado para Avenida Robert Kennedy no ano de 1979. Entre os anos de 2009 e 2010, nas eleições das Comissões para Administração dos Parques (do projeto de revitalização da represa) houve pressão para a volta do nome original, o que ocorreu em novembro de 2010.

¹³ Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/subprefeituras/capela_do_socorro/hist%C3%B3rico/index.php?p=916
Acesso em 14 de maio de 2011.

¹⁴ O Largo do Socorro fica a 2 km de distância e Santo Amaro, 5 km.

popular na cidade na fase de 1945-1965, conhecida como populismo. Ele cresceu e ganhou importância no entorno do anel central e na emergente periferia da cidade. (2008, p. 131)

No caso do bairro de Veleiros, as reivindicações tinham por objetivo os equipamentos e a infra-estrutura básica para melhoria das condições de vida no bairro.

Conforme ocorriam as reuniões de organização para as solicitações, foi construído um salão para a sede da SAV, espaço em que também havia jantares dançantes para os moradores, festas típicas, sessões de cinema (desenho animado ou projeção de slides) para as crianças.

Ilustração 11: Moradores em festa para arrecadar fundos para a construção da sede da SAV (1963)



Arquivo Pessoal

No local ainda eram organizados bazares, quermesses e distribuição de presentes no Natal – “com o papai Noel chegando de helicóptero”. Alguns equipamentos de recreação infantil foram instalados, tais como gangorra, balanço, gira-gira e trepa-trepa. A própria SAV também organizou o *Parque Infantil*, uma escola de educação infantil, para crianças de 6 anos, com o intuito de prepará-las para o ingresso no ensino primário, que funcionou até o ano de 1983.

Por alguns anos (de 1969 a 1987) a SAV também sediou o “Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré”. Ao compartilhar o mesmo espaço, igualmente eram compartilhadas suas festas e eventos, fortalecendo assim os laços entre os moradores.

Além da instalação de uma rede de água satisfatória, da rede coletora de esgoto, do asfaltamento das ruas, foi instalada uma escola que funcionava nos dois primeiros períodos (7h00 às 11h e das 11h15 às 15h15) como escola primária¹⁵: Escola Municipal “Heitor de Andrade” e nos dois períodos seguintes (das 15h30 às 19h00 e das 19h15 às 11h) o curso de ginásial¹⁶: Ginásio Estadual de Veleiros.

Um posto de saúde¹⁷ foi inaugurado no bairro, que até hoje atende a região do distrito de Socorro. Passaram a funcionar duas linhas de ônibus, da Viação Bola Branca (Veleiros – Praça da Bandeira e Veleiros – Pinheiros), hoje já extintas. Aos poucos o comércio foi se instalando para atender as necessidades dos moradores (padaria, açougue, empório, quitanda, bazar, etc.)

Nesse cenário e contexto chega ao bairro o franciscano Ambrogio Fornasiero (Frei Xavier), figura carismática e voltada para a prática social, que direcionou, inicialmente, a mobilização e o empenho da comunidade para a construção da igreja católica: a Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

¹⁵ O curso Primário compreendia os estudos realizados da 1^a a 4^a série, equivalente ao nível 1 do Ensino Fundamental

¹⁶ O curso Ginásial compreendia os estudos realizados da 5^a a 8^a série, equivalente ao nível 2 do Ensino Fundamental.

¹⁷ Atualmente Unidade Básica de Saúde

**Ilustração 12: Inauguração (março de 1970)
Paróquia Nossa Senhora de Fátima**



Arquivo Pessoal

Ao longo da década de 70 os moradores concomitantemente mobilizavam-se em atividades na SAV, no Grupo Escoteiro e junto ao Frei Xavier.

Observando os dados da Prefeitura de São Paulo referentes à região da subprefeitura de Capela do Socorro, em 2000 havia 26 escolas profissionais particulares e nenhuma pública. Somente no ano de 2009, salas de ETECs (Escola Técnica Estadual) vêm sendo implementadas nas escolas de ensino médio e nos C.E.U.s (Centro de Educação Unificada).

A população residente nos distritos do Grajaú, Cidade Dutra, Campo Grande e Santo Amaro, onde se localiza a demanda atendida pelos cursos profissionalizantes realizados pela Ação Social Nossa Senhora de Fátima, alcançava no ano 2.000, de acordo com os dados do censo demográfico publicados pelo IBGE, 715.834 pessoas. O montante de adolescentes chegava a 24.028 indivíduos, e 47,7% das famílias possuem renda de até 4 salários mínimos.

Atualmente os alunos e as alunas que freqüentam os cursos na “Escola do Frei” proveem de 5 subprefeituras (Capela do Socorro, Parelheiros, Campo Limpo, Cidade Ademar e Santo Amaro).

Considerando o entorno do bairro em um raio de 2 quilômetros as instalações e equipamentos públicos¹⁸ que estão presentes são:

- . Todas as ruas estão asfaltadas
- . Os dois córregos estão canalizados, são arborizados e possuem equipamentos de lazer e recreação infantil e de atividade física para a 3^a idade.
- . 4 escolas de Educação Básica (2 estaduais e 2 municipais)
- . 5 Centros de Educação Infantil (2 municipais e 3 conveniadas)
- . 2 escolas de Educação Infantil
- . 1 Diretoria Regional de Educação
- . 1 biblioteca infanto-juvenil
- . 3 "academias" a céu aberto
- . 1 Parque
- . 1 Centro Desportivo
- . 1 Campo de futebol
- . Ciclo faixa de lazer
- . 1 Unidade Básica de Saúde
- . 1 Delegacia Policial

É possível perceber que a região é bem servida de instituições educacionais, porém carece ainda de instalações que atendam eventos culturais. Há somente um teatro no bairro, mantido por uma escola privada, que eventualmente oferece atividades gratuitas.

É interessante destacar que, segundo *Atlas Ambiental do município de São Paulo*, o distrito de Socorro está classificado como o de melhor qualidade ambiental do município¹⁹, sendo destacado o bairro de Veleiros como um dos responsáveis por elevar o índice para a região:

A existência de uma concentração industrial ao redor do largo do Socorro (...) poderia imprimir um perfil desfavorável ao distrito. Entretanto, esta ocupação foi contrabalanceada pelas ocupações de bom padrão, com arborização significativa, existentes nas porções sul - sudoeste,

¹⁸ Informações obtidas no site da Prefeitura de São Paulo:

www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/

¹⁹ A classificação foi obtida a partir do cruzamento dos indicadores ambientais: vegetação e clima urbano, conforme este mesmo documento.

representadas pelos bairros de Veleiros e Interlagos (...). (TAKIYA, 2002, p. 168).

Nos dias atuais não há mais atividades coletivas ou sociais na SAV, a motivação inicial foi conquistada. Já não se faz presente nenhum movimento de moradores. A ação colaborativa e voluntária da maioria dos moradores atualmente está direcionada para as organizações sociais que o bairro comporta, a saber: *Casa Amigos da Fé*, que atende crianças de 0 a 8 anos, portadoras do vírus HIV; *Caminhando – Núcleo de Educação e Ação Social*, que atende pessoas com deficiência auditiva, nas áreas de arte, cultura, educação e capacitação profissional; *Casa de Fabiano – Centro Espírita e a Ação Social Nossa Senhora de Fátima*, com o Centro de Educação Infantil e a Escola Profissional, objeto desta dissertação.

Ilustração 13: Vista do bairro de Veleiros - 2012
em destaque as duas unidades da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima



Arquivo Pessoal

1.3. Frei Xavier

Apresentar Frei Xavier é uma tarefa não tão simples. Homem ocupadíssimo não gosta de falar sobre si mesmo, prefere discorrer sobre as necessidades de suas obras, solicitar colaborações ou atender as necessidades dos que o procuram em busca de orientações. Também não é uma pessoa saudosista, não gosta de falar do passado, prefere o presente.

Por outro lado, conhecê-lo desde que eu era criança traz uma grande carga afetiva que poderia comprometer a imparcialidade e a objetividade para uma apresentação acadêmica. Mas como o foco desta dissertação não é a biografia, é apenas um elemento contextualizante, procurei buscar e resgatar algumas informações que pudessem apresentar tanto um pouco de sua personalidade como seus fazeres. Inicialmente tentei uma entrevista, mas recebi como resposta que buscasse o que já havia sido feito, falaria apenas sobre as aulas de Moral Cristã.

Em 2005, Frei Xavier completou 50 anos de sacerdócio e a comunidade da Paróquia Santa Rita de Cássia, dentre os festejos, produziu uma publicação comemorativa intitulada *50 anos depois* organizada por Jailton Lopes Sousa e, que contém uma entrevista biográfica. Além da transcrição de alguns trechos, e da digitalização de algumas imagens, para fluidez deste texto optei pela sobreposição dos discursos tanto da publicação, quanto de algumas conversas-entrevista que realizei para desenvolvimento deste trabalho e de minha memória.

Ambrogio Fornasiero, ou Frei Xavier, é o fundador e o presidente da Ação Social Nossa Senhora de Fátima. São diversos os adjetivos utilizados pelos moradores de Veleiros para defini-lo: *trabalhador, enérgico, obstinado, intelectual, visionário, pastor, orientador, homem de fé, exemplo de vida religiosa, educador, guerreiro, simplicidade*. Para ilustrar seus atributos foi ainda comparado a uma *formiguinha* (nunca para de trabalhar); e de *águia* (tem uma visão aguçada e atenta, seja em relação à Ação Social, seja em relação aos paroquianos). Diante do seu empenho e esforços para levar adiante as empresas que sustentam a escola e a creche foi ainda intitulado de "empresário que está padre²⁰". Também foram atribuídos como características de sua personalidade os adjetivos: "genioso" e "italiano".

²⁰ Em algumas das entrevistas que realizei (transcritas ao final deste trabalho) foram estas as palavras que surgiram quando os entrevistados se referiam ao Frei Xavier.

De fato, Frei Xavier é italiano, nasceu na cidade de Milão no ano de 1930.

Ilustração 14: Família Fornasiero (1938)



Milão, 1938 (da esquerda para a direita), as crianças: Frei, irmão Tarcísio, a mãe segurando Maria Pia, irmã Julia, irmã Ana e irmão Nando e o pai.

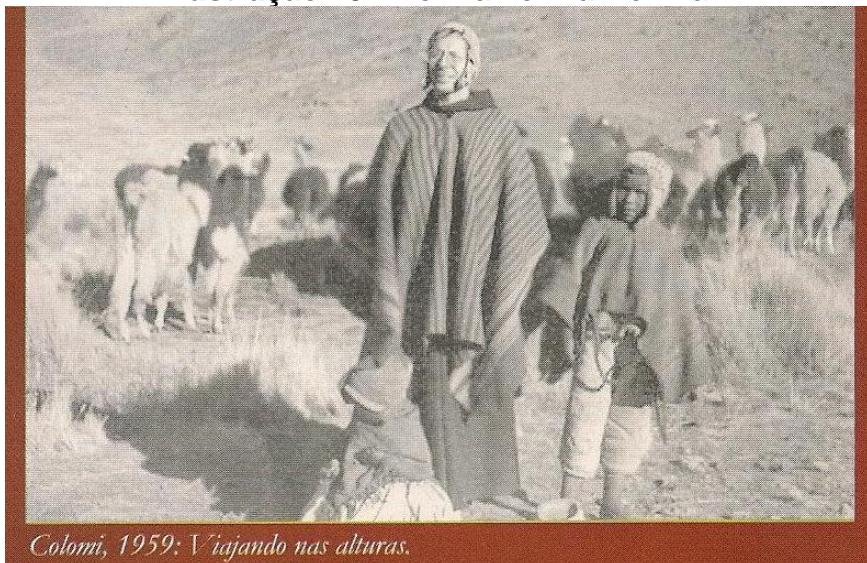
Aos treze anos de idade foi a um seminário visitar o irmão de uma vizinha, quando sentiu "como que um chamado para encarar uma missão. Tentei resistir à voz interior. Um ano depois acabei aderindo a ela. Quando entrei no seminário, o amigo que antes tinha visitado abandonou daí a poucos dias." (SOUSA, 2005, p.2) Tinha aproximadamente 14 anos quando entrou para a Ordem Religiosa dos Franciscanos. Fez os estudos para conhecer as normas, para aprender sobre sua espiritualidade.

Na qualidade de vocacionado assumi a identidade – a de Frades Menores – quando fiz o Noviciado, aos 18 anos. Continuei os estudos de Filosofia e Teologia até os 25 anos. Em 26 de junho de 1955 fui ordenado sacerdote. (Id. ibidem, p.3)

Por 3 anos ficou na Itália, na cidade de Asti.

Com 28 anos embarquei no navio Américo Vespucci e desembarquei no Chile, no porto de Arica. Fui destinado a Sacaba, grande centro de venda de coca. Fiquei pároco do lugar com a responsabilidade de muitas capelas, distribuídas numa extensão de dezenas de quilômetros, algumas distantes 2 dias de viagem a cavalo, nos cumes dos Andes. Grande parte dos meus paroquianos eram índios. Lembro-me que um índio dizia que "Nossa Senhora tinha aparecido numa pedra que ele venerava". Cabia a mim acreditar na fé deles, sem discordar. (Id. ibidem, p.4)

Ilustração 15: Frei Xavier na Bolívia



Colomi, 1959: Viajando nas alturas.

Colomi, 1959: Viajando nas alturas

Fonte: 50 anos depois

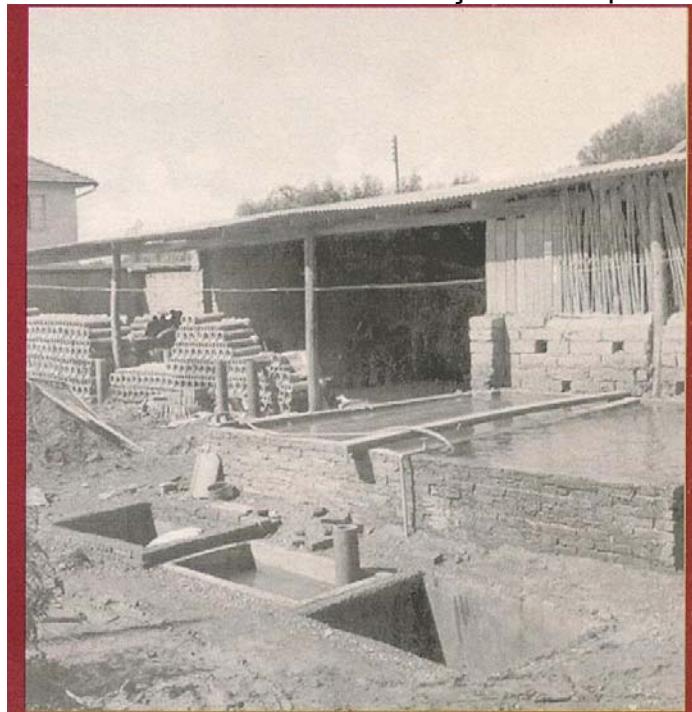
Em 1961 foi nomeado pároco na igreja São Pedro de Cochabamba (Bolívia).

Grassava então na Bolívia uma peste social que era a agiotagem que, minava a economia e a estabilidade das famílias. A Igreja organizou em muitas paróquias do país as Cooperativas de Crédito e Poupança para criar os recursos básicos e garantir a sobrevivência da pequena economia das classes menos abastadas. Fundamos então a Cooperativa de São Pedro da qual fui nomeado presidente. Lembro-me ainda, que na primeira semana, as inscrições renderam a soma de 30 dólares. Claro sinal que o pessoal não acreditava na iniciativa porque não tínhamos conquistado a confiança do povo.

Aceitei, com os demais diretores, o desafio de obter o crédito junto às massas. No giro de 3 anos reunimos um capital de 1 milhão de dólares, bem superior ao de vários bancos de Cochabamba. Os sócios já eram milhares. Descobri que o cooperativismo é o lado social do evangelho, primeiro porque desenvolve a confiança recíproca, já que os empréstimos exigiam dois avalistas, também sócios da mesma cooperativa. E depois era dinheiro comunitário, poupança suada dos vizinhos de bairro. No encerramento do ano social eram subtraídas dos juros acumulados, as despesas e perdas e o restante voltava para os sócios. Durante esses anos surgiu a idéia de fazer uma Cooperativa de construção de casas. O

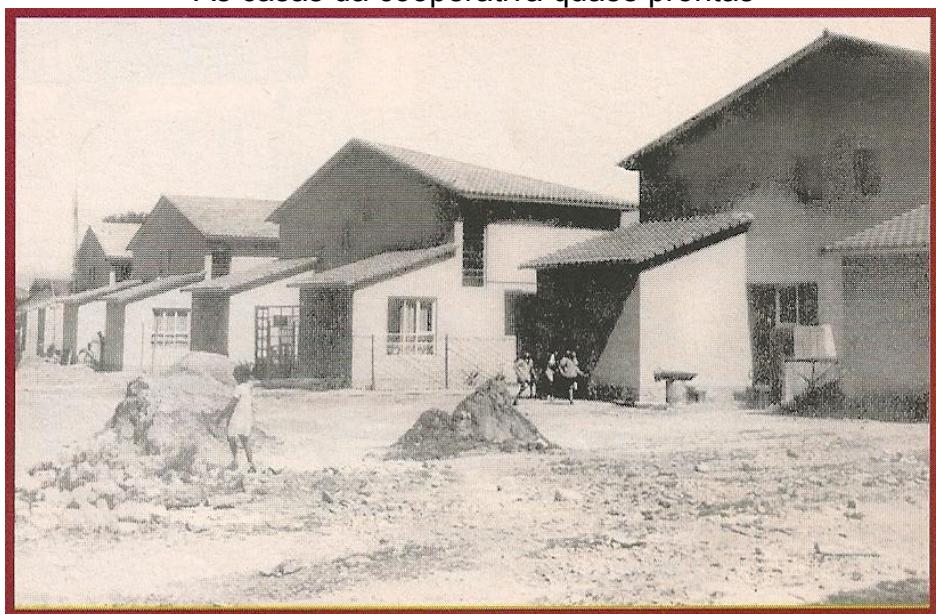
custo era a um preço acessível às famílias de classe média baixa e para garantir a qualidade dos materiais de construção os frades da Paróquia de São Pedro cederam um terreno que foi destinado à fabricação dos materiais das casas, como os pisos, tubos, telhas de cimento vibrado, etc. A distância de 7 km foi alugado um terreno próprio para a fabricação e a queima de tijolos. (SOUZA, 2005, p.8-9)

Ilustração 16: Cochabamba, 1964
A fábrica de materiais de construção da cooperativa



Fonte: 50 anos depois

Ilustração 17: Cochabamba, 1967
As casas da cooperativa quase prontas



Fonte: 50 anos depois

É possível perceber que já em suas primeiras ações missionárias Frei Xavier demonstrou estar à frente de seu tempo, sua preocupação e atividades estavam voltadas para o aspecto social, diretriz estabelecida pela Igreja anos mais tarde.

Foi na década de 1960, especificamente no período de 1962 a 1965 que a Igreja Católica reuniu seus bispos, arcebispos e cardeais para repensar sobre seu papel e suas ações. Esta reunião, chamada de Concílio, promoveu algumas reformas e traçou diversas orientações. Conforme Luís Gandin para a área da educação foi elaborada "uma Declaração específica (...) a *Gravissimum Educationis*²¹ (...) [e] cabia aos bispos latino-americanos a transposição das orientações do Concílio para a América Latina" (1995, p.12).

Assim no ano de 1968, em Medellín, houve a II Conferencia do Episcopado Latino-Americano que propôs uma educação engajada "na luta por uma sociedade mais justa na América Latina (idem, p.13). Ainda para Gandin

Deste grupo, mais tarde, nasceria uma nova visão de mundo e de Igreja, uma reflexão que pregaria o envolvimento ativo (e sem meias medidas!) da Igreja na luta pela libertação da situação de miséria das classes subalternas: a Teologia da Libertação (...), com uma clara proposta de ruptura com a sociedade capitalista. (1995, p.13)

Em 1966 Frei Xavier voltou para a Itália, primeiro para um período de férias, depois foi ministrar aulas de Moral Cristã em escolas do ensino médio nas cidades de Milão e Turim. Mas seu desejo era o de estar à frente de trabalhos sociais, então:

Aproveitei o ensejo que minha irmã, Ana Maria, freira missionária no Brasil e que conhecia o Cardeal Rossi em São Paulo. Ela fez os necessários contatos para um eventual interesse da Arquidiocese. O contrato se concretizou e com plena anuência dos meus superiores estou a serviço da Diocese desde agosto de 1968. No Brasil comecei a trabalhar na paróquia de Santa Rita²². (SOUSA, 2005, p.10)

Logo conquistou a empatia de todos. Da amizade feita com os líderes da SAV e com a colaboração dos demais moradores do bairro prontamente "as mangas foram arregaçadas".

... promovi a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Veleiros, sob o desenho do arquiteto Roberto Collaço²³. O templo surgiu em dez meses e foi

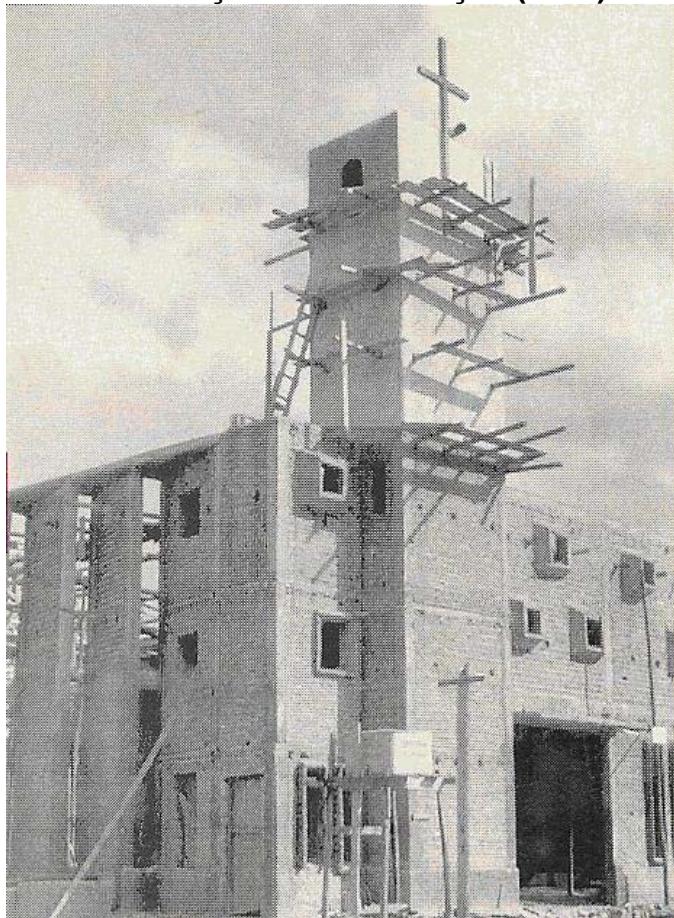
²¹ Os temas dos princípios estabelecidos por esta Declaração foram: 1. Direito universal à educação; 2. A educação cristã; 3. Os educadores; 4. Vários meios para a educação cristã; 5. Importância da escola; 6. Obrigaçāo e direitos dos pais; 7. Educação moral e religiosa em todas as escolas; 8. As escolas católicas; 9. Diversas espécies de escolas católicas; 10 Faculdades e universidades católicas; 11. Faculdades de Ciências Sagradas e 12. A coordenação das escolas católicas;

²² Localizada na Vila Califórnia, bairro vizinho a Veleiros

²³ Sócio proprietário da Collaço & Monteiro Arquitetos. Responsável por diversos projetos residências e comerciais em São Paulo e no Rio de Janeiro, destacando-se o Faria Lima Square. Recebeu diversos prêmios, dentre eles em 2005 e 2007 pelo Destaque ADEMI - Prêmio Master Imobiliário na

inaugurado em março de 1970. Passei a ser pároco desta comunidade e fiquei até março de 1987. Durante este longo período construímos com equipes de voluntários a creche e a escola de mecânica geral e de desenho técnico. (SOUSA, 2005, p.10)

Ilustração 18: Construção (1969)



Fonte: 50 anos depois

Frei Xavier solicitou ao arquiteto que o altar, ao invés de ficar ao fundo da igreja, ocupasse uma posição mais central, que fosse aberto à participação do povo, e que durante as celebrações, ele pudesse estar mais próximo de todos. Ainda no interior da igreja quis apenas uma imagem para devoção, a da Nossa Senhora de Fátima, que é a padroeira da paróquia. Nem mesmo a cruz possuía a imagem do Cristo crucificado.

A maneira como queria que o prédio estivesse organizado reflete a maneira, o jeito de ser de Frei Xavier, é uma pessoa aberta aos que o procuram, gosta de estar próximo aos paroquianos. Transmite uma fé que está presa a materialidade. Como

categoria "empreendimento residencial de médio porte" e em 2009 recebeu o Grande Prêmio de Arquitetura Corporativa.

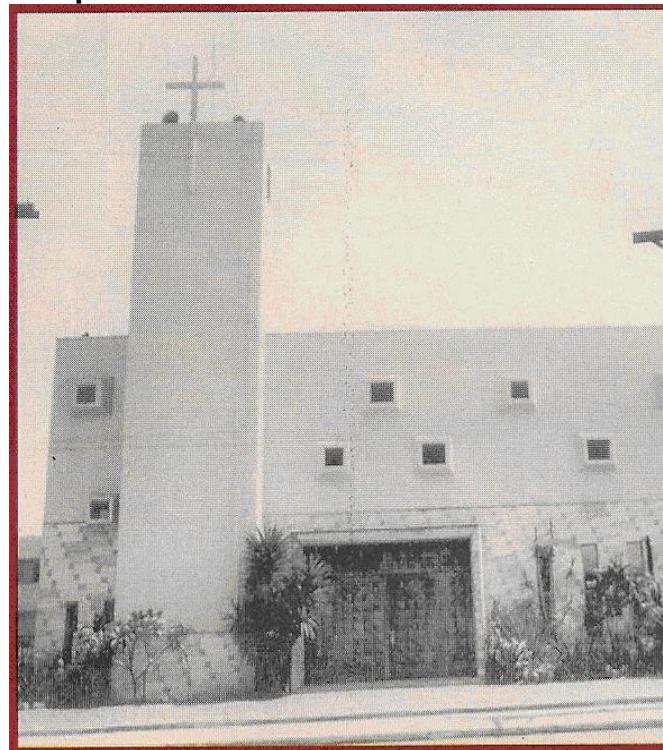
franciscano fez o voto da pobreza, não acumula bens para si. Não quis uma igreja com ostentações. A casa paroquial foi feita ao lado torre na igreja.

Ilustração 19: interior da paróquia



Arquivo Pessoal

Ilustração 20: Paróquia Nossa Senhora de Fátima totalmente concluída (1971)



Fonte: *50 anos depois*

Em suas homilias²⁴ buscava manter o diálogo, fazia perguntas, contava anedotas, trazia exemplos da vida cotidiana. Na vida diária, circulava pelo bairro de bicicleta, conversava com os moradores na rua, nos portões, fossem adultos ou crianças. Esta maneira de ser e agir o aproximou da população do bairro.

Como apontado anteriormente, o Brasil vivia um momento propício aos movimentos sociais populares, os indivíduos participavam e apoiavam ações coletivas, e no bairro de Veleiros não era diferente.

Unindo estes duas peculiaridades – população local organizada e Frei Xavier, a ação social foi potencializada e institucionalizada.

No mesmo ano em que a construção da igreja foi concluída, a ação dos moradores, sob a liderança do Frei foi mobilizada para a construção de uma creche, para atender principalmente as crianças moradoras da favela Vila da Paz, localizada no entorno do autódromo de Interlagos.

No início, a creche era mantida com doações, principalmente dos paroquianos e dos moradores de Veleiros.

Na década de 70, sem conseguir atender a demanda, a prefeitura acordava em parcerias. Após diversas tentativas, e muita burocracia a creche Nossa Senhora de Fátima, firmou o convênio. Porém o auxílio financeiro e dos recursos ocorria de forma intermitente. A creche necessitava de uma fonte financeira segura e regular para as crianças.

Com recursos de seus familiares na Itália, Frei Xavier trouxe maquinário metalúrgico, e instalou uma Oficina Metalúrgica, que torneava e produzia peças para diversas indústrias instaladas no distrito de Capela do Socorro.

Do contato com diversos empresários, e pela própria experiência na Oficina Metalúrgica foi percebida a necessidade de mão de obra qualificada. Frei Xavier sugere para a Ação Social Nossa Senhora de Fátima a criação de uma escola profissionalizante. A mobilização da comunidade foi direcionada para a construção das instalações físicas. Enquanto isso, ele foi cursar Pedagogia, na Organização Santamarense de Educação e Cultura (OSEC, atual UNISA).

Em 1979, foi inaugurada a Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima, que oferecia cursos de Ajustagem, Desenho Técnico e Tornearia.

²⁴ Comentários, sermões ou conversas que são realizados durante a missa, após as leituras dos textos bíblicos

Mesmo oferecendo cursos de formação técnica, Frei Xavier se preocupava com a formação humana, ao montar o Plano Escolar e de Ensino, acrescentou a disciplina Moral Cristã.

Ano a ano a escola foi aumentando a oferta de vagas, para atender a procura. Em 1987 Frei Xavier foi transferido para a Paróquia São Benedito (Vila Sônia), onde ficou por dois anos. Em novembro de 1989 retornou a Paróquia Santa Rita de Cássia, e permanece como pároco até hoje. Sua atuação na Ação Social Nossa Senhora de Fátima só foi interrompida quando em 1989 sofreu um grave acidente automobilístico na Avenida Giovanni Gronchi, chegando a ficar dois meses hospitalizado.

De volta à ativa e percebendo que o mercado de trabalho estava migrando para o setor terciário, Frei Xavier definiu que novos cursos poderiam ser oferecidos para a formação profissional dos jovens, tais como: Auxiliar de Escritório; Técnico em Secretariado e Técnico em Processamento de Dados. Para que isso se tornasse possível disponibilizou a herança recebida de seu pai, mais as doações do Instituto C&A, as arrecadações de quermesses, feijoadas, bingos, etc. E assim foi construída uma nova unidade.

Mas somente a Oficina Metalúrgica já não atendia a necessidade financeira, foi então montada uma padaria industrial e três anos mais tarde uma gráfica.

Ainda a frente da Ação Social, e dirigindo todas as atividades, Frei Xavier conta com uma equipe diretora atuante e com voluntários também na rotina da escola.

A diretoria da entidade dirige comigo este empreendimento que se avoluma cada vez mais, exigindo muita atenção e dedicação.

É nosso princípio de ação não separar o corpo do espírito e colocamos no plano social o ponto de encontro dos anseios que inspiram o homem. Depois da encarnação de Cristo, Deus se encontra com o homem através do corpo. Esta é a justificativa do nosso serviço social. (SOUSA, 2005, p. 11)

Como pároco na igreja de Santa Rita também coordena mais de 30 pastorais. Mantém-se atento aos trabalhos desenvolvidos na paróquia, celebra as missas, atende aos paroquianos que o procuram.

Com a Ação Social Nossa Senhora de Fátima consegue atender as crianças pequenas e os jovens, mas sentia que precisa atender os adolescentes:

Sempre pensei que é melhor prevenir do que remediar. Os meninos e as meninas dessa região precisavam de um lugar para preencher, fora da escola, o tempo

livre. A comunidade acalentou comigo a idéias de criar um Centro de Juventude, a partir de 1997. Foi comprado um terreno de 1.500 m². E novamente com o desenho do arquiteto Roberto Collaço, em pouco tempo tivemos a alegria de inaugurar-lo com a benção do nosso bispo Dom Fernando. Alimentos, cultura, moral e acolhida fraterna não faltam aos meninos que acolhemos. (Sousa, 2005, p.13)

Atualmente são 250 crianças e adolescentes freqüentam o Centro de Juventude, alguns almoçam e todos participam de atividades recreativas, artísticas, esportes, apoio a lição de casa, e tem aula de Moral Cristã.

Ilustração 21: Centro de Juventude da Ação Social Santa Rita de Cássia (2005)



Fonte: 50 anos depois

Ilustração 22: Apresentação do grupo “Maracatucando” no Centro de Juventude na festa de Santa Rita de Cássia em maio de 2011



Fonte: <http://www.portaldeinterlagos.com.br>

Além do serviço pastoral, da presidência das Ações Sociais, da direção a Escola Profissional, Frei Xavier também elabora e prepara aulas de Moral Cristã para duas escolas públicas da região.

Depois dessa longa conversa, só resta-me agradecer a Deus por me ter feito encontrar tantas pessoas extraordinárias, com as quais fiz bons trechos de estrada no percurso de sacerdócio. É com esses inúmeros voluntários que criamos os projetos do reino de Deus.

Não esquecendo a Ordem Franciscana, à qual pertenço: a Província de São Boaventura, na qual me formei e a Província da Imaculada Conceição do Brasil que me acolheu e as missões da Bolívia na qual encontrei os maiores desafios culturais e adotei o cooperativismo. Só por esses encontros tem valido a pena minha missão. (SOUZA, 2005, p.11)

Ilustração 23: **Frei Xavier**



Fonte: www.n-fatima.org.br

1.4. A História da Ação Social

Após o golpe civil-militar ocorrido em 1964 em que as ações dos partidos políticos e dos sindicatos foram duramente cerceadas, diversas manifestações da sociedade civil emergiram. Segundo Fúlia Rosemberg "as mulheres participaram intensamente dos movimentos (...) desde logo [aparece] a reivindicação por creche." (1984, p. 76) Ainda que, oficialmente o registro do 1º ato público reivindicatório date o ano de 1975 (id. ibid.), antes disso Frei Xavier mostrou-se sensível às necessidades das mães por trabalho e que por não terem onde deixar seus filhos, não conseguiam colocação no mercado, então cerca de um ano após a inauguração da igreja, em maio de 1971, a Ação Social Nossa Senhora de Fátima estava sendo fundada, com uma creche. Inicialmente instalada em um prédio ao fundo da igreja, com a capacidade para atender gratuitamente 150 crianças de 1 a 6 anos.

Mas somente as doações da comunidade e os parcisos recursos fornecidos pela Secretaria de Assistência Social²⁵ da Prefeitura de São Paulo não eram suficientes para que a creche pudesse oferecer um atendimento de qualidade e constante. No intuito de manter a sustentabilidade, Frei Xavier liderando a Ação Social, montou uma Oficina Metalúrgica para produzir peças para as indústrias do entorno.

Na década de 70, a capital paulista, mais precisamente a região ao longo da Marginal Pinheiros "viveu um intenso processo de expansão industrial (...) e teve como um de seus aspectos, a ampliação do parque industrial de Santo Amaro"²⁶. O aumento da instalação de grandes indústrias aliado à disponibilidade de grandes espaços promoveu um processo de expansão urbana para a região da Capela do Socorro, mais precisamente nos distritos de Cidade Dutra e Grajaú. Expansão esta diferente das décadas anteriores, a ocupação ocorre agora de maneira não planejada e com a total falta de infra-estrutura pública e de equipamentos sociais. Entretanto, já em 1975, a área é regulamentada pela Lei de Proteção aos Mananciais, bem como fica delimitada como "área de zoneamento industrial".

²⁵ Na década de 1970 esta secretaria era a responsável pela regulamentação, funcionamento e fiscalização das creches. A oficialização do convênio entre a prefeitura e as creches somente ocorreria na de 1980. (ROSENBERG, 1984)

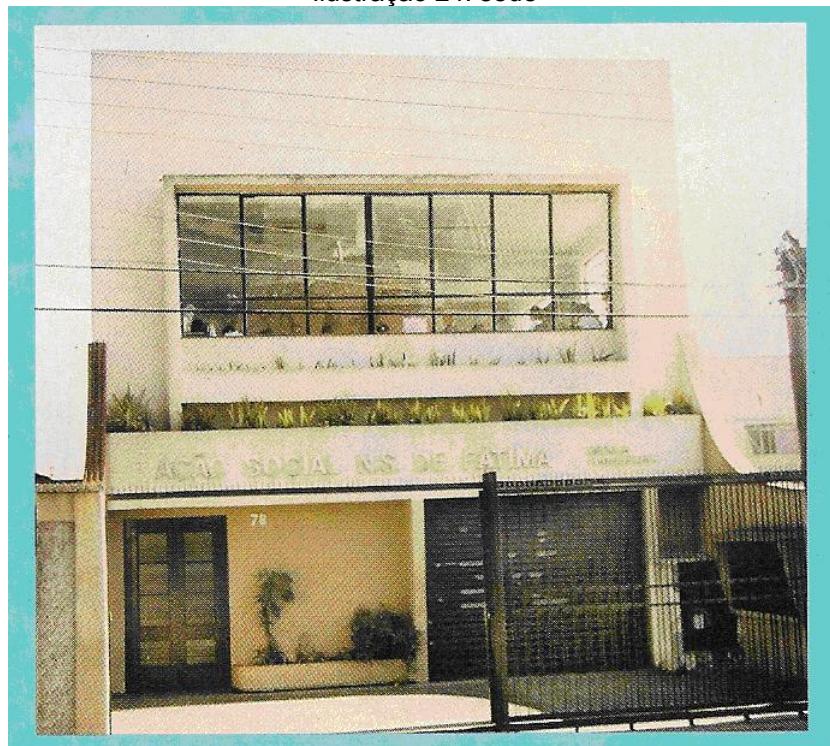
²⁶ Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/subprefeituras/capela_do_socorro/histórico/index.php?p=916
Acesso em 14 de maio de 2011.

Percebendo que muitos adolescentes e jovens abandonavam (ou eram excluídos) da escola e não tinham o que fazer e, de outro lado, o constante contato com empresários que lhe comunicavam que havia falta mão de obra qualificada para as indústrias da região (e da própria Ação Social), Frei Xavier teve a idéia de oferecer cursos gratuitos de qualificação profissional. Houve novas mobilizações comunitárias com bazares, bingos, arrecadações, doações... E em 1979 foi criada a Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima oferecendo cursos de Tornearia, Ajustagem e Desenho Técnico com capacidade para atender a 250 alunos.

Com o aumento significativo da procura por vagas, inclusive de garotas e, percebendo um potencial para a área de comércio e serviços, a comunidade empenhou-se em organizar vendas de feijoada, pizza, pastel... E Frei Xavier correu em busca de novas parcerias, a saber:

- Conferência Episcopal Italiana, Fundação Prada, Mable Metal Leve S.A., NGK do Brasil Ltda, Radiex Prod. Automotivos Ltda. e Pró-Vida que doaram máquinas para os cursos de mecânica, e equipamentos para os laboratórios e oficinas;
- Instituto C&A patrocinou a construção da unidade contígua;
- Instituto Camargo Correa colaborou com a execução da obra de reforma do telhado, e para instalação do anfiteatro;
- Rotary Club de São Paulo – Interlagos e SERPRO com a doação de equipamentos de informática;
- SENAI – SP unidade Ary Torres (Santo Amaro): suporte aos docentes e certificação aos alunos de uma parte da carga horária do curso.

Ilustração 24: sede



Fonte: *50 anos depois*

Em 1994, todo o esforço resultou na construção de um novo prédio e o funcionamento de novos cursos: Eletricista, Auxiliar de Escritório, Secretariado.

Ilustração 25: unidade contígua



www.n-fatima.org.br

No decorrer dos anos e com o aumento da procura por vagas novos títulos foram criados. Todos os cursos oferecidos são reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura e supervisionados pela Secretaria Estadual de Educação, através da Diretoria de Ensino - Sul 3.

Com a meta da ampliação da oferta de vagas e diversidade de cursos, em 1995 foi inaugurada uma padaria, com capacidade diária para a fabricação de 20.000 pães. E em 1997 ocorreu a instalação de uma Gráfica, que desenvolve a produção de catálogos, apostilas, folders, embalagens, revistas e livros, em cores e em preto e branco. Buscando atender a necessidade de contratação de estagiários por parte das empresas parceiras e a inserção dos alunos no mercado de trabalho, a Ação Social constituiu em 2002 sua própria Central de Estágios.

Os resultados financeiros destes empreendimentos são totalmente empregados para a manutenção das atividades educacionais da Ação Social.

1.5. A Escola Profissional

1.5.1. Estrutura

1.5.1.1. Instalações físicas

18 salas de aula, equipadas com cadeiras universitárias, lousa ou quadro branco

5 oficinas / ambientes para aprendizagem prática (Auto-elétrica; Mecânica de auto; Mecânica de usinagem; Elétrica industrial e residencial; Tornearia)

4 laboratórios de Informática

1 laboratório de Informática específico para o curso de Comunicação Visual

1 escritório-modelo

1 ambiente de hospedagem

1 cozinha pedagógica

1 biblioteca, com cerca de 5.000 títulos (técnicos e literatura)

1 auditório (com capacidade para 250 pessoas)

1 refeitório para almoço e lanche dos alunos

2 refeitórios para docentes

2 salas para docentes

1 cozinha industrial (com capacidade para 400 refeições / dia)

1 quadra poliesportiva

1.5.1.2. Equipamentos

A Instituição dispõe de T.Vs., vídeos, DVD - Player, data show, gravadores, computadores, equipamentos de som e materiais que atendem à especificidade dos cursos oferecidos.

1.5.1.3. Pessoal

- 25 docentes
- 18 funcionários (coordenadora pedagógica, secretárias, recepcionistas, contador, gerente e auxiliares administrativos, bibliotecária, cozinheira e auxiliares de cozinha, faxineiras, almoxarife e manutenção)
- 3 estagiários (informática e administrativo)
- 50 voluntários/as (que colaboram na cozinha, secretaria, manutenção, serv. administrativos e docência na disciplina de Moral Cristã)

1.5.2. Cursos Oferecidos

No início do ano letivo de 2011 matricularam-se 1.400 jovens na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima em 10 cursos:

- Formação Inicial de Trabalhadores: Mecânica de Usinagem, Eletrotécnica e Eletromecânica de Autos.
- Técnicos de nível Médio: Administração, Comunicação Visual, Hospedagem, Informática, Secretariado.
- Livres: Inglês e Ação-Trabalho.

1.5.3. Ingresso

A inscrição dos interessados em freqüentar a Escola ocorre durante o mês de outubro. Em novembro os jovens fazem uma prova, que possui 50 questões, sendo 48 de múltipla escolha e 2 dissertativas. São 20 de Língua Portuguesa, 20 de Matemática e 10 de Conhecimentos Gerais. As questões são baseadas em temas e assuntos abordados pela escola regular²⁷, mais especificamente em conteúdos da 8^a e 9^a ano do Ensino Fundamental.

A aprovação para a matrícula é a partir do resultado classificatório até o limite de vagas ofertadas. Ou melhor, podem efetuar a matrícula os jovens que obtiveram maior número de acertos na prova combinado com a renda econômica familiar e escola regular que freqüenta (ou freqüentou).

Em 2010 foram efetuadas 4.387 inscrições, sendo efetivadas 1.623 matrículas. Destas, 1.470 jovens concluíram os cursos. Portanto apenas 153 jovens não concluíram o curso, assim atingiu-se o percentual de 9,43% entre evadidos e reprovados.

1.5.4. Dados dos alunos

Com o intuito de apresentar o perfil dos alunos da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima apresento os dados do ano de 2010, tanto por serem os mais atuais tabulados, quanto podem ser considerados como uma base de referência média, pois pouco diferem dos censos internos realizados nos anos anteriores.

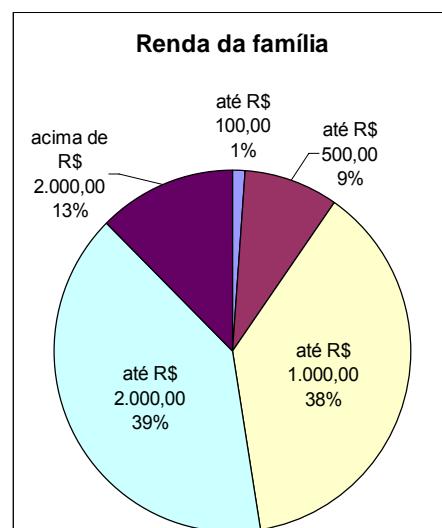
²⁷ Denomino Escola Regular aquela pertencente à Educação Básica: de Ensino Fundamental ou Ensino Médio

1.5.4.1. Renda familiar

A Escola tem como prioridade atender jovens que provem de famílias em situação econômica desfavorecida, porém com condições de custear seu próprio transporte até a escola. Cabe ressaltar que para preencher as vagas disponíveis a instituição não deixa de aceitar os jovens de família que possuem renda superior. Mas limita a 10% o total de vagas destinadas a esses jovens.

Gráfico 1: Gráfico da Renda familiar

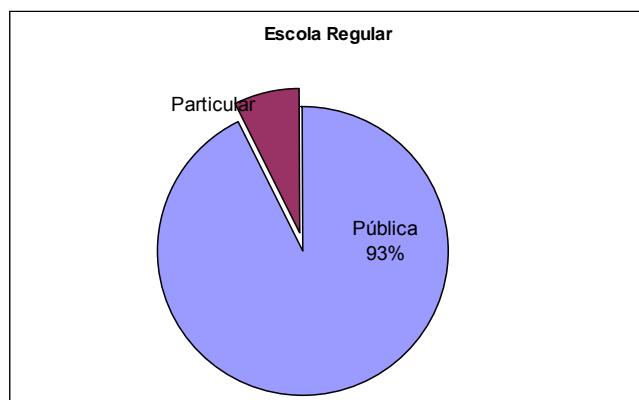
Ninguém trabalha ou vive apenas com “bolsa” de origem pública: 8 alunos
Menos de R\$ 100,00: 9
De R\$ 101,00 a R\$ 500,00: 142
De R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00: 614
De R\$ 1.001,00 a R\$ 2.000,00: 646
Acima de R\$ 2.000,00: 204



1.5.4.2. A “outra” escola

A Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima oferece somente cursos de qualificação profissional e cursos técnicos, mas como a faixa etária atendida comprehende a idade de 15 a 25 anos, muitos alunos ainda estão cursando o ensino médio e o fazem em outra instituição escolar. A prioridade é atender jovens que estudam em escolas públicas, mas também atende jovens que estudam ou estudaram em escolas particulares, seguindo a norma de até no máximo de 10% de jovens de escolas particulares em cada sala de aula. Em 2010, foram 1.506 jovens que estudaram em escolas públicas e 117 que estudaram em escolas particulares.

Gráfico 2: Gráfico do tipo de escola dos alunos



1.5.4.3. Nível de escolaridade

A escolaridade mínima exigida para os interessados nos cursos de Formação Inicial é a 8^a série (ou 9º ano) do Ensino Fundamental. Em relação aos cursos livres e técnicos os jovens deverão estar cursando (ou concluído) o Ensino Médio.

Gráfico 3: Gráfico da escolaridade dos jovens

Cursando o Ensino Fundamental: 32

Cursando o Ensino Médio:

1^a série: 249

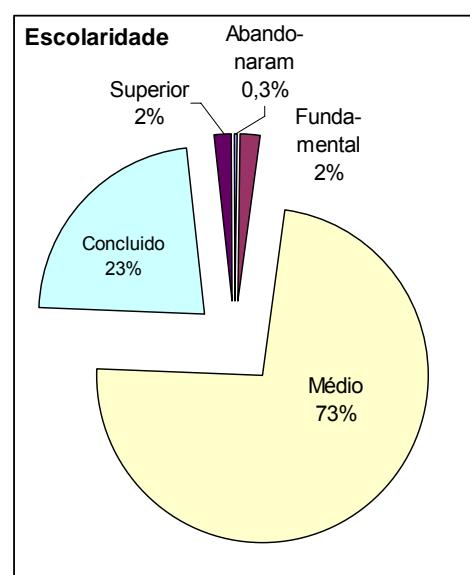
2^a série: 547

3^a série: 356

Concluíram o Ensino Médio: 358

Cursando o Ensino Superior: 32

Abandonaram a escola regular: 49



Capítulo II

Da natureza da Educação Profissional

2.1. Explorando o conceito

O termo “Educação Profissional” tem sido utilizado para designar uma variada e não tão distinta categoria de ensino. São contemplados desde Programas (ou níveis) de Ensino, regulamentados por decretos-lei, que explicitam seu objetivo como a capacitação e formação de trabalhadores e de cidadãos, até os cursos de treinamento oferecidos pelas empresas privadas ou públicas aos seus funcionários, servidores, colaboradores, e às pessoas desempregadas.

A atual legislação sobre educação não apresenta definições conceituais para a “Educação Profissional”, apenas determina a quem se destina e estabelece os modos e níveis de sua organização e para certificação²⁸.

É possível verificar que independente do nível ou da modalidade abordada, a educação escolar brasileira, abordada no texto da lei, tem por finalidade preparar o educando tanto para o exercício da cidadania quanto para o trabalho.

Título II Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Na pesquisa da literatura sobre o tema de Educação Profissional foi possível encontrar similaridade em diversos termos e significados que acredito ser relevante destacá-los.

²⁸ No próximo tópico deste capítulo apresento de maneira mais esmiuçada a legislação brasileira sobre a Educação Profissional

- “Formação Profissional”: em suas obras, Celso Ferretti (1997) e Afrânio Catani (2002) utilizam esta nomenclatura ao se referirem aos cursos de graduação. Já Antonia Aranha (1996) utiliza este mesmo termo para abordar os cursos de treinamento oferecidos no interior de uma empresa; David Atchoarena (2001) em documento preparado para a UNESCO engloba o sistema educacional oficial de preparação para o trabalho aí incluso o Ensino Técnico;
- “Ensino Profissional”: Marcela Alejandra Pronko (1999) discorre em seu artigo como um termo sinônimo a “Formação Profissional” para caracterizar a modalidade de ensino que instrui os educandos para atender as necessidades do processo produtivo, destacando que “esbarramos com uma multiplicidade de discursos” e contrapõe esta modalidade ao “Ensino Geral”.
- “Formação de Profissionais”: Sonia Kramer (1994) assim intitula a categoria dos cursos que habilitam para exercício de uma profissão;
- “Ensino Profissionalizante”: Giseli Novelli define como um “campo da aprendizagem escolar (...) e instrução popular” (1995, p.5);
- “Educação para o Trabalho”: para Aldacy Coutinho (2007) estão nesta categoria os cursos e programas que preparam de maneira direta para o mercado de trabalho;
- “Formação de Trabalhadores”: é utilizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para classificar e normatizar o processo formativo de trabalhadores. (Lei nº 9394/96)

Este mesmo órgão também designa um programa, o "Bolsa - Formação Trabalhador", dentro do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) que

oferece cursos de qualificação a pessoas em vulnerabilidade social e trabalhadores de diferentes perfis. (...) os beneficiários terão direito a cursos gratuitos e de qualidade, a alimentação, a transporte e a todos os materiais escolares necessários. (BRASIL, 2011)

Paolo Nosella, em uma Conferência realizada em 2006, defendeu que o termo "formação de trabalhadores" é distinto ao termo "formação política", justificando que uma proposta educacional sob os princípios marxistas "(...) consiste na fórmula pedagógica-escolar de "instrução intelectual, física e tecnológica para todos [...] pública e gratuita [...] de união do ensino com a

produção [...] livre de interferências políticas ideológicas" (2007, p.148), portanto diferente da que é oferecida pela realidade brasileira.

- "Formação Técnico-profissional": é a formação que ocorre dentro do ambiente das empresas, conforme apresentado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) na Lei nº 10.097 no ano 2000²⁹:

Art. 428 § 4º A formação técnico-profissional a que se refere o caput deste artigo caracteriza-se por atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho.

- "Capacitação Profissional": no site institucional do governo federal³⁰ este termo remete a Rede Federal da Educação Profissional, inclusive ao sistema S³¹.

Idalberto Chiavenatto³² na obra de referencia aos cursos da área de Administração e de Recursos Humanos assim define este termo:

Capacitação Profissional, é tornar habilitado para o desenvolvimento de uma função, é qualificar a pessoa para determinado trabalho, visando através da formação básica e profissional, a construção de competências e habilidades para que as pessoas possam compreender e agir sobre sua própria realidade, transformando-a, adaptando-se assim para o mercado competitivo, uma vez qual a pessoa deverá estar pronta, com hábitos e atitudes condizentes às exigências desse mercado. (1999. P. 357)

Essa terminologia também é utilizada pelo MTE em diversos documentos que abordam a aprendizagem para o trabalho, tais como:

a) Portaria nº 615, que trata sobre o Cadastro Nacional da Aprendizagem, no artigo 4º em que faz as recomendações para as entidades

²⁹ Esta lei altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT / 1943) instituindo o Contrato de Aprendizagem e especificidades para o trabalhador da idade entre quatorze e dezoito anos. Também foi regulamentada pelo decreto 5.598/05

³⁰ <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/ensino-tecnico/mercado-de-trabalho>

³¹ Termo que define o conjunto das organizações corporativas, voltadas para a capacitação profissional e assistência social, que tem seu nome iniciado pela letra S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Social da Indústria (SESI); Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC); Serviço Social do Comércio (SESC); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP); Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT) e Serviço Social de Transporte (SEST) e Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas Empresas (SEBRAE)

³² Doutor em Administração, graduado em Filosofia e Pedagogia, Conselheiro do Conselho Regional de Administração - SP, e autor de diversos livros na área de Administração e de Recursos Humanos

ofertantes do curso, estabelece como uma das diretrizes: "qualificação social e profissional adequadas às demandas e diversidades dos adolescentes..."

b) para os cursos que preparam o trabalhador para o mercado de trabalho; estão nesta categoria os cursos oferecidos pelo Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador (Planfor) e com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) com objetivo da recolocação no mercado de trabalho, exceto os cursos de curta-duração.

- “Qualificação Profissional”: tanto o MTE quanto para o MEC designam os cursos de curta-duração que objetivam preparar o trabalhador para uma área ou técnica específica. Em uma pesquisa realizada por Eneida Shiroma e Roselane Campos as apontam que este termo também contempla desde o ensino para as habilidades técnicas até outros com ênfase em “atributos diferentes como comportamentos, atitudes e valores.” (1997 p. 5)

- “Educação Profissional Técnica de Nível Médio” e “Ensino Técnico” ambas apresentadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2004), para designar um nível da educação escolar, a ser freqüentada em período posterior ao da Educação Básica³³,

- “Educação Profissional e Tecnológica” este termo nomina uma secretaria que está diretamente vinculada ao MEC, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Além de ser uma entidade, o termo, transformado na sigla EPT, também é utilizado para designar uma categoria educativa mais ampla e abrangente que, comprehende desde os cursos destinados a formação inicial de trabalhadores até os cursos do ensino superior:

A Educação Profissional e Tecnológica está sendo convocada não somente para atender às novas configurações do mundo do trabalho, mas, também, para contribuir com a elevação da escolaridade dos trabalhadores e trabalhadoras em geral. (2008, p.7)

Um novo lugar no desenvolvimento científico e tecnológico nacional, portanto, está sendo construído para essa modalidade de ensino (idem, p. 6)

- “Educação Tecnológica”: segundo Manacorda (1969) este termo teria sido utilizado primeiramente por Marx no Manifesto Comunista (1848) e no Capital (1867), que em linhas gerais seria uma das dimensões da educação relativa à

³³ Ou concomitante se forem realizadas de maneira articulada ao Ensino Médio, ou ainda aos jovens e adultos que não tiveram acesso ao ensino fundamental "na idade própria"

apropriação de conhecimentos do processo de produção, assim como os estudos iniciais para o manejo das ferramentas³⁴. Cabe ressaltar que o termo “Educação Tecnológica” estaria em oposição a “Educação Profissional”, pois nesta categoria Marx considerava apenas como um treinamento (ou adestramento).

O MEC também os configura como modalidades distintas, sendo que a SETEC aborda como Educação Profissional a que é oferecida aos jovens no nível médio de ensino, enquanto que a Educação Tecnológica pertenceria aos educandos que estão no nível superior.

- “Certificação Profissional”, apesar desta terminologia não evidenciar um sistema educativo ou uma modalidade de ensino, amparado pelo artigo 41³⁵ da LDB, a SETEC apresenta esta opção ao trabalhador que comprove sua aprendizagem a um processo produtivo. E este caminho por ser feito por meio de um sistema, de uma modalidade ou de um curso (em que há o desenvolvimento de competências e habilidades) como também pode ocorrer pelo reconhecimento dos conhecimentos adquiridos no exercício da prática no ambiente de trabalho, tornando o profissional “jus” a uma certificação³⁶.

- "Aprendizagem" – pode causar estranheza a apresentação deste que seria um conceito, porém é um termo que designa uma modalidade da educação profissional, conforme consta no artigo 62 da Lei 8.069/1990 - do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): "considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor".

Também o Ministério do Trabalho e Emprego aborda o termo ora como conceito, ora como um programa, ora como curso específico, ora programa e curso concomitantemente³⁷.

³⁴ As outras seriam a intelectual e a corporal.

³⁵ Texto da lei: O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

³⁶ Por não ser o foco deste trabalho esta categoria não será aprofundada. Para melhor entendimento a respeito sugiro a leitura do artigo: *Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional* de Carmen Sylvia Vidigal Moraes e Sebastião Lopes Neto, publicado na Revista Educação e Sociedade vol. 26 nº 93. Campinas set./dez. 2005. Também possível de ser encontrado em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27288.pdf>

³⁷ www.3mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_apresentacao.asp

Cabe esclarecer que a Lei 10.097/2000 regulamentada pelo decreto nº 5.598/2005

Estabelece que todas as empresas de médio e grande porte estão obrigadas a contratarem adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos (...) ao mesmo tempo em que são matriculados em cursos de aprendizagem, em instituições qualificadoras reconhecidas, responsáveis pela certificação. A carga horária estabelecida no contrato deverá somar o tempo necessário à vivência das práticas do trabalho na empresa e ao aprendizado de conteúdos teóricos ministrados na instituição de aprendizagem³⁸.

E a Portaria nº 615/2007

tem como objetivo principal promover diretrizes curriculares para o desenvolvimento dos cursos e programas de aprendizagem, classificados no âmbito da educação profissional como cursos de formação inicial e continuada.³⁹

Assim tanto no site do MTE, quanto nas empresas contratantes, quanto nas instituições qualificadoras ao se referirem a esta modalidade de educação/trabalho denominam-na simplesmente como "Aprendizagem" ou "Aprendiz".

A diversidade de termos para designar a Educação Profissional mais do que distinguir modalidades ou níveis, iguala a categoria da ação educativa que prepara e capacita para o trabalho. Segundo Nosella utilizar termos distintos

(...) não é uma mera questão semântica. A linguagem (e até mesmo a gramática) é uma expressão histórica que nasce do processo cotidiano de comunicação com toda a sociedade, e por isso revela intencionalidade e interesses práticos, políticos ou ideológicos. (2007, p.137)

2.2. Breve retrato brasileiro: práticas e legislação

Cada fase da história do ensino brasileiro vai refletir a interligação desses fatores: a herança cultural, atuando sobre os valores procurados na escolha pela demanda social de educação, e o poder público, refletindo o jogo antagônico de forças conservadoras, com predomínio das primeiras, que acabaram por orientar a expansão do ensino e por controlar a organização do sistema educacional de forma bastante defasada em relação às novas e crescentes necessidades do desenvolvimento econômico. (ROMANELLI, 2002, p. 19)

Até o período colonial, no Brasil, não havia a preocupação com uma formalidade para a educação profissional. Os ofícios e as funções eram

³⁸ Idem

³⁹ Ibidem

aprendidos no próprio ambiente de trabalho, principalmente porque as principais atividades econômicas no país eram agrícolas, executadas por mão de obra escrava. Durante a Primeira República, começam os debates sobre a necessidade de uma oferta de atividades que preparassem a população para atender as necessidades da sociedade em então estava se configurando, mas principalmente para ocupar a população que vinha deixando a área rural e se instalava nos centros urbanos (MORAES, 2002).

Mas foi somente em 1909 que o ensino profissionalizante foi legalmente instituído pelo decreto nº 7.566, de responsabilidade do Ministério da Infra-Estrutura (Agricultura, Indústria e Comércio). Neste decreto foram criadas 19 “Escolas de Aprendizes Artífices”⁴⁰, que ofereciam educação primária e para o trabalho. O objetivo era “a formação de força de trabalho industrial em termos técnicos e ideológicos” (CUNHA, 2005).

Nesse período, a elite política almejava o desenvolvimento do país enquanto se verificava o início do processo de urbanização e de industrialização, que prescindia de mão de obra qualificada. A educação profissional além de atender a esta necessidade também formaria “cidadãos úteis à nação” e “que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime”⁴¹.

Explicitamente as Escolas de Aprendizes e Artífices eram voltadas para o pregaro técnico e das habilidades necessárias para o exercício de profissão própria da indústria⁴². Eram destinadas às crianças com idade entre os 10 e 13 anos (artigo 6º), às “classes proletárias” e aos “filhos dos desfavorecidos de fortuna”⁴³. Estas duas últimas características continuaram a balizar o ideário do ensino técnico-profissionalizante ao longo da história educacional brasileira, recente e especificamente temos também o caso do Programa Aprendizagem que continua vinculado ao Ministério do Trabalho. Por outro lado, para a elite do país, a educação ocorria em cursos superiores, que eram regulamentados pelo Departamento Nacional do Ensino, ligados ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Segundo Cunha (2000, apud NOVELLI: 1995), somente na

⁴⁰ Conforme consta na lei: “uma em cada capital dos estados”. Posteriormente estas escolas deram origem as Escolas Técnicas Federais

⁴¹ Conforme consta no texto introdutório da lei

⁴² Há que se lembrar que nesta época a indústria ainda é manufatureira e atendia a agricultura, a pecuária e a mineração.

⁴³ Idem nota 2

década de 30, o sistema federal das escolas de aprendizes foi transferido para o recém criado Ministério da Educação e da Saúde Pública.

Já no ano de 1911, em São Paulo, foram criadas escolas profissionalizantes estaduais, inicialmente no bairro operário do Brás (esta escola foi subdividida e transferida para outros bairros). Uma característica peculiar para a época foi a implantação de escolas profissionalizantes que atendessem ambos os sexos.

A Escola Profissional Masculina (se tornou a Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, hoje instalada no bairro do Ipiranga) formava os alunos para exercerem as funções de: ferreiro, fundidor, pintor, pedreiro, latoeiro e chofer.

A Escola Profissional Feminina (atual Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, ainda no bairro do Brás, porém em outras instalações) oferecia para as alunas os cursos de: “desenho; datilografia; corte e feitio de vestidos e roupas para senhoras e crianças; corte e feitio de roupas brancas; bordados e rendas; fabrico de flores e ornamentação de chapéus, arte culinária em todos os seus ramos e de economia doméstica”⁴⁴.

Os cursos dessas escolas profissionalizantes eram destinados a jovens a partir dos 12 anos, tinham a duração de 3 anos, e o currículo possuía duas áreas: teórica ou propedêutica e prática. A área propedêutica contemplava aulas de Português, Educação Moral e Cívica, História e Geografia do Brasil, Aritmética e/ou Geometria, Higiene e Desenho; e a área prática era desenvolvida em aulas nas oficinas (nas áreas em que os alunos e as alunas haviam se matriculado).

Cabe destacar que o Desenho “foi entre os anos de 1911 e 1920 a única cadeira obrigatória para todos os cursos, ocorrendo à regulamentação e introdução de novas cadeiras obrigatórias somente nos meses de dezembro de 1919 e abril de 1920”. (NOVELLI, 1995, p. 7)

No período da 1ª Guerra Mundial houve dificuldades na importação de produtos, impulsionando assim a implantação de indústrias que atendessem a demanda de consumo interno; conjuntamente houve um nítido crescimento populacional tanto no estado quanto na capital paulista, ocasionando também

⁴⁴ Fonte: <http://etecarlosdecampos.com.br> – centro de memória

um aumento na criação das escolas profissionalizantes e dos liceus de artes e ofícios.

Além de capacitar operários e operárias que atendessem principalmente as necessidades do setor fabril e do comércio, a escola profissional deste período também objetivava formar um trabalhador “com ordem, disciplina, devoção ao trabalho e elevado espírito patriótico”⁴⁵. Apontava-se, na época, que o Brasil deveria avançar na oferta de escolarização para a maioria da população como um

meio eficaz de combate à oligarquia, dona do poder vigente e responsável pela incultura do país. O esclarecimento através da disseminação da cultura prática e da formação moral e cívica (uma vez que a falta de patriotismo é apontada como uma das responsáveis diretas das dificuldades econômicas do país), tiraria o Brasil do atraso tecnológico em que se encontrava e o colocaria entre as nações mais modernas do mundo (POLI. 1999, p. 54).

Segundo Danielle Freitas também havia o interesse em afastar os trabalhadores “dos riscos de sofrer as influências libertárias dos trabalhadores imigrantes” (2011, p. 139).

Porém ainda não havia um plano nacional para tratar das questões da educação, assim os estados independentemente foram organizando estruturas ou escolas que atendessem (ou vislumbrassem atender) a questões locais. A primeira reforma foi realizada em São Paulo, no ano de 1920 por Sampaio Dória; em 1922, a reforma foi empreendida no Ceará por Lourenço Filho e no Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro), em 1927 realizada por Fernando de Azevedo. Segundo Romanelli (2002) houve ainda as reformas nos estados de Pernambuco em 1928 (Carneiro Leão); Minas Gerais em 1927 (Francisco Campos); na Bahia em 1928 (Anísio Teixeira) e no Paraná 1927 (Lysímaco da Costa).

Apesar do ensino técnico-profissionalizante ter por foco a formação de trabalhador-operário, em 1920 cerca de 80% da população⁴⁶ era analfabeto, o que dificultava tanto a permanência destes alunos nos cursos, bem como o seu ingresso no mercado de trabalho, visto que também concorriam para as vagas os imigrantes recém chegados. Cabe relembrar que neste período (pós -1^a

⁴⁵ Idem

⁴⁶ TEIVE. 2010. p. 234

guerra), a Europa já possuía trabalhadores com experiência na indústria com organização sindical.

Em 1923 foi desenvolvido o “Projeto de Regulamentação do Ensino Profissional Técnico” buscando organizar este ensino em 9 anos, sendo que os 3 primeiros seriam de ensino básico, depois mais 3 anos voltados para a aprendizagem técnica inicial “das destrezas, habilidades e conhecimentos práticos, como por exemplo: trabalhos em madeira, metal, etc. Neste nível também seriam adquiridas noções científicas e gerais em busca da formação do cidadão completo” (POLI, 1999. p. 58). Adquirindo assim “condições de escolher a sua profissão e habilitar-se a um curso profissional técnico, com duração de mais 3 anos.” (idem)

Nos anos finais da década de 20, fazia parte dos debates políticos da sociedade brasileira as questões educacionais. A crise econômica mundial e a crise cafeeira alimentaram ainda mais o desejo da construção de novo país. A almejada reforma e modernização do país somente teriam condições de ocorrer se a população ingressasse e integrasse o processo de escolarização. Em 1930 foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública que passa a regulamentar nacionalmente as diferentes modalidades de ensino. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) defende que a escola seja pública e gratuita, com freqüência obrigatória a todas as crianças e jovens, sem determinismo religioso, e que nos primeiros anos seja generalista, no que se refere ao ensino profissionalizante, com o intuito de melhor preparar o brasileiro:

Se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende das suas condições econômicas, não é possível o desenvolvimento econômico e produtivo [...] sem o pregar intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade (MANIFESTO... 2002, p. 33)

No intuito de sanar o problema da escolaridade deficitária do brasileiro, foi iniciado um processo de reformulação do Ensino Normal, este também no nível técnico-profissionalizante e de valorização do ensino primário, inclusive com salas para alfabetização no período noturno, ainda que em número insuficiente e sendo oferecida apenas em algumas capitais do país.

Os debates e embates na área educacional continuam a fazer parte do cenário nacional nas décadas de 30 e 40, segundo Cristina Maria Poli:

entre os liberais defensores da escola pública, os Pioneiros da Escola Nova, que vão buscar nas teorias e práticas norte-americanas, um modelo de ensino menos academicista, mas prático, de formação de massa, procurando com isso, neutralizar o poder oligárquico da sociedade brasileira, (...). Do outro lado, estão os donos de escola (...). Estes vão buscar uma maior liberdade no ensino e procurar minimizar a disseminação da escola pública (1999, p.65)

Como resultado destas reflexões (ainda que não consensual) foram feitas reformas, conhecidas como Reformas Francisco Campos e Capanema, que continuam com o objetivo de adequar o sistema educacional brasileiro como fomentador do processo de modernização no Brasil. Entre os anos de 1931 e 1932, a Reforma Francisco Campos criou o Conselho Nacional de Educação, instituindo a educação como um projeto nacional (decreto 19.850/31). Delimitando os decretos para a área profissionalizante temos o decreto 19.851/31 que organizou o ensino superior no país; o ensino comercial (decreto 20.158/31), e o ensino secundário (decreto 21.241/32).

A conclusão do ensino secundário, na prática servia apenas para o acesso ao ensino superior, e atendia somente a elite. Além de uma oferta reduzida e bem abaixo do que seria necessário, seu acesso ocorria mediante exames, em que somente os candidatos melhor preparados possuíam condições de aprovação. Ficando assim excluídos muitos dos que concluíam o ensino primário.

Para atender a capacitação das camadas mais pobres, procurava-se aumentar a oferta dos cursos profissionalizantes, que por sua vez, não permitiam o acesso para o ensino superior.

Anísio Teixeira alertava que apesar da reforma, o ensino secundário “longe de refletir qualquer ideal democrático, consolida o espírito de nossa organização dualista de privilegiados e desfavorecidos”. (MANIFESTO, 2002. p.104).

A Constituição de 1934 torna o “ensino primário integral gratuito e de freqüência obrigatória extensivo aos adultos⁴⁷”. No capítulo que trata dos

⁴⁷ artigo 150, parágrafo único letra a

“Direitos e das Garantias Individuais” (capítulo esse distinto da Educação) também institui que:

Toda empresa industrial ou agrícola, fora dos centros escolares e onde trabalharem mais de cinqüenta pessoas, perfazendo estas e seus filhos, pelo menos, dez analfabetos, será obrigada a lhes proporcionar ensino primário gratuito. (art.139)

A Constituição de 1937 avança nesse ponto e aglutina todas as questões sobre educação em um único capítulo, e mantém a obrigatoriedade das indústrias para que ofereçam ensino aos filhos dos operários:

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. (art. 129 § 3º)

Acrescenta que é dever do Estado “assegurar pela fundação de instituições públicas de ensino em todos os graus”. (idem)

A reforma Capanema resultou entre outras leis: a Lei Orgânica do Ensino Industrial (Decretos Lei nºs 4.073/42, 6.41/43, 9.631/46 e 8.680/46), que demarcaram a organização desta modalidade de ensino dividindo-o em ciclos e seções que atendiam a qualificações específicas. Cabe destacar que neste momento, o Ensino Industrial deixa de ser de “âmbito do sistema público passa para o domínio do empresariado nacional”. (ANZOLIN; BALBINOTTI; BALERINI, 2003: p. 272). A Legislação permitia que fossem instaladas salas de aula nas empresas; ou também poderiam ser mantidas unidades de ensino profissional mantidas em comum por mais de uma indústria.

As principais críticas sobre esta nova organização do ensino profissional são:

- ao ser oferecida de forma ascendente e crescente (básica, aprendiz e mestre), não havia a possibilidade de mudança de área no decorrer da formação;
- seu caráter de terminalidade de estudos impedia o acesso ao curso superior;
- apesar de “ser oferecida” aos filhos de trabalhadores, havia rigorosos exames de admissão, que exigiam conhecimentos acadêmicos.

Em 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundário (decreto 4.244) reafirma a característica propedêutica para esta modalidade. O ensino secundário era dividido em dois ciclos:

- Ginásio: possuía 4 anos. Com o objetivo de “formar a personalidade integral dos adolescentes, acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística”.
- Colégio que possuía 3 anos, tinha por objetivo a consolidação, o desenvolvimento e aprofundamento do ginásio e era oferecido em três opções:
 - Clássico, voltado para as letras, humanidades e filosofia;
 - Científico, voltado para a Matemática e as Ciências
 - Normal. Voltado para a formação de professores do ensino primário

“O próprio ministro Capanema fala em educação para a formação das elites condutoras do país” (POLI, 1999, p. 69).

A qualificação para a indústria continuava a não atender as necessidades e exigências da indústria, o que motivou a Conferência Nacional das Indústrias (CNI) a criar, em 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), e em 1946, seguindo o mesmo modelo é criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) para atender a formação de aprendizes para a área do comércio e dos escritórios.

Também no ano de 1946 é promulgada mais uma Constituição em que ainda se conserva a obrigatoriedade das empresas “a ministrar, em cooperação, aprendizagem aos trabalhadores menores” (art. 168 inciso IV).

Em 1948, tem inicio de maneira mais ampla e sistematizada, os debates para a formulação de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que, no entanto seria somente sancionada em 1961. Os pontos polêmicos, que retardaram sua aprovação continuam a ser os mesmo apontados pelo Manifesto de 32 (escola pública e gratuita x privada e subvencionada; ensino laico x religioso e universalidade x dualidade).

Antes da aprovação da LDB fora decretada a lei 1.076/50 que permitia ao aluno do primeiro ciclo de qualquer curso profissionalizante (comercial, industrial ou agrícola) concorrer à vaga no curso secundário; e aos diplomados nessa modalidade o direito de prestarem o vestibular no curso superior.

Quando a LDB é finalmente promulgada em 1961, já não conseguia atender as necessidades da sociedade no período. A aspiração e a procura para o ensino superior aumentou significativamente, sem que houvesse correspondente oferta de vagas.

Embora o ensino profissional fosse em geral encarado como um ensino destinado aos filhos de operários, nos anos 60 algumas escolas técnicas de bom nível foram criadas e, por isso mesmo, tornaram-se seletivas, na medida em que jovens das classes médias as procuravam com o objetivo de posteriormente prosseguir os estudos superiores. Aliás, para esses jovens tais escolas pareciam mais interessantes do que os colégios secundários, pois permitiam qualificar-se para uma profissão e assim obter um emprego que poderia assegurar-lhes o financiamento dos estudos superiores. (WEREBE, 1994, p. 71)

Em uma tentativa às avessas de sanar esta questão, dez anos depois entra em cena a Lei 5.692/71, que entre outros pontos, une os cursos primário e ginásio, ou seja, transfere o 1º ciclo do curso secundário para o ensino de 1º grau, tornando-o obrigatório e com a duração de 8 anos; e transforma o ensino colegial em 2º Grau.

O ensino brasileiro passa a ser focado para a preparação profissional, característica estabelecida no início da lei:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. (BRASIL, 1971)

A justificativa externada por Roberto Campos traduz a mentalidade da época que ainda defendia uma educação diferenciada para classes sociais distintas: “(...) a educação secundária, num país subdesenvolvido, deve atender à educação de massa, enquanto que o ensino universitário, fatalmente, terá que continuar um ensino de elite.” (Apud: POLI, 1999, p. 74)

No entanto as escolas não são suficientemente equipadas, nem há número de professores qualificados para atender de maneira satisfatória a profissionalização dos alunos. Se, até então, o ensino profissionalizante tinha como característica principal a aprendizagem centrada no desenvolvimento de atividades práticas e nas habilidades técnicas, a falta das condições mínimas para o aprendizado da qualificação profissional esvazia seu sentido. Segundo Nelson Piletti o poder público “transformou o próprio ensino profissional em verbalístico e academizante” (1988 p.33).

Ainda na década de 1970, foi criada pela UNESCO, a *Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação*, que buscava atender aos anseios manifestados pelo movimento estudantil de 1968 e a crise educacional

mundial que este representava. A Comissão buscou "obter não apenas uma visão panorâmica da crise, como também encontrar alternativas com vistas à redução do déficit educacional, sobretudo nos países pobres ou em desenvolvimento" (WERTHEIN, 2000. p. 13). A partir de visitas, pesquisas, debates e reflexões realizadas em diversos países, foi elaborado um relatório, conhecido como "Relatório Faure", que foi instituído como um documento diretriz para o sistema educacional em diferentes países, dentre eles, o Brasil. Para esta dissertação destaco apenas dois princípios, que se referem à educação profissional:

- No que diz respeito à preparação para o trabalho, a educação deve formar não apenas para um ofício, como também preparar os jovens para se adaptarem a trabalhos diferentes à medida que evoluem as formas de produção. Em outras palavras, a educação deverá facilitar a reconversão profissional;
- A responsabilidade pela formação técnica deverá ser partilhada pelas escolas, empresas e educação extra-escolar; promover a diversificação das estruturas e dos conteúdos do ensino superior; (WERTHEIN, 2000. p. 16)

Diversos Pareceres e Indicações são realizados pelos técnicos e conselheiros da educação reinterpretando a Lei 5692/71 e o conceito de Habilitação. Buscando adequar tanto a interpretação da lei à realidade manifesta nos espaços escolares, quanto aos eixos norteadores pelo relatório da UNESCO.

No Parecer nº 76/75, a relatora Terezinha Saraiva argumenta que a LDB estabelece que o ensino seja profissionalizante e não a escola; sugere ainda que não há necessidade da conclusão (terminalidade) da qualificação técnica, isto deveria ocorrer na empresa ou nos estudos no curso superior: "Na escola de 2º grau ele teria a informação em nível de grandes problemas e estaria preparado para adquirir um leque de incumbências dentro da empresa, segundo as necessidades desta". Os alunos receberiam uma formação básica para o trabalho, sendo proposto que a qualificação poderia ocorrer em um

sistema seriado, (...) numa primeira série, na parte de formação especial, a inclusão de, no máximo, duas disciplinas profissionalizantes de caráter global que interessariam a um amplo leque de habilitações profissionais. Em seguida, os alunos escolheriam setores profissionalizantes definidos por determinados blocos de disciplinas e atividades profissionalizantes comuns. Mais adiante o aluno completaria sua formação profissional básica, encaminhando-se para uma habilitação específica. (...) Pode, pois o aluno

de 2º grau realizar sua parte operacional, como estágio nas empresas, em convênio com os estabelecimentos, (...) desde que se submeta a um processo de treinamento operacional no próprio local de trabalho, já no emprego. (BRASIL, 1975, p. 30)

Mas as primeiras alterações oficiais, em relação ao ensino profissionalizante, somente viriam a ocorrer com a Lei 7.044/82, que modifica a questão da “qualificação para o trabalho” para “preparação para o trabalho”, disposição esta que também deveria compor o ensino de 1º grau.

As escolas técnicas públicas continuaram a oferecer a habilitação profissional, e por força da lei concomitantemente passaram a oferecer formação básica propedêutica. Como consequência passou a melhor preparar o ingresso dos jovens para os cursos superiores. Kruger e Tambara apontam que apesar das escolas técnicas oferecerem cursos que preparavam os jovens para o mercado de trabalho, os alunos

em sua maioria, não estavam interessados em fazer um Curso Técnico, mas apenas um bom Ensino Médio, gerou-se [sic] críticas referentes não só sobre o “alto custo” destes alunos, mas também de que estas escolas não atendiam às demandas da sociedade, na formação de técnicos de nível médio para o mercado de trabalho (2006. p. 598)

Enquanto as escolas públicas de 2º grau foram perdendo a sua qualidade educativa, concomitantemente também foram perdendo seu significado no que tange a preparação para o trabalho. A dualidade no ensino ganhou novos atores, e as escolas particulares especializaram-se em preparar seus alunos para os vestibulares do ensino público superior.

Ao longo da década de 1980, o cenário político-econômico passou por diversas mudanças, tanto em âmbito mundial quanto nacional: os governos totalitários na América Latina perderam, ou diminuíram seu poder; a doutrina neoliberal ganha força a partir do Consenso de Washington⁴⁸, acentuando a

⁴⁸ Em 1989, reuniram-se em Washington representantes dos países da América Latina, dos Estados Unidos e da Inglaterra para registrar e avaliar a crise latino-americana e, referendar sobre reformas políticas e econômicas para a região, com o intuito de conceder uma cooperação financeira. Dentre os apontamentos feitos destacam-se a) o excessivo crescimento do Estado; b) o populismo econômico, incapaz de controlar o déficit. As medidas a serem adotadas para combater essas questões seriam a redução do tamanho do Estado e seus investimentos na área social (educação, saúde e previdência social), a liberalização do comércio internacional e a promoção das exportações dos produtos agrícolas e extrativistas. (BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise da América Latina: Consenso de Washington. In: *Pesquisa e Planejamento Econômico*, nº 21. 1991.

diminuição dos gastos públicos, principalmente na área social, como consequência a área educacional também é afetada.

Conforme dados publicados pelo Banco Mundial "entre o início da década de 70 e final da década de 80, os gastos governamentais com educação diminuíram na Argentina de quase 20% do PIB a menos de 7%; no Brasil, de mais de 8% a menos de 5%, na Costa Rica, de 28% a 16%. (VILAS apud GARCIA, 1997)

No Brasil os movimentos sociais ganharam força, dentre eles o "Diretas Já" que colaborou para o término da ditadura civil-militar; e "grupos de pressão e grupos de intelectuais engajados se mobilizaram em função de uma nova Constituição para o país" (GOHN, 2005. p. 58).

Demerval Saviani destaca que:

Antes mesmo que os constituintes entrassem em ação, a IV Conferência Brasileira de Educação, realizada em Goiânia em agosto de 1986, teve como tema central 'A educação e a constituinte'. E na assembléia de encerramento dessa Conferência foi aprovada a 'Carta Goiânia' contendo as propostas dos educadores para o capítulo da Constituição referido à educação. (2003, p.35).

Para Evaldo Vieira, "com relação à política educacional, a Constituição Federal de 1988 concede amplos direitos, confirmado e ampliando o interesse social pela educação. (2001, p. 14)

Por outro lado, é importante considerar que no início da década de 1990, segundo levantamento realizado por Regina Garcia, a Câmara dos Deputados "está representada significativamente por empresários, que estão diretamente ligados aos interesses de setores privatistas" (1997, p. 163). Nesse ano, assume a presidência Fernando Collor de Mello, eleito pelo voto direto, e por meio de uma campanha de combate à corrupção, na "caça aos marajás", e na diminuição dos gastos do poder público. Logo na primeira semana de governo extingue alguns órgãos públicos (Siderbrás, Portobrás e Interbrás), inicia um processo de privatização de empresas públicas (Usiminas e Companhia Siderúrgica Nacional) e exonera cerca de 100 mil de servidores federais. O Brasil vive um período de estagnação econômica, com a inflação chegando ao

índice de 2.780,6% no ano de 1994⁴⁹. O modelo econômico neoliberal passa a conduzir a política do país.

Nesse momento "expressões como: "escola de excelência", eficácia, competitividade e produtividade, tornam-se freqüentes nas falas oficiais, ou seja, tem-se o retorno da racionalidade econômica no âmbito das questões educacionais". (PALMA FILHO, 2005, p. 31)

Maria Sylvia Bueno considera que "nos anos 90, a equidade em educação passou a ser condição básica para a eficiência econômica." (2000, p.100).

O discurso do Banco Mundial (1995) afirmava que por meio da educação seria possível obter o crescimento econômico, reduzir os níveis de pobreza, da desigualdade e aumentar a mobilidade social.

Para Garcia, neste período

A solução que parecia ser unânime no discurso do governo, empresários, e até mesmo por parte dos próprios trabalhadores, era a necessidade de educação, de qualificação e requalificação profissional, expressões usuais no vocabulário das pessoas, que colocavam sobre os indivíduos a responsabilidade pela empregabilidade. (2009, p. 53).

Ainda no ano de 1990 a UNESCO realizou, na Tailândia, a Conferência Mundial sobre a Educação para Todos, resultando em 21 propostas educacionais a serem adotadas, (ou ao menos consideradas) mundialmente. Dentre essas propostas elenco algumas, que de maneira mais direta, segundo Silveira (2006), influenciou a legislação brasileira:

- a educação é permanente, ocorre durante toda a vida da pessoa;
- é necessário abolir as barreiras entre os diferentes ciclos e graus de ensino;
- a educação não está limitada aos muros da escola;
- a educação pré-escolar deve figurar entre os principais objetivos;
- a educação elementar deve ser assegurada a todos os indivíduos;
- o conceito de ensino geral deverá englobar os conhecimentos socioeconômicos, técnicos e práticos;
- a educação técnica deve distribuir-se entre escolas, empresas e educação extra-escolar.

⁴⁹ almanaque.folha.uol.com.br/dinheiro90.htm

Em 1993 a UNESCO criou a *Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. Os resultados dos estudos e das pesquisas realizadas por essa comissão resultaram, em 1996, no Relatório Delors; que dentre outras diretrizes indica quatro princípios (ou pilares) organizacionais para a educação, a saber: *Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Viver Juntos e Aprender a Ser*.

Esses dois eventos internacionais resultaram, em nosso país, no *Plano Decenal de educação para Todos*, em que o foco é a disseminação do ensino fundamental, com vistas a "garantir não somente vaga para todos, mas também, ensino de boa qualidade." (MEC, 1993, p.1)

São diversas as entidades e associações que se organizaram e formularam propostas para reformular a lei da educação, melhorar as condições das escolas e dos educadores preocupados "com o significado social e político da educação" (SAVIANI, 2003, p. 33)⁵⁰.

Enquanto nas décadas de 60 e 70 houve um aumento pela procura de matrículas no ensino fundamental (primário e ginásio), ao final dos anos 70 e ao longo dos anos 80 o crescimento ocorreu, principalmente para o ensino das Escolas Técnicas Federais, que além de serem gratuitas, também mantinham um bom nível de ensino. Conforme Cunha (1978) isto ocorreu tanto por exigências do mercado de trabalho quanto pelo anseio dos jovens em ingressar no ensino superior. Diante desse fato, o ensino médio ou de 2º grau sofre uma "crise de identidade", que estão retratadas nas questões levantadas pelo seminário "Propostas para o Ensino Médio na nova LDB" realizado em 1989, em Brasília:

Qual é a estrutura de conhecimento mais adequada à formação de 2º grau na atualidade e como esta necessidade se expressa na sociedade brasileira? Que papel ocupa e que relações devem ter entre si a formação teórica geral e a técnica-instrumental? Que tipo de formação responde às necessidades individuais e sociais diante do desafio da rápida obsolescência técnica, da necessidade de geração da capacidade endógena de desenvolvimento do país e das exigências de democratização do sistema educacional e da sociedade? (Machado, 1991.p. 7)

⁵⁰ As entidades são: a ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), o CEDES (Centro de Estudos e Sociedade) e a ANDE (Associação Nacional de Educação). Também nesse período surgem as entidades sindicais: CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação e ANDES (Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior).

Neste mesmo ano Demerval Saviani publica um livro intitulado "Sobre a Concepção de Politecnia", que foi considerado um dos documentos fundamentais nos debates sobre educação e trabalho, e principalmente sobre as relações entre o ensino médio e o ensino técnico⁵¹.

Diferentemente das leis anteriores, em que os projetos foram elaborados quase de maneira exclusiva pelo Poder Executivo, a nova LDB tem forte influência e participação da sociedade civil. Porém o processo para elaboração e aprovação da nova LDB caminha em meio a um embate de interesses entre o ensino público e ensino particular; tendo de um lado o FNDEP (Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública) como principal articulador e de outro lado as entidades que defendem o ensino privado a CONFENEM (Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino), a AEC (Associação de Educação Católica) e a ABESC (Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas). (GARCIA, 1997)

Outro aspecto importante desse período é o conjunto de mudanças tecnológicas e organizacionais que ocorrem no ambiente do trabalho. Marise Ramos destaca algumas das características:

flexibilização da produção e reestruturação das ocupações; integração de setores da produção; multifuncionalidade e polivaléncia dos trabalhadores; valorização dos saberes dos trabalhadores não ligados ao trabalho prescrito ou ao conhecimento formalizado. (2002, p. 401)

Assim, as pesquisas e as reflexões que ocorrem na área educacional, principalmente a partir da década de 1980, refletem o debate sobre qualificação profissional e sobre competências, que segundo essa autora, visa atender a

...pelo menos dois propósitos: a) reordenar conceitualmente a compreensão da relação trabalho/educação, desviando o foco dos empregos, das ocupações e das tarefas do trabalhador, em suas implicações subjetivas com o trabalho; b) institucionalizar novas formas de educar/formar trabalhadores e gerir internamente às organizações e no mercado de trabalho em geral, sob novos códigos profissionais. (id. ibidem)

Em meio a este cenário ainda no ano de 1996 é aprovada mais uma LDB (nº 9.394), estabelecendo a educação escolar em dois níveis: o primeiro

⁵¹ Segundo o autor "A noção de politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno. Diz respeito aos fundamentos das diferentes modalidades de trabalho. Politecnia, nesse sentido, se baseia em determinados princípios, determinados fundamentos e a formação política propiciará ao educando trabalhador um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva moderna". (1989, p. 17)

intitulado de Educação Básica, que compreende três etapas: a Educação Infantil (a que atende as crianças até os seis anos de idade), o Ensino Fundamental (ex-1º grau) - a ser freqüentado pelos educandos a partir dos seis anos de idade, com matrícula obrigatória e com duração de nove anos. E posterior a este, o Ensino Médio (ex 2º grau) com duração de três anos. O segundo nível é a educação superior.

A atual legislação estabelece que "a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social" (§2º do artigo 1º). Fica claro que a educação passa a ter por foco a preparação para o trabalho, o que também é possível perceber ao longo de todo o texto da lei. Conforme explicitado no Parecer CNB nº 16/99, "após o ensino médio, a rigor, tudo é educação profissional. (...) A diferença fica por conta do nível de exigência das competências e da qualificação dos egressos, da densidade do currículo e respectiva carga horária." (BRASIL, 1999. p. 11)

No artigo 2º consta claramente que uma das finalidades da educação é "seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". No 3º artigo, ao elencar os princípios em que a educação deve se basear informa no item XI a "vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais". Mais adiante, no capítulo II em que trata da Educação Básica, assume dentre outras questões, que esta objetiva "desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho". Na seção que aborda o Ensino Médio, estabelece como seus propósitos "a preparação básica para o trabalho e a cidadania"; e "a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos" (artigo 35, itens II e IV). Na seção IV-A que trata da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, decreta que esta modalidade "poderá preparar [o educando] para o exercício de profissões técnicas".

No capítulo III, que aborda especificamente a Educação Profissional, apresentava em seu texto original (de 1996) que esta modalidade deveria conduzir "ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva". Com a regulamentação pelo decreto 5.154/2004 e com a redação alterada pela Lei 11.741 de 2008, define que a formação profissional pode ocorrer em qualquer nível de escolaridade:

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. (BRASIL, 2008).

Os artigos 40, 41 e 42 ampliam as possibilidades da certificação profissional ao validar o reconhecimento das competências adquiridas fora do ambiente escolar:

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Art.42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade⁵². (BRASIL, 2008).

Para Saviani, o capítulo que trata da educação profissional “parece mais uma carta de intenções do que um documento legal, já que não define instâncias, competências e responsabilidades.” (2003, p. 25)

Para viabilizar a reforma da educação profissional, o Ministério da Educação lançou, ainda neste ano, o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), em parceria com o Ministério do Trabalho. Dentre outras questões pretendia que até o ano de 2008, no Brasil, houvesse 200 centros de educação profissional. Para Cunha, também estava evidente a prescrição das parcerias com empresas e outras entidades privadas. (2000, p. 258)

Em seu 1º artigo, a Lei 9394/96 reconhece a atuação das organizações sociais na área da educação, ao estabelecer que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, **nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil** e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)⁵³

Desde as décadas de 1960 e 1970, as associações civis sem fins lucrativos "organizaram-se em entidades para se dedicar ao trabalho social

⁵² Artigos regulamentados pelo decreto nº 5.154, de 23-7-2004, e com redação dada pela lei nº 11.741, de 16-7-2008.

⁵³ Grifo meu

junto aos setores mais pobres da população." (FERNANDES, 1994, apud OLIVEIRA; HADDAD, 2001, p. 75) Durante este período, predominantemente dedicaram-se aos direitos humanos e à educação popular. (idem).

Para Manfredi as iniciativas das ONGs, passaram a ser significativas no campo da Educação Profissional principalmente a partir de 1990, por se constituírem importantes atores na construção de espaços e de propostas inovadoras, pois suas

atuações estão prioritariamente voltadas para o desenvolvimento alternativo e para a prestação de serviços aos grupos sociais de risco e/ou excluídos. Não visam a preparação/formação para as necessidades do mercado ou não as tem como foco central. Em vez disso, denotam uma preocupação com a perspectiva da educação e da formação profissional como um direito advindo da necessidade de (con)vivência social, numa sociedade complexa e desigual como a brasileira. (2002, p. 215-216)

Como exemplo, é possível citar a própria Ação Social Nossa Senhora de Fátima, que como registrado no capítulo anterior, foi fundada em 1971, tendo como atividade principal uma creche, e depois em 1979 cria a escola com cursos profissionalizantes.

Para regulamentação da Educação Profissional foi instituído o decreto Lei nº 2.208/97, que estabelecia níveis para a educação profissional (artigo 3º):

- nível básico: voltado para a qualificação básica de jovens, e/ou requalificação / atualização de adultos; desenvolvidos em cursos de curta-duração. Não há requisitos de escolaridade para participação e certificação nesta modalidade. Pode ser considerada como educação não formal⁵⁴, e não tem duração pré-estabelecida.
- nível técnico: voltado para a habilitação de alunos que estejam cursando ou concluído o ensino médio. As cargas horárias dos cursos nesta modalidade possuem de 800 a 1.200 horas obrigatórias (variam conforme a área de formação).

⁵⁴ Conforme Maria da Glória Gohn (2006), a educação não formal designa um processo com várias dimensões, sendo uma delas a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. Para aprofundamento deste conceito é recomendável a leitura do artigo da autora citada: "Educação não-formal na pedagogia social". In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn

- nível tecnológico: são os cursos de nível superior, na área de tecnologia; destinados a egressos do ensino médio e/ou técnico⁵⁵. A carga horária varia de 1.600 horas a 2.400 horas obrigatórias.

Nesta regulamentação o ensino profissionalizante de nível técnico deixa de estar articulado ao Ensino Médio, podendo ser realizado em período concomitante ou após a sua conclusão.

Outro ponto que merece destaque no decreto lei nº 2.208/97 é a proposta de articulação com o mercado de trabalho, reforçada posteriormente pelo decreto nº 11.741/08, no 7º artigo que também explicita a identificação das competências como componente formador das diretrizes curriculares.

Art. 7º Para a elaboração das diretrizes curriculares para o ensino técnico, deverão ser realizados estudos de identificação do perfil de competências necessárias à atividade requerida, ouvidos os setores interessados, inclusive trabalhadores e empregadores. (BRASIL, 2008)

Do mesmo ano de 1997 também há a Portaria nº 646/97 que se refere exclusivamente às escolas profissionalizantes da Rede Federal, objetivando sua reformulação, e explicitando que a oferta do ensino médio deveria estar limitada a 50% das vagas. Também reforçava a intenção do ensino técnico voltado para a atualização e aprofundamento dos conhecimentos e habilidades voltadas para o processo produtivo.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação aprovou em 1999 o Parecer nº 16 para a elaboração das Diretrizes Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico, visando a flexibilidade e a implementação de currículos mais abertos, com base em competências e habilidades profissionais. A Resolução 04/99 explicita que competência profissional é "a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho". (art. 6º)

Marise Ramos alerta que o pressuposto da competência está impregnado de uma conotação individual que, “tende a despoliticizar as relações sociais construídas coletivamente pelos trabalhadores, precarizando tanto as relações como as condições de trabalho.” (2002, p.406)

Ao longo do ano de 2003 foram realizados diversos eventos com a participação da sociedade civil e órgãos governamentais para debater sobre os

⁵⁵ Para melhor compreensão da abrangência da lei, consultar Parece CNE/CP nº 29/2002

objetivos e colaborar com a reestruturação do Ensino Médio e da Educação Profissional – Seminário Nacional Ensino Médio: construção política e o Seminário Nacional de Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas.

Segundo Frigotto; Ciavatta; Ramos (2005) as discussões evidenciaram as concepções contraditórias de ensino médio e educação profissional, de um lado pela manutenção da independência entre os dois e de outro lado a defesa pela integração das duas modalidades.

Em 23 de julho de 2004 é publicado o Decreto 5.154, para regulamentar o §2º do artigo 36 e os artigos 39, 40 e 41 da LDB, revogando o decreto 2.208/97. Os níveis estabelecidos para a educação profissional deixam de existir, mantendo-se as modalidades estabelecidas na Lei 9.394/96:

- I – formação inicial e continuada de trabalhadores;
- II – educação profissional e técnica de nível médio; e
- III – educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação.

O antigo debate sobre a concepção de politécnica faz-se notar com mais clareza nesse decreto, que volta a estabelecer a articulação da educação profissional técnica com o ensino médio, porém agora novamente de maneira explicitamente optativa:

Art. 36º A educação profissional técnica de nível médio (...) será desenvolvida de forma articulada com o ensino médio (...)

§ 1º A articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio dar-se-á de forma:

I – integrada (...) na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;

II – concomitante (...) na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino (...)

b) em instituições de ensino distintas (...)

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade (...)

III – subsequente, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio. (Brasil, 2004)

Um dos resultados estruturais após a aprovação do Decreto ° 5154, conforme Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) foi a reestruturação do Ministério da Educação, que estabeleceu a responsabilidade pelo Ensino Médio para a

Secretaria de Educação Básica (SEB), separando-a da educação profissional, que ficou a cargo da Secretaria de Educação Profissional Tecnológica (SETEC). Consequentemente perdura, a política de dualidade entre a formação geral e a formação específica.

Os autores apontam ainda que, há a necessidade fortalecer, na sociedade, o debate sobre ensino médio, em uma educação politécnica e integrada, para que "atenda aos requisitos das mudanças da base técnica da produção e de um trabalhador capaz de lutar por sua emancipação. (ibidem p. 15)

Em 2005, são lançados dois programas de capacitação e inserção profissional, direcionados aos alunos de baixa renda e aos desempregados: o Projeto Escola de Fábrica e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM).

No ano de 2006 é aprovado o decreto ° 5.840, em que institui mais um programa, o Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos), o PROEJA. O decreto obriga as instituições da rede federal de educação profissional a destinarem parte das vagas a jovens e adultos acima de 18 anos, que tenham concluído o ensino fundamental.

No ano seguinte, em 2007, o decreto nº 6302 institui o Programa Brasil Profissionalizado, que dentre seus objetivos percebe-se um retorno à questão de integrar o ensino médio à formação profissional: "desenvolver e reestruturar o ensino médio, de forma a combinar formação geral, científica e cultural com a formação profissional dos educandos." (BRASIL, 2007)

Para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) há um aspecto relevante que caracteriza os programas da área de qualificação e capacitação profissional: a falta de integração com outras políticas sociais.

Neste momento é possível perceber que a atual LDBEN possui muitos aspectos "abertos", em que leis e decretos foram acrescidos, artigos sofreram alterações e necessitou de algumas regulamentações. Para Popkewitz (1997):

A reforma do sistema educacional obedece, em cada momento, "as necessidades impostas pelas condições econômicas e sociais mais gerais da sociedade e sua formulação e implementação estão sujeitas à correlação de forças existentes entre o poder público vigente e o conjunto das forças

sociais, sobretudo as diretamente envolvidas na questão educacional.
(Apud GOHN, 2002, p. 97)

Um dos aspectos que, por permanecer inalterado pode nos revelar um relativo consenso entre os diversos atores da educação, é a concepção de uma educação que almeje a liberdade com um princípio e a solidariedade como um ideal para a vida em sociedade. Estes objetivos nos conduzem vislumbrar em uma educação que contemple a formação humana, a formação ética e moral. Temática a ser abordado no próximo capítulo.

Capítulo III

Educação Moral: Fundamentos

Refletir sobre a educação de maneira geral significa pensar sobre a ação que forma o homem, ação esta que é plural, é múltipla. A educação se constitui de diversas ações que contribuem para a formação humana.

O ser humano desde que nasce necessita da ação e da intervenção do outro para viver e sobreviver, não só no aspecto biológico, mas também no âmbito cultural, histórico, afetivo, emocional e para a convivência. E é justamente neste último âmbito que se constitui a educação moral: refletir sobre as inter-ações e sobre as relações com e na sociedade.

José Araújo considera que o verdadeiro significado da educação moral é a busca pela maturidade moral do indivíduo que se manifesta na capacidade de conhecer, de julgar e escolher o bem. Por isso volta-se para "formar uma consciência sensível aos valores, (...) visando uma ética de solidariedade e o reconhecimento da dignidade de cada pessoa humana" (2007, p. 234)

Assim, o fio condutor deste capítulo será o de esclarecer e explicitar os conceitos que se apresentam para o desenvolvimento da educação moral das aulas de *Moral Cristã*⁵⁶ na Escola Profissional da Ação Social Nossa de Fátima, a saber: dignidade, moral, ética e educação moral.

3.1. Moral, Ética e Dignidade

Para Severino, a "moral é uma experiência comum à humanidade. A sensibilidade moral possibilita que os sujeitos avaliem suas ações, geralmente como boas ou más, lícitas ou ilícitas, corretas ou incorretas." (2001, p. 91)

A palavra *moral* tem sua origem no latim, no adjetivo *moralis*, que advém do substantivo *mos*: regra, costume, morada; ou aos costumes que vivem e realizam na morada. Assim esse termo congrega, concomitantemente, substância e qualidade para expressar e conduzir a maneira do comportamento

⁵⁶ Para distinguir o componente curricular Moral Cristã praticado na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima do conceito "moral", das práticas educativas e fluidez do texto, o tema será referendado na formatação em itálico: *Moral Cristã*.

humano. Já a palavra ética tem sua origem no grego *ethos*, substantivo que também serve para designar costume. Para Abbagnano, ética é a "ciência da conduta". (2007, p. 380)

No decorrer da história, o convívio entre as pessoas vem sendo regulado por princípios, normas e regras focadas em diferentes questões e princípios, seguindo costumes e valores culturalmente construídos, mas que também se modificam. Para Marilena Chauí:

Diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social. (2000, p.432)

Abbagnano aponta, em seu *Dicionário de Filosofia*, a identidade do termo moral com a ética: "o mesmo que ética" e "objeto da ética". (2007. p. 682)

Levando-se em consideração o aspecto etimológico, Ademar Heemann afirma que os dois termos "guardam analogia, [referem-se] ao comportamento humano estabelecido pelo hábito, pelos costumes (...) possuindo, portanto significados semelhantes". (1989, p. 11)

Por outro lado, ainda Chauí adverte que:

Em grego, existem duas vogais para pronunciar e grafar nossa vogal e: uma vogal breve, chamada *epsilon*, e uma vogal longa, chamada *eta*. *Ethos*, escrita com a vogal longa (*ethos* com *eta*), significa *costume*; porém, escrita com a vogal breve (*ethos* com *epsilon*), significa *caráter*, *índole natural*, *temperamento*, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa. Nesse segundo sentido, *ethos* se refere às características pessoais de cada um que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Refere-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais⁵⁷. (2000, p. 437)

Durante a Idade Média, no mundo ocidental, predominaram as concepções difundidas por Santo Agostinho (século IV) e São Tomás de Aquino (século XIII), em que os fundamentos da vida humana, da ética, e dos princípios sobre o bem e o mal são a obediência a Deus. (TESSER, 2001, p.75).

Já na Idade Moderna, sob a influência do racionalismo e do iluminismo, a concepção de moral é explorada e difundida por Kant (1724-1804). Segundo

⁵⁷ Grifos da autora. Em grego, a vogal breve, *epsilon*, grava-se como [ε] e a vogal longa, *eta*, grava-se como [η]

o *Dicionário de Filosofia*, de Japiassu/Marcondes, para Kant a moral "pertence à esfera da razão prática que responde à pergunta: *O que devemos fazer?*" (2001, p.134)

Na obra *A Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant explicita que

todos os conceitos morais tem sua sede (*Sitz*) e origem (*Ursprung*) completamente *a priori*, na razão, e isso, tanto na razão mais vulgar quanto na mais altamente especulativa; que não podem ser abstraídos de nenhum conhecimento empírico; se encontrarão simplesmente em conceitos racionais e não em qualquer outra parte. (APUD: GALEFFI, 1986, p. 46)

Assim para esse filósofo, é a razão que determina a vontade humana. Ainda partindo deste pressuposto, a autonomia passa a ser o princípio supremo da moralidade e a liberdade é a condição que possibilita e viabiliza a autonomia. "(...) o que constitui o valor particular de uma vontade absolutamente boa, valor superior a todo o preço, é que o princípio da ação seja livre de todas as influências (...)" (Ibid, 1986, p. 65)

É o filósofo Romano Galeffi quem distingue com clareza os conceitos de autonomia e heteronomia da ação moral apresentados por Kant:

Quem quer que seja que cumpra uma ação para obedecer a outra pessoa ou a uma lei que provém de fora, pode achar-se perante estas duas alternativas: ou, obedecendo, ele é consciente de seguir a voz da própria razão independentemente de toda finalidade extrínseca, e, neste caso, ele obedece substancialmente à sua própria lei interior, e a sua ação é moral; ou então, ele, obedece – por simples obséquio – à autoridade, sem razão ou contra o próprio juízo da razão, isto é, por puro espírito servil, subjugado pelo medo de um castigo ou estimulado pela esperança de um prêmio, e, então, não se pode dizer que ele age moralmente embora a sua ação possa objetivamente ser incluída entre aquelas conformes a um reto agir e julgada exteriormente por todos como uma 'boa ação'. (1986, p. 160)

Nos séculos XIX e XX, a moral e os estudos sobre a ética passaram a ser objeto de estudo científico e diversos autores apresentaram importantes reflexões sobre a moral, em que se destacam: Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Durkheim, Kierkegaard, Habermas, Piaget, Kohlberg, Feyerabend, Tugendhat, Puig. Para este estudo serão particularmente evidenciadas as contribuições de Durkheim, Piaget e Puig, cujos pressupostos esclarecem melhor a prática educativa das aulas de *Moral Cristã* na Ação Social Nossa Senhora de Fátima.

Para o filósofo-sociólogo Durkheim (1858-1917), os indivíduos são formados a partir do conjunto de forças sociais complexas, pois durante toda a vida, eles se deparam com crenças, costumes, normas, leis, regras morais,

maneiras de agir e linguagem que já foram estabelecidas pela sociedade e assim os que nascem são condicionados a internalizarem esses "fatos sociais".

Carlos Lucena esclarece que, para Durkheim, a educação moral é a via mais eficaz para a sobrevivência da própria sociedade:

A educação é para a sociedade o meio pela qual ela prepara as condições essenciais da própria existência. É a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social, tendo por objetivo suscitar e desenvolver, certo número de talentos físicos, intelectuais e morais. (...)

A educação consiste em habituar os indivíduos a uma disciplina (...). Formar os indivíduos, tendo em vista a integração na sociedade, é torná-las conscientes das normas que devem orientar a conduta de cada um e do valor imanente e transcendente das coletividades que cada homem pertence ou deverá pertencer. (2010, p. 302-303)

Sob este aspecto, pode-se afirmar que, no sentido kantiano, a formação moral para Durkheim, ocorre de maneira heterônoma, embora ele próprio considere que a autonomia moral ocorra "pela sujeição voluntária às normas sociais" (LIMA, 2003, p. 36).

Ao pensar e preparar as aulas de *Moral Cristã*, Frei Xavier intenta despertar a consciência dos jovens e favorecer o seu amadurecimento. Neste processo também busca valorizar a vida, elemento que segundo Araújo "fornece a base para a construção da identidade e do auto-conceito do sujeito." (2007, p. 5).

Ainda para Frei Xavier, "se ela [pessoa] não dá valor a sua própria vida, ou se dá valor ao que não é o bem, ele está desvalorizando a própria vida, a si própria, e a sua dignidade. Sem dignidade você não é uma pessoa." ⁵⁸

Termo que também se tornou relevante neste estudo sobre moral, é a *dignidade*. De origem na língua latina, *dignitas* é um substantivo que significa "o que tem valor, compatível com os propósitos, mérito e indicava um cargo honorífico no Estado". (COMPARATO, s.d.: p. 12⁵⁹). Também há o adjetivo *dignus*, que tem o sentido de "conveniente ou apropriado". (idem p.11)

O termo (*dignitas*, - *tatis*), ainda para Comparato, significa "qualidade moral que infunde respeito, consciência de valor, honra, autoridade, nobreza, respeito aos sentimentos, valores, o que é digno. Qualidade do que é digno e merece respeito ou reverênci". (ibid. id)

⁵⁸ Trecho da entrevista concedida em abril de 2012 para a autora desta dissertação, que está integralmente transcrita no capítulo 4.

⁵⁹ Grifo do autor.

Para Kant, a dignidade reside no fato de que a humanidade, diferente dos demais seres da natureza ou dos objetos, não pode ser valorada no sentido comercial, nem tampouco utilizada como um meio para atingir determinado fim, uma vez que o homem é um fim em si mesmo. A dignidade humana é inerente ao homem:

[...] no reino dos fins, tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode por-se em vez dela qualquer outra como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, portanto não permite equivalente, então tem ela dignidade... Esta apreciação dá, pois a conhecer como dignidade o valor de uma tal disposição de espírito e põe-na infinitamente acima de todo o preço. Nunca ela pode ser posta em cálculo ou confronto com qualquer coisa que tivesse um preço, sem de qualquer modo ferir a sua santidade. (KANT apud SARLET. 2008. p. 34)

Leonardo Boff considera que “dignidade é um valor. E todo valor comporta (...) uma atitude de fascinação em face do outro.” (2004, p. 52) Para o teólogo, “a atitude de fascinação” consiste na percepção do outro, na admiração pela sua humanidade, que leva tanto à amizade, como também à admiração e, ao (re)conhecimento da sua dor e das suas necessidades de maneira incondicional. Ou seja, independente da raça, povo, confissão religiosa, condição social ou financeira.

Consiste no fato de que alguém está aí, vivo e presente. Toda vida, particularmente a humana, constitui uma realidade indisponível, não descartável e, de certa forma, irredutível. Vida é algo que nós não produzimos, mas acolhemos. (id.ibidem)

Para Severino, "a dignidade do humano é o lastro da moralidade" (2001, p. 94). Saber viver bem é uma disposição humana diversificada, em que a convivência demanda o compromisso consigo, com o outro, com a sociedade e com o planeta.

3.2. A Educação Moral

Para além do espaço familiar, tanto os termos *mos* quanto *ethos* se referem também ao *lugar de ser e estar no mundo*. É no espaço público, no ambiente social e natural que o sujeito mostra, demonstra, vive e partilha seus hábitos, seus costumes. A maneira de viver e conviver implica e demanda a própria atividade humana, tida como cultura. E é por meio da cultura que é promovida a ordenação das normas e das regras da conduta.

Ainda para os gregos, ao termo *ética* estava associado o termo *paideia*, cujo significado traz consigo a ideia de "cultura, cultivo intelectual, instrução, educação, capacidade de aprender, desenvolvimento da memória, ânsia de saber, formação". (BOTO, 2001, p. 126)

Um dos espaços em que a educação e a formação ocorrem de maneira institucionalizada é a escola. Apesar de não deter a ação exclusiva desta tarefa, quando se aborda a temática da formação do indivíduo, atualmente é à escola incumbida esta responsabilidade.

A ação educativa no ambiente escolar tem como objetivo, explicitado na legislação brasileira: "o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (LDB 9.304/96; artigo 2º) Preparar para a cidadania é uma ação que explora o conhecimento dos direitos políticos, civis e sociais, implica a preparação para a vida em sociedade, conhecendo seu sistema de valores e crenças, suas normas de convivência.

Para Severino, para além de uma ação educativa pontual, a educação é um processo amplo na e para a formação do sujeito.

É todo um esforço para que saibamos nos situar nesse emaranhado todo, nesse labirinto ambíguo e contraditório, onde somos obrigados a viver, que é o *habitat* da espécie humana. O investimento pedagógico-educacional é este: esclarecer as pessoas para que elas possam transitar, ao longo de sua vida, procurando adequá-la aos valores positivos, de modo a respeitar o valor central que é aquele da dignidade da pessoa, indivíduo ou comunidade. De tal modo que possamos fundar nossas opções em valores positivos, conscientemente identificados e seguidos, bem como decidir e apoiar nossas ações nesses valores.

Daí a insistência de que o grande compromisso da educação, nos dias de hoje, é com a construção da cidadania. Este conceito, tal como é visto atualmente, significa a qualidade de vida em que as pessoas, todas elas

sem exceção, viveriam de acordo com sua dignidade, usufruindo de todos os bens naturais e culturais de que precisam para viver e sendo protegidas de todas as opressões que comprometem sua dignidade. (2010, p. 60)

Outro aspecto importante a ser considerado para a ação educativa é a de que esta deve propiciar a reflexão tanto sobre as questões do dia-a-dia, como sobre a existência humana. Uma reflexão que instigue o pensamento crítico, que busque o entendimento, que produza significados e significações para a vida. Hannah Arendt afirma que "uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência – ela não é apenas sem sentido, ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos." (1995, p. 143)

Piaget (1896-1980) realizou pesquisas que buscavam compreender o processo sobre o desenvolvimento moral na criança, para tanto utilizou elementos das teorias formuladas por Kant e Durkheim. Em seu livro *O Julgamento Moral na Criança* (1932) está explicitado o processo de construção dos esquemas mentais ou cognitivos em relação à moral. Segundo ele, "toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras" (PIAGET, 1994, p. 23).

Assim como para Kant, Piaget considera que "a moral do bem é aquela guiada não pelo risco da punição ou promessa imediata de prêmio, mas pela relação social de cooperação aos outros" (LIMA, 2003, p. 100). Porém diverge do filósofo, ao afirmar que "a conquista da autonomia moral não se dá apenas racionalmente (...) mas é construída pelo indivíduo." (apud ARAÚJO, 1993, p. 11).

De maneira consonante a Durkheim, Piaget constatou em suas pesquisas que a cultura e as relações sociais exercem uma forte influência para a formação moral do indivíduo. Mas, conforme afirma Ulisses Araújo, para Piaget, "a moral de Durkheim não favorece o surgimento da autonomia, pois não leva em consideração o indivíduo consciente de seus atos". (1993, p. 12)

Piaget buscou compreender o processo de desenvolvimento do julgamento moral na criança, em sua pesquisa descreve a construção da moralidade em três estágios de desenvolvimento, durante os quais a criança organiza seu pensamento e julgamento.

O primeiro estágio, ou fase, é caracterizado pela *anomia*⁶⁰, que coincide com a fase do egocentrismo infantil (até os 3 anos de idade aproximadamente), em que impera a satisfação das vontades e desejos pessoais e não comprehende as leis do mundo exterior.

Gradualmente, à medida que percebe a vontade do outro (dos 3 aos 8 ou 9 anos), submete-se às regras e aos deveres, que considera sagrada, obrigatória e imutável. Piaget denominou de fase da moralidade *heterônoma*.

O terceiro estágio é o da consciência das regras, ou da *autonomia moral*, no aspecto cognitivo a criança ou o adolescente confronta seu ponto de vista com o de outros indivíduos de suas relações. A ação de cooperação e de respeito mútuo passam a fazer parte de seu agir. "Gradualmente as relações deixam de se basear somente na obediência para se basear também na reciprocidade. A necessidade de ser respeitado equilibra-se com a de respeitar o outro." (Ibidem, p. 14) A partir dos 11 ou 12 anos, Piaget (1994) considera que a criança/adolescente demonstra a capacidade de realizar avaliações morais sobre suas ações e atitudes.

Piaget ainda considera que a moral tem início a partir do respeito que o indivíduo tem pelas pessoas que impõem as regras, considerando desta maneira, que "as relações sociais são um dos aspectos formadores da moral." (MENIN, 1996, p. 53)

Igualmente é importante salientar que além das relações sociais, também as relações culturais e afetivas que são estabelecidas pelo indivíduo ao longo de sua vida são promotoras, além do desenvolvimento intelectual e afetivo, também aprimoram as características morais.

A partir da década de 1960, Kohlberg desenvolveu uma série de estudos e pesquisas sobre o raciocínio moral em adolescentes e adultos, a partir da obra de Piaget.

Para Kohlberg o indivíduo escala 6 estágios (ordenado em 3 níveis) para desenvolver seu Julgamento Moral:

O primeiro nível, que abrange as crianças até por volta dos 10 anos, foi intitulado de *Pré-Moral* ou *Pré-Convencional*, pois defendia que a base da decisão sobre o certo e o errado é feita em interesses próprios.

⁶⁰ *a*: negação + *nomia*: norma, regra ou lei

No estágio número 1 – *Moralidade heterônoma* – as ações das crianças são pautadas pela obediência, pelo medo da punição, desejo de premiação ou reconhecimento. As regras morais são absolutas.

No estágio 2 – *Moralidade de intercambio* – a base das ações está no interesse próprio e individual, ou ainda para evitar uma punição.

O segundo nível foi intitulado de *Convencional* em que a decisão sobre o certo e o errado é a partir das convenções sociais, e estão relacionadas a pessoas importantes, reconhecidas ou significativas para o indivíduo.

O estágio 3 – *Moralidade da normativa pessoal* – está calcado na base do reconhecimento, em que as ações são efetuadas com a preocupação em fazer o que outro espera que seja feito.

No estágio 4 – *Moralidade do sistema social* – o outro transcende para a sociedade em geral, para a lei ou norma social.

O terceiro nível é o *pós-convencional*, momento em que as pessoas consideram o que foi acordado ou contratado sob um código comum, ou o que foi estabelecido mediante um acordo coletivo.

No estágio 5 – *Moralidade dos direitos humanos* – o indivíduo justifica as ações morais de maneira racional; pondera que as leis, resultado de acordos coletivos, podem ser reelaboradas, pois não as considera eternas nem fixas.

Finalmente, no estágio 6 – *Hipótese* – o julgamento e as ações do indivíduo distinguem-se pela liberdade e pela verdadeira autonomia e, por basear-se mais em princípios éticos e pela dignidade humana do que em contratos sociais.

Kohlberg considera que a maturidade moral de um indivíduo é atingida quando este chega ao nível *Pós-Convencional*, quando executa as ações morais de maneira autônoma; pois ao atingi-la "enfatiza a democracia e os princípios individuais de consciência, elementos essenciais à formação da cidadania" (LIMA, 2003, p. 155)

Esses dois autores e suas pesquisas consolidaram na atualidade a percepção sobre como ocorre o desenvolvimento moral nos indivíduos, e "suas ideias constituíram-se em referência para a maioria das pesquisas sobre moralidade." (ARAÚJO, 2000, p. 139) A partir da década de 1980 e principalmente 1990, os estudos tem sido desenvolvido a partir das e para as

práticas e propostas de educação moral, notadamente Josep Puig, Yves de La Taille, Ulisses de Araujo e Maria Suzana Menin.

Josep Maria Puig (2007), em continuidade aos estudos de Piaget e Kohlberg, desenvolve seus estudos sobre a construção da personalidade com base na moral autônoma. Para tanto, parte da premissa que a elaboração e a legitimação das regras ocorrem a partir da participação ativa da razão, bem como, prescinde de uma moral do diálogo, em que a interação e o acordo entre as pessoas promovem o desenvolvimento moral.

Ainda de acordo com este autor, a "tarefa central da moralidade é procurar uma resposta à pergunta "Como viver?" e aplicá-la à vida individual e coletiva." (PUIG, 2007, p. 66)

A resposta a esta pergunta é construída à medida que se aprende a viver. É desenvolvida a partir de uma ação educativa que envolve "os principais âmbitos da experiência humana: *aprender a ser* (auto-ética), *aprender a conviver* (alter-ética), *aprender a participar* (socioética) e *aprender a habitar o mundo* (ecoética)." (ibidem p. 68)⁶¹

Conforme nos apresenta Santos, para Puig, o desenvolvimento da educação moral se faz com base nos seguintes paradigmas morais:

- A educação moral como construção: a moral é um produto cultural cuja criação depende de cada sujeito e do conjunto de todos eles;
- A educação moral como clarificação de valores: pretende um reconhecimento ou tomada de consciência dos valores que o sujeito já possui de antemão;
- A educação moral como desenvolvimento: entende que o domínio progressivo das formas de pensamento moral é um valor desejável em si mesmo e, sem dúvida nenhuma, o seu principal objetivo;
- A educação moral como formação de hábitos virtuosos: se orienta, prioritariamente, ainda que não de maneira exclusiva, para as vertentes comportamentais da moralidade. (2011, p. 62-63)

Para Puig (2007), a educação moral é uma ação a ser também desenvolvida na escola, ambiente em que desde cedo, os indivíduos entram em contato com o outro, com a diversidade, e com situações que irão prepará-lo para o futuro.

Na pesquisa "Projetos bem sucedidos de Educação Moral: em busca de experiências brasileiras", sob a responsabilidade da Profa. Dra. Maria Suzana

⁶¹ Grifos do autor

Menin (UNESP), foram enviados questionários para as escolas públicas brasileiras e recebidas 894 respostas, destas foram "analisadas 100 experiências selecionadas aleatoriamente" (MENIN; ZECHI, s.d. p.1). Alguns resultados preliminares já estão sendo divulgados e menciono alguns pontos e referencias que considero relevantes e convergentes a esta dissertação

O primeiro a ser citado é em relação aos termos utilizados. Foram tratados pelo grupo "como sinônimos os termos Educação Moral, Educação em Valores, Educação para Ética e Cidadania, ou ainda, Educação em Direitos Humanos" (MENIN, 2010, p. 2)

Essa pesquisa fez ainda um levantamento entre os autores e pesquisadores⁶² brasileiros que defendem a Moral como um tema relevante para a educação a ser trabalhado na escola, e apontaram a seguinte síntese dos pontos fundamentais que se apresentaram em comum:

- a escola deve imbuir-se do compromisso em educar moralmente seus alunos, não delegando essa tarefa apenas à família;
- esta educação deve ter como finalidade o fortalecimento de valores considerados universalizáveis, como os de justiça, igualdade liberdade, respeito, tolerância à diversidade, solidariedade, cooperação, e outros que compõem a atual declaração dos Direitos Humanos e que se coadunam com uma convivência pacífica e democrática entre pessoas;
- esta educação não deve se limitar a uma disciplina específica, mas ser, de preferência, transversal aos programas curriculares, alcançando o maior número possível de espaços e de participantes escolares e mesmo da comunidade e tendo continuidade na escola pelas várias séries e anos;
- nesta educação devem ser explicitados, discutidos e reconstruídos e não simplesmente transmitidos, valores, regras e princípios que norteiam o como viver numa sociedade justa e harmoniosa, mesmo que a sociedade atual não se mostre, muitas vezes assim;
- todos concordam que essa educação se dê por meios baseados no diálogo, na participação, no respeito, enfim procedimentos e estratégias que se coadunem com a construção de indivíduos autônomos;
- e, finalmente, essa educação deve resultar numa adoção consciente e autônoma de valores morais de modo que os mesmos passem a fazer parte da personalidade – moral – dos alunos. (ibidem p. 4)

Diante deste cenário, é possível perceber que a Educação Moral torna a fazer parte da educação escolar no Brasil, porém de maneira distinta da disciplina de Educação Moral e Cívica. Hoje, o objetivo e a prática são

⁶² Segundo Menin (2010) os pesquisadores são: Julio Groppa Aquino; Ulisses Ferreira Araújo; Adelaide Alves Dias; Yves De La Taille; Maria Suzana Menin; Luciene R.P. Tognetta; Telma P. Vinha; Denise D'Aurea Tardeli.

direcionados para o pleno desenvolvimento do educando, abarcando o aspecto cognitivo, afetivo e relacional.

3.3. A Educação Moral Cristã⁶³

Ao buscar referenciais para este tópico, encontrei definições e abordagens bem diversificadas. Para o termo específico "Educação Moral Cristã" foi encontrada: "educação moral" (já abordada no tópico anterior), "educação cristã", "moral cristã" e ainda "ética cristã". As abordagens caminharam de maneira muito similar, sem que, no entanto, fossem suficiente para caracterizar a amplitude ou as singularidades do componente curricular *Moral Cristã*. De todo modo, no intuito de esclarecer suas peculiaridades, faz-se necessário apresentar alguns conceitos e significados.

A educação cristã se sustenta em primeiro plano no objetivo mais geral da educação: a formação do indivíduo, para então adotar os preceitos cristãos como fio condutor.

Marilze Rodrigues define a "educação cristã"

como a ação que conduz o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas, através da intervenção deliberada e estruturada na maneira como as pessoas vivem, envolvendo a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes, com base nos fundamentos da fé cristã. (2007, p. 133)

Sem dispensar o aspecto teológico, elemento imprescindível para a educação cristã, de maneira confluente a *Moral Cristã* promove por meio de debates e reflexões sobre os valores morais e éticos, a liberdade de ação, a responsabilidade pessoal e social.

De acordo com Maria Lúcia Aranha, a "educação cristã" é

Um processo de educação e aprendizado sustentado pelo Espírito Santo e baseado nas Escrituras. Procura guiar indivíduos a todos os níveis de

⁶³ Aqui será primordialmente abordado o conceito de Educação Moral Cristã, ainda que, para comparação e distinção também serão entrelaçadas breves descrições da prática do componente curricular *Moral Cristã* desenvolvido na Ação Social Nossa Senhora de Fátima. No capítulo 4 será feita a apresentação mais detalhada sobre o trabalho desenvolvido na entidade.

crescimento através de métodos de ensino em direção ao conhecimento e vivência do plano e propósitos divinos mediante Cristo em todos os aspectos da vida. Também equipa as pessoas para o ministério efetivo com uma ênfase geral em Cristo como Mestre Educador por excelência e seus mandamentos de fazer e treinar discípulos. (1989, p.49)

Ao final das aulas de *Moral Cristã*, há a leitura de trechos do Novo Testamento, mas seu uso não é o aspecto mais relevante. São os preceitos e os valores morais que são colocados em evidencia para reflexão.

Jean Lauand esclarece que

A consciência de nossa participação na filiação divina, que alcança as realidades mais prosaicas do nosso quotidiano é, parece-me, a essência da educação cristã para o nosso tempo. (1999, p.2)

Tampouco, as aulas têm por objetivo “treinar discípulos”. Segundo Frei Xavier “tem a ver com a convivência entre os homens. (...) nos formamos pessoas com os nossos relacionamentos. A moral está na relação com os outros”⁶⁴. Por isso, é possível considerar a *Moral Cristã* como um “processo de educação e aprendizado”. Processo porque as aulas não são, nem estão acabadas em si mesmas, desenvolvem-se de maneira aberta, a partir de histórias reais e cotidianas e com a participação dos alunos. Não ocorre em uma prática puramente descritiva, é construída no aprendizado dos discentes e das docentes e na relação entre eles.

Danilo Streck em seu estudo sobre o desenvolvimento da educação e das igrejas no Brasil identificou e distinguiu três tipos de educação cristã:

1. Educação cristã transformadora, que tem por objetivos básicos conhecer a realidade e promover mudanças (...)
2. Educação cristã evangelizadora e missionária, que acentua o testemunho na comunidade e na sociedade (...)
3. Educação cristã mantenedora da comunidade, que enfatiza o bom funcionamento da comunidade, a transmissão de determinados valores e a dimensão terapêutica. (1995, p.80-81)

Esclarecendo um pouco mais a cada uma delas, mas na ordem inversa da apresentada pelo autor, a "educação cristã mantenedora da comunidade" é aquela desenvolvida na igreja, contemplando a missa, o culto, os sacramentos, os cursos, encontros e atividades que são conduzidas por religiosos de formação ou por pessoas diretamente ligadas à religião. Essa educação

⁶⁴ Trecho da entrevista concedida a autora desta dissertação em abril de 2012 e que está integralmente transcrita no capítulo 4 desta dissertação.

também é denominada de “Educação Religiosa”. Não é este o tipo de educação cristã desenvolvida nos cursos profissionalizantes da Ação Social Nossa Senhora de Fátima.

A "educação cristã evangelizadora" é a oferecida nas atividades de catequese, das escolas dominicais, nas pregações. Seu foco está na difusão dos Evangelhos, da Bíblia e nas mensagens religiosas (ou das igrejas) advindas destes livros. A *Moral Cristã* oferecida na *Ação Social* também não pode ser caracterizada como integrante dessa modalidade.

Porém cabe ressaltar duas ações distintas que são desenvolvidas na escola.

A primeira é que um curso de catequese é oferecido optativamente aos alunos. Os que aceitam participar o fazem em julho, mês em que estão de férias do curso profissionalizante. Nos últimos 5 anos de 8 a 10% dos alunos realizaram a matrícula neste curso de catequese.

A segunda é que os alunos que desejarem e manifestarem a vontade de uma orientação especificamente espiritual buscam o Frei Xavier para conversar, bem como uma vez por semana, comparece um padre que permanece à disposição dos alunos. Durante o ano de 2011 esteve presente o padre Renato⁶⁵ e em 2012 o padre Ivan⁶⁶.

Apesar de constituírem uma ação educativa oferecida no espaço da *Ação Social*, estas ações não fazem parte nem do Projeto Pedagógico oficial, nem é imposto a todos os alunos, por isso não pode ser considerada como ações caracterizadoras da Escola.

Na "educação cristã transformadora", na visão de Streck, estão as ações que fomentam a participação dos indivíduos em movimentos sociais, às causas mobilizadoras, em defesa da vida e da dignidade humana. Este tipo de educação promove a conscientização crítica para a cidadania à luz dos valores cristãos.

Também não é neste sentido estrito que caminham as aulas de *Moral Cristã*, pois não ocorre a aderência a nenhum movimento específico. Por outro

⁶⁵ Padre Renato divide a função de pároco da igreja Santa Rita de Cássia, com o Frei Xavier. Ainda pode ser considerado jovem, pois tem 30 anos. Também foi morador do bairro e participou do Grupo de Jovens nesta paróquia.

⁶⁶ Indicado pelo bispo da diocese de Santo Amaro, padre Ivan veio colaborar nos trabalhos da escola. Padre Ivan também já esteve presente na Ação Social no período em que a escola foi ampliada, entre 1993 a 1995.

lado, é apenas feito o incentivo a participação, permitindo ao jovem que efetive (ou não) sua escolha a uma causa.

Para Paulo Freire, a educação transformadora é a que, além de promover a autonomia, desenvolve a conscientização e a criticidade. Ações que ocorrem a partir do exercício do “pensar certo” que “significa procurar descobrir e entender o que se acha escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos” (1996, p. 77)

Portanto a “educação cristã transformadora” promove a conscientização crítica, a reflexão do sujeito sobre suas próprias ações, a percepção sobre o mundo que o rodeia à luz dos valores cristãos.

José Araújo esclarece que:

Uma educação da consciência, (...) se preocupa não em determinar “que coisa fazer”, mas o “porque vale a pena”, sustentado por cada tomada de posição ética. Ou seja, é preciso que a via educativa seja acolhedora e confiante nas potencialidades da pessoa⁶⁷. (2007, p. 241-242)

É somente a partir destes contextos que é possível considerar que a *Moral Cristã* se aproxima da categoria “educação cristã transformadora”. Para Frei Xavier

se os jovens não forem despertos para pensar sobre tudo isso, eles aceitam sem saber o que estão aceitando. As aulas devem ser para que percebam que eles têm escolhas sobre a vida. (...) O importante é que procuro despertar a consciência das consequências do modo de agir.⁶⁸

A consciência de si, dos seus atos se desenvolve a partir da reflexão, da comunicação e da interação propiciada no ambiente educativo da Ação Social e das aulas de *Moral Cristã*. Ainda para Freire (1996), é a partir da reflexão sobre seu contexto, do comprometimento, das decisões, que os homens e mulheres se constroem a si mesmos e chegam a ser autônomos.

Ao propiciar o debate sobre valores e virtudes, as aulas de *Moral Cristã* buscam promover a autonomia moral nos alunos, sua capacidade de analisar, de escolher e tomar para si, de maneira consciente, os valores que regerão sua vida.

A consciência de nossa participação na filiação divina, que alcança as realidades mais prosaicas do nosso quotidiano é, parece-me, a essência da educação cristã para o nosso tempo. (Lauand, 1999, s.r)

⁶⁷ Grifo do autor

⁶⁸ Trecho da entrevista concedida a autora desta dissertação em abril de 2012 .

É Lourdes Pinheiro quem afirma que “a reflexão, o debate e o exercício das virtudes aprimora os sentimentos e o caráter permitindo o respeito próprio, além de oferecer melhores possibilidades de engajamento na vida” (2003. p. 12)

Há ainda dois pesquisadores que esclarecem um pouco mais sobre a especificidade de uma moral ou ética cristã:

A ética cristã pauta-se pelo respeito e cuidado para com todo e cada ser humano, pois todos e cada um são criação de Deus, investidos de dignidade, enquanto criaturas humanas, como imagem e semelhança de Deus, acolhidos no seio da Trindade, no mistério da encarnação de Jesus Cristo. (...) O olhar cristão sobre o humano desvela que a compreensão e a percepção, do ser humano, da vida e, por consequência, o posicionamento ético. (MELO, 2009, p. 170-171)

Na ética cristã, os princípios e valores do indivíduo são norteados pelo cristianismo, tendo a fé e a aceitação da palavra de Deus através do Cristo como princípio para que o cidadão tome suas decisões de forma ética dentro da comunidade. (PIMENTEL, 2012, p. 860)

É possível afirmar que na disciplina *Moral Cristã*, os princípios e os valores levados para serem debatidos em sala de aula, são norteados pelo cristianismo, porém não ocorre a imposição de aceitação da palavra de Deus. A cada aluno é dada a liberdade de expressar a sua fé, sua crença ou descrença.

Tomando emprestadas as palavras de Jean Lauand:

Assim, a moral, longe de ser um código ou manual, é um convite ao reconhecimento da dignidade (...). Para além de proibições e castigos, a moral cristã é uma questão de retribuição de amor à presença de Cristo no cristão. (1999. p 2)

Nas aulas de *Moral Cristã* não há a prescrição de normas de conduta. Conforme nos lembra José Araújo, na *Declaração sobre a liberdade religiosa do Vaticano II* consta a recomendação aos católicos de que “o ser humano deve agir, pela própria livre decisão, ou seja, a partir do juízo pessoal da consciência e não sob medidas coercitivas”. (2007, p. 148)

O valor da liberdade não está na base da ação individual ou egocêntrica, mas na "capacidade de acolher e potencializar a liberdade do outro. (...) Isso supõe reconhecer-lhe a autonomia e a diferença (...). Dessa relação nasce a responsabilidade de um pelo outro (BOFF, 2004, p.60)

Em uma Conferencia proferida no Colégio Santa Marcelina, Jean Lauand defende que

não há um conteúdo moral especificamente cristão: o cristão assume a moral natural, a mesma que se impõe a todo homem que pretenda ser bom, ser verdadeiramente homem. (1999, p. 3)

É preciso tornar claro que a universalidade dos valores morais entrecruza-se com a “especificidade” dos valores cristãos: solidariedade, respeito, amizade, liberdade, convivência, cordialidade, responsabilidade, felicidade... A busca para o *bem* e para o *bom* constitui a ação educativa das aulas de *Moral Cristã*.

“Então as aulas são para isso: para ajudar a pensar nesse projeto pessoal de vida digna.” (Frei Xavier)

Para esclarecer melhor como são desenvolvidas as aulas de *Moral Cristã* e as impressões dos sujeitos que dela participam, aprofundarei, no quarto capítulo a descrição da prática educativa deste componente curricular e dos valores morais que foram utilizados para debate nas aulas.

Ainda, do próximo capítulo consta a pesquisa realizada com uma parcela dos atores da Escola Profissional da Ação Social Nossa de Fátima que, intentou caracterizar suas percepções sobre a educação moral que ali se efetiva e sobre as influências apreendidas desta escola. Buscando, desta maneira, responder ao problema proposto para o desenvolvimento deste trabalho.

Capítulo IV

A disciplina *Moral Cristã* na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima

Na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima, a *Moral Cristã* é um componente que faz parte da grade curricular de todos os cursos, e está registrado nos Planos de Curso e no Plano Escolar na Diretoria Regional de Ensino – Sul 3.

Neste momento da dissertação, inicialmente será apresentada a *Moral Cristã*, a partir de sua prática metodológica, seguindo para a concepção dos sujeitos envolvidos: alunos, professores, voluntários e funcionários e a do Frei Xavier. Para tanto, foram realizadas entrevistas, que buscaram compreender também o quanto a educação moral impactou e influenciou a vida e o amadurecimento dos alunos.

4.1. Como as aulas são desenvolvidas

A disciplina *Moral Cristã* é uma ação educativa voltada para o cultivo das virtudes e valores morais em busca do bem viver em sociedade, desenvolvida com a utilização de textos, debates, reflexões e atitudes amorosas por parte das docentes. Longe de ser uma prescrição de normas, regras ou preceitos a ser cegamente seguidos, busca aprimorar o discernimento, a consciência, e aperfeiçoar a liberdade e responsabilidade dos educandos.

Puig recomenda que para o desenvolvimento de uma educação moral

é necessário salvaguardar a liberdade e autonomia do aprendiz, embora também seja imprescindível refletir sobre aqueles conteúdos e significações que a coletividade considera fundamentais para a sua sobrevivência e dignidade. Trata-se de um projeto pedagógico que quer encontrar um caminho melhor entre a mera transmissão informativa e o laissez-faire cognitivo, assim como entre a autonomia num vazio cultural e a imposição unilateral de formas de vida.

(1998, p. 73)

No primeiro dia de aula desse componente curricular, após debater com os alunos sobre a definição de *Moral*, as docentes esclarecem que ao longo do ano durante as aulas será feito um

estudo dos valores humanos sob a ótica humana e cristã. A moral cristã nos ajuda a conviver e nos relacionar melhor com o outro. (...) E ainda, teremos a oportunidade de conversar sobre relacionamentos no trabalho, na família, com amigos e namoro.⁶⁹

Os temas das aulas são elaborados e desenvolvidos pelo Frei Xavier. Ele seleciona um fato da vida cotidiana, uma matéria ou uma reportagem jornalística, em que as ações do protagonista possam promover e provocar nos alunos uma reflexão sobre um princípio ou valor moral.

Larry Nucci afirma que "diante do que sabemos atualmente sobre a cognição moral, é sensato propor que o foco central da educação moral recaia sobre questões da vida cotidiana." (2000, p. 80)

Ao buscar fatos da vida cotidiana para fomentar a reflexão em sala de aula, Frei Xavier também pretende incentivar os alunos a pensar, a utilizar seu raciocínio para o enfrentamento de situações, que apesar de não serem as suas por vezes são realidades muito próximas.

Severino afirma que idealmente é necessário:

explicitar pedagogicamente para o adolescente o sentido de sua existência, subsidiando-o na compreensão do lugar que ele ocupa na realidade histórica de seu mundo. Gosto de sintetizar esta idéia na seguinte expressão: *subsidiar o jovem aprendiz a ler o seu mundo para se ler nele*. Trata-se de ajudá-lo numa apreensão mais consistente de sua cultura para que ele possa se situar nela, de forma mais adequada à condição humana. (2010, p. 60)

Frei Xavier elabora um texto que é refletido e debatido, em reuniões semanais, com as professoras deste componente curricular. Algumas das questões levantadas pela equipe são aproveitadas para o planejamento das aulas. Além disso, a coordenadora da disciplina Moral Cristã, também elabora um roteiro-guia que compartilha com a equipe. E ainda, por e-mail acontece uma troca de sugestões de dinâmicas e com questões complementares ao roteiro. A partir de então o tema é apresentado e debatido em sala de aula.

Para aclarar a compreensão sobre o trabalho realizado, reproduzo a seguir, como exemplo, dois trechos de textos, acompanhados dos roteiros sugestivos que foram trabalhados em sala de aula em 2011:

⁶⁹ Retirado do roteiro de "Apresentação das aulas de Moral Cristã" distribuído às docentes no início do ano letivo.

Texto 1 – O transplante⁷⁰

Paula F. é médica anestesista, italiana emigrada em Nova Zelândia (Austrália). Infelizmente sofre de leucemia e em 27 de setembro de 2011 deu um grito, junto com um pedido de socorro urgente, porque precisava de um transplante de medula. A pessoa que se supunha apta para um eventual transplante de medula era sua irmã Luiza, professora de ensino fundamental, e que morava em Pádua (Itália).

Do resultado dos exames efetuados Luiza resultou ser a única totalmente compatível com a Paula para o transplante.

Luiza é irredutível quando se nega em doar a sua medula, não quer ficar sem alguma parte de seu corpo, não quer correr riscos.

O caso se transformou em uma batalha pública, sem contar que também foi divulgado no Facebook.

Uma vez tornado público, o caso acabou dividindo as opiniões, que tomaram partido por uma das irmãs.

Os que defendem a decisão de Luiza argumentam que se trata de um fato estritamente pessoal e, portanto não deveria sofrer qualquer pressão externa. Estes condenam Paula por ter transformado em notícia o que era um segredo de família.

Os que ficaram ao lado de Paula colocaram uma faixa em uma das praças principais da cidade de Pádua, onde mora Luiza, com os seguintes dizeres: "Luiza, você matará a sua irmã se não lhe doar a medula!"

Em uma entrevista Paula revelou: "A negativa da minha irmã Luiza, que resiste a doar-me a própria medula, tornou-se para mim um problema agudo. Como médica nunca veio a minha cabeça a idéia de fazer mal a Luiza, nem queria expô-la a algum risco por me doar a medula a fim de eu continuar viva."

À Paula foi feita uma segunda pergunta: "O medo advindo pelo não conhecimento de Luiza sobre a medicina é a causa de sua omissão de certos atos benéficos como o transplante. Pode isso ser a justificativa da morte de uma pessoa amada?

- Não, certamente!

A ignorância prova a falta de solidariedade. Isso ocorre quando uma ou ambas as partes não compreendem a fundo uma situação.

Quando alguns insistem na ignorância, mesmo não faltando os meios para que os indivíduos fiquem esclarecidos; isso os faz indisponíveis para determinadas soluções.

Do ponto de vista médico, Paula se chocou contra o muro da ignorância de Luiza. (...)

O drama de Paula foi sintetizado com a seguinte declaração:

- Vocês chegaram a pensar o que significa para mim (*sic!*) saber que a minha irmã não quer fazer a doação da sua medula, e que é a única condição capaz de me fazer viver? Todavia, respeito a sua decisão! (...)

Indicação bíblica: Lucas, 12, 13-32

Roteiro

Objetivo: o valor da compaixão

- 1) Colocar o tema da aula na lousa
- 2) Contar o início da história das duas irmãs.
- 3) Qual a opinião de vocês sobre discutir problemas pessoais publicamente (ou Facebook) e tornar acessível (ou permitir) que mesmo quem não está envolvido com a história possa interferir.

Estamos tornando nossa vida um "programa Big Brother"?

Isso pode ser considerado invasão de privacidade?

- 4) Como vocês interpretam o comportamento de Luiza?
- 5) Lousa: A ignorância prova a falta de solidariedade.

⁷⁰ Texto apresentado e debatido no dia 23 de fevereiro de 2011, e publicado no livro: *A Beleza das Flores e a Vida*. nov. 2011. p. 79-82

Há pessoas que usam a ignorância como desculpa para deixar de agir.
Realmente a ignorância pode ser usada como desculpa?

Texto 2 - *Uma tragédia nuclear à vista*⁷¹

Nestes dias o Japão está sofrendo, simultaneamente, três catástrofes de grandes dimensões: primeiro um terremoto de força 9 (o mais devastador na escala Ritcher).

A seguir veio um tsunami com ondas de quase 20 metros, que destruíram centenas de cidades. E, finalmente, a pior: a ameaça atômica, com vazamento de material radioativo das várias usinas atômicas avariadas.

Exemplo dos estragos ocorrido PE a aventura vivida pelo Sr. Hiromitsu Shinkawa, de 60 anos.

Quando estava colocando ordem nas poucas coisas que sobraram do terremoto encontrava-se em companhia da esposa e, de repente viu chegando a onda lamacenta, acompanhada pelo estrondo mortífero do tsunami.

Hiromitsu fugiu da onda, içando-se e se instalando no telhado da casa, enquanto a esposa se atrasou na sala. Ninguém mais a viu porque ela foi, imediatamente, arrastada pela onda, e levada pela força das águas.

A água correu de encontro à casa de Hiromitsu. E foi com uma violência tão incomum que acabou separando o telhado do resto da construção. (...) Quando conseguiu perceber a nova situação, ele estava navegando sobre a superfície líquida. (...) Participou da ressaca do tsunami que o sugou mar adentro, por quinze quilômetros. (...)

Hiromitsu ficou dois dias e duas noites sem beber e sem comer até ser avistado por um contratorpedeiro da marinha japonesa.

Nesse ínterim avistou embarcações e helicópteros, que apesar de assinalar sua presença, não conseguiu chamar a atenção. (...)

Hiromitsu e sua mulher passaram pelo terremoto e sobreviveram. Mas só ele conseguiu enfrentar o tsunami sem sucumbir. Resta saber se vencerá o perigo da radiação nuclear. (...)

Hiromitsu é um nome ancestral que faz lembrar os guerreiros feudais, à qual ele pertence. Eram os habitantes do antigo Japão onde desde crianças recebiam treinamento na luta do corpo a corpo com o inimigo, pois o ideal viril forjava o guerreiro samurai para matar ou morrer. No código moral dos antigos cavaleiros se aceitava uma ou outra solução com a mesma dignidade e serenidade, qualquer que fosse o desfecho, sem deixar que o dinheiro, o poder e o sucesso pudesse se tornar mais importante que a lealdade, a honestidade, a colaboração, a dignidade e o respeito mútuo. Esse é o seu código de honra. (...)

Diante da revolta da natureza o ser humano precisa manter o controle das suas emoções, mesmo quando a aposta é muito alta e do resultado depende a vida ou morte. (...)

Os japoneses encaram a emergência, que chamamos de tragédia, com uma calma totalmente desconhecida por nós, os latinos.

Talvez seja por isso que eles saem das crises mais fortes que eram antes de entrar nela, porque a crise a desperta o sentimento da própria responsabilidade, que vincula a visão da sua casa destruída a vontade de já começar a sua reconstrução. Veja o que aconteceu após o terremoto em Kobe: a cidade inteira foi completamente reconstruída em menos de quatro anos. (...)

A esperança não apaga a visão dos escombros, como também não destrói a visão de um futuro diferente.

(João 7, 1-10)

⁷¹ Texto apresentado e debatido no dia 23 de março de 2011, e publicado no livro: *A Beleza das Flores e a Vida*. nov. 2011. p. 87-90

Roteiro:

Objetivo: o valor da esperança

- 1) Colocar o tema da aula na lousa
- 2) Contar a história de Hiromitsu (até Resta saber se...)
- 3) O que aconteceu a Hiromitsu foi sorte ou desgraça?

Os japoneses enfrentaram com dignidade: não houve pânico – conhecem os perigos do terremoto e tsunami, e se preparam para lidar com isso. Não houve saques – respeito ao que é do outro; confiança na ajuda, no compartilhamento.

A reconstrução é feita com melhorias para enfrentar os próximos terremotos. Há a aceitação do que não pode ser mudado, mas força para ser enfrentado.

Não aceitar a realidade é não assumi-la, nem assumir sua própria força.

O olhar não se demora sobre a destruição. Há um orgulho na reconstrução, enaltecimento aos sobreviventes.

- 4) Lousa: Em diversas situações temos dois caminhos: enfrentar ou desistir; ganhar ou perder; se salvar ou morrer.

O que nos move a escolha?

- 5) Qual é a nossa reação diante de uma tragédia ou crise?

- 6) Lousa: Esperança pode significar esperar, mas também é confiança e perspectiva

- 7) Em que ou em quem tenho esperança?

Cabe ressaltar que tanto o texto como o roteiro não se constituem como um modelo enrijecido a ser seguido de maneira literal ou tal qual uma receita. O tema do texto apresentado pelo Frei Xavier, conforme sua própria recomendação deve ser um assunto motivador para a reflexão com alunos sobre o valor moral aí evidenciado. E o roteiro, elaborado pela coordenadora, também se constitui de questões sugestivas para conduzir o debate em sala, que podem ou não ser seguidas.

Cortina orienta que

na educação moral não se trata apenas de mostrar modelos para serem reproduzidos, porque a reprodução, a cópia e a fotocópia matam a vida. O que importa é enxergar os valores e aprender a saboreá-los, sabendo que, por mais atraente que seja um ou outro personagem, terei que criar o meu, e que ninguém pode representar por mim. (2003, p. 71)

Algumas das professoras, notadamente as que já possuem ou possuíam experiência de docência, re-elaboraram o roteiro, adequando-o à realidade e às peculiaridades da sala em que atuam ou a sua forma de ministrar as aulas. Outras optam por conduzir o debate em subgrupos. E há as que preferem conduzir as aulas a partir da leitura do texto, ou seguindo as questões apresentadas no roteiro. Também foi explicitado pelas docentes que, quando um tema ou uma reflexão revela-se de maior interesse por parte dos alunos, ou de uma sala, este pode continuar a ser abordado e debatido em mais de uma aula.

É possível perceber que mais do que abordar uma situação peculiar, Frei Xavier em seus textos, intenta transcender a particularidade, fomentando a reflexão dos valores morais e assim auxiliar os jovens a construírem e a elaborarem com clareza a sua própria maturidade moral.

Fanny Abramovich, na obra que trata da importância e do papel da literatura na vida da criança e do adolescente afirma que as histórias despertam a

possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (...) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas. (1997, p.17)

É plausível inferir que o processo descrito acima ocorre não somente para o desenvolvimento psicológico ou afetivo, como também a atividade de contar/escutar/refletir histórias de vida ou histórias com dilemas ou valores morais colabora com o processo de desenvolvimento moral dos alunos.

4.1.2. Temas das aulas

Desde 2008, os temas, valores ou princípios morais que foram abordados nas aulas de *Moral Cristã* foram os seguintes:

- Amor (materno, paterno, à família, incondicional, paixão)
- Amizade; Convívio; Afeto; Laços afetivos
- Autoconhecimento; Auto-estima; Intuição; Motivação; Coragem; Determinação; Persistência; Resiliência; Disciplina; Superação; Independência; Liberdade; Responsabilidade e Privacidade.
- Caridade; Cooperação; Empatia; Generosidade; Solidariedade; Compaixão; Perdão.
- Confiança; Esperança e Entusiasmo.
- Ética; Cidadania; Ser bom e Equilíbrio.
- Vida; Dignidade; Respeito; Igualdade e Preconceito.
- Diálogo; O poder das palavras.
- Criticidade, Discernimento, Voto.

- Honestidade, Idoneidade.
- Saúde, Doenças psicossomáticas.
- Felicidade

Os temas relacionados especificamente à religiosidade foram abordados especificamente em apenas dois momentos, com os temas:

- Fé
- Confiança em Deus

E ainda, houve dois temas que estão diretamente relacionados ao catolicismo e cada um deles foi abordado em uma aula distinta:

- Eucaristia (na proximidade da data de Corpus Christi)
- Aborto

Considerando que durante o ano letivo estão previstas 36 aulas de Moral Cristã e em apenas quatro encontros são abordados temas cristão-católicos, nas demais 32 aulas o foco dos debates são as reflexões sobre as virtudes e os valores morais.

4.2. As entrevistas

Com o intuito de conhecer como o processo educativo da disciplina *Moral Cristã* é percebido pelos atores que participam da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima foram realizadas entrevistas com os alunos, com as docentes de Moral Cristã⁷², com os professores das demais disciplinas, com os funcionários, com os voluntários e com o Frei Xavier.

Segundo Miriam Albuquerque, "o relato oral não constitui a verdade absoluta, mas retrata a verdade do entrevistado" (2003: p.24).

Assim, procurando garantir aos entrevistados uma maior possibilidade de falar e revelar suas verdades, foi elaborada uma entrevista semi-

⁷² O quadro de docentes de *Moral Cristã* é composto somente por mulheres, portanto será sempre tratado no feminino.

estruturada⁷³, que apresentou questões sobre a escola, sobre suas normas e disciplina, sobre a *Moral Cristã*, para que pudesse atender, ou não, a hipótese formulada.

A entrevista contou com um roteiro de questões pré-estabelecidas, para que o objetivo da narrativa central não fosse desviado.

Ao longo do segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012, foram entrevistados 34 sujeitos: 15 docentes, sendo que destes, 6 são professores especialistas (24%), 9 são docentes da disciplina *Moral Cristã* (39%); 4 funcionários (22,22%), sendo que um deles acumula a função de docente; 5 voluntários (10%), sendo que 2 destes também eram alunos e 12 alunos (1%).

Os alunos foram novamente contatados no segundo semestre de 2012, com o intuito de conhecer se guardavam alguma lembrança ou se percebiam alguma influência das aulas de *Moral Cristã* em sua vida, em seu modo de agir, perceber o mundo ou pensar. Dos 12 alunos entrevistados em 2011, apenas com uma aluna não foi possível efetuar o novo contato. Um aluno ainda mantém o vínculo de aluno na escola, em outro curso.

Cabe lembrar que as docentes de *Moral Cristã* são voluntárias, isto é, não pertencem ao quadro funcional da instituição, apesar de que este é um componente curricular presente em todos os cursos.

Não houve uma escolha ou seleção prévia dos entrevistados, o critério foi a sua disponibilidade nos momentos em que me encontrava na Ação Social. Os alunos foram abordados em horário distinto de suas aulas e as entrevistas ocorreram no espaço da biblioteca. Como a maioria dos alunos já me conhecia, perguntava se poderiam responder algumas questões pessoais e sobre a escola para a elaboração de minha pesquisa e diante da afirmativa, realizava a entrevista.

Os professores⁷⁴ foram procurados em seus momentos de "janela"⁷⁵, os voluntários e funcionários durante o almoço. As docentes de *Moral Cristã* após as reuniões preparatórias das aulas.

⁷³ Os roteiros das questões feitas aos entrevistados constam no anexo.

⁷⁴ São intitulados de professores, os profissionais que lecionam diversos componentes curriculares dos cursos técnicos e de qualificação profissional, excetuando as docentes que ministram as aulas de *Moral Cristã*.

As entrevistas contaram com os seguintes tópicos:

Tópico	Objetivo	Questões / Temas
1. Perfil	. Identificar algumas características do entrevistado	. Idade . Escolaridade . Religião . Formação . Experiência profissional . Tempo na Ação . Área que atua na Ação / curso que faziam
2. Concepções	Evidenciar os conceitos pessoais sobre:	. Educação . Moral
3. Moral Cristã	Evidenciar as impressões que este componente curricular causa na formação dos alunos	. Manifestar a opinião sobre a Moral Cristã . Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã
4. Influência	Constatar se houve (ou não) a percepção sobre a influência que da ação educativa da escola	Explicitar uma comparação entre o comportamento e postura dos alunos no início e ao término do curso

4.2.1. Apresentação dos dados

Após o período das entrevistas e de transcrição⁷⁶ das mesmas, fez-se necessário realizar a tabulação dos dados e a análise das informações obtidas, inicialmente sem categorias pré-definidas, para que os temas unificadores pudessem surgir a partir dos pontos convergentes das respostas dos entrevistados.

Na medida em que a análise das entrevistas foi sendo apurada, realizou-se um agrupamento dos termos e significados que surgiram a partir das declarações.

⁷⁵ O termo “janela” é utilizado para designar o período de intervalo entre aulas, em que o docente permanece na escola, mas não em atividade com os alunos.

⁷⁶ Constam no anexo

A apresentação dos dados e a análise das informações a serem apresentadas ocorrerão em uma sequência que proporcione fluidez ao texto da dissertação.

4.2.2. Perfis

4.2.2.1. docentes de Moral Cristã

A faixa etária das docentes de *Moral Cristã* compreende o intervalo entre os 40 até os 70 anos. Dentre elas, uma tem mestrado em Farmácia como formação acadêmica, três completaram o curso de licenciatura (Pedagogia, Letras e Matemática), duas possuem bacharelado (Psicologia e Administração), uma fez o curso Magistério e duas possuem o Ensino Médio. Das nove docentes entrevistadas, oito são católicas e uma professa a fé luterana. Em 2011, apenas uma docente tinha 2 anos de experiência nas aulas de *Moral Cristã*, as outras possuíam mais tempo de docência que varia de 4 a 24 anos na Escola.

4.2.2.2. professores especialistas da área técnica e funcionários

A idade dos professores entrevistados está entre os 20 a 64 anos. Todos possuem curso superior na área em que atuam: Engenharia Elétrica (curso: Eletrotécnica); Matemática, com especialização em Logística Empresarial (cursos: Administração e Secretariado); Comunicação Social com especialização em Marketing (curso: Comunicação Visual); Letras (cursos: Administração, Secretariado, Informática e Hospedagem); Direito (Curso: Administração) e Tecnologia da Informação (curso: Informática). A docente de idade mais nova ainda está cursando a faculdade. Cabe ressaltar que esta foi aluna da escola nos cursos de Informática e Inglês, assim como por 2 anos foi estagiária no Laboratório de Informática.

Apenas um dos professores foi contratado no 2º semestre de 2011. Dois foram contratados no início de 2011, e os demais possuem mais tempo na escola: 7, 9 e 11 anos de permanência. Cabe destacar que um dos professores trabalhou no período de 2001 a 2007, tendo retornado em 2010. Dos 7

professores entrevistados, 3 são católicos, 2 são evangélicos, 1 é espírita e 1 se auto-intitulou como espiritualista.

Dos quatro funcionários entrevistados, três são da área administrativa; e um trabalha na área da limpeza. Um é formado em Economia, tendo sido professor na FEA-USP, trabalha é assessor de projetos e responsável pelo setor de estágios. Outro é formado em direito, atua no setor jurídico e também ministra algumas aulas nos cursos técnicos de Administração e Secretariado. Uma fez o curso técnico em Contabilidade e também trabalha no setor de estágios. E a quarta funcionária entrevistada não concluiu ensino fundamental e trabalha na área de serviços gerais, com limpeza e no refeitório da escola.

Possuem idade bem diversa, de 29 a 77 anos. Dois são católicos, um é evangélico e um se intitula católico-espírita. Dois estão na escola há 10 anos e dois, há 5 anos.

4.2.2.3. voluntários

A Ação Social valoriza a ação voluntária e os alunos também ficam sensibilizados e se dispõem a fazer parte do quadro. Dos 5 voluntários entrevistados, três eram alunos e estão entre os 17 e 18 anos. As outras duas tem 65 e 68 anos. As voluntárias com mais idade atuam na cozinha, no refeitório, na organização dos bazares, das festas. Já os alunos voluntários colaboraram no laboratório de informática, no atendimento da Biblioteca e no apoio a Secretaria. Os jovens também estão cursando o ensino médio, enquanto que a escolaridade das voluntárias é o ensino fundamental.

4.2.2.4. alunos

Os nomes originais foram substituídos por nomes fictícios para manter o anonimato dos alunos, uma vez que a idade da maioria dos entrevistados (10 alunos) é de até 18 anos; um possui 20 anos e uma tem 28 anos⁷⁷.

Cinco alunos professam a fé católica, cinco são evangélicos, um é espírita e uma afirmou que não possui religião.

⁷⁷ Apesar da idade limite para matrícula na escola ser de 24 anos, quando um candidato com idade superior demonstra que tem condições para freqüentar o curso, que é realizado no período diurno, e passe na prova, pode fazer o curso.

Nove entrevistados cursam concomitantemente o ensino médio⁷⁸, dois estão fazendo faculdade e uma já concluiu o ensino superior (Pedagogia).

Seis dos alunos entrevistados estavam fazendo o curso de Inglês. Dois estavam freqüentando o curso técnico em Administração. Dois o curso técnico em Informática. Um, o curso técnico em Hospedagem e um, o curso técnico em Secretariado.

4.2.3. A entrevista com Frei Xavier

A conversa com Frei Xavier foi distinta das demais entrevistas, pois teve por intento saber claramente o que o motivou a querer que os alunos recebessem aulas de *Moral Cristã*, qual era/é sua intenção e a sua concepção.

Ele revelou que em seu contato com as famílias,

Percebia que os pais e as mães se sentiam perdidos em relação às orientações que faziam a seus filhos. Eles se mostravam com dificuldades para ensinar, eram até mesmo ignorantes, do que é certo e errado nos relacionamentos, na vida.

A moral é anterior à religião. Tem a ver com a convivência entre os homens. Não somos bichos, nos formamos pessoas com os nossos relacionamentos. A moral está na relação com outros. Está na relação com si próprio. Com sentirem a dignidade da vida. Quando sou valorizado como pessoa, me dou valor. A dignidade tem o valor da própria vida.

Para preparar as aulas leio muito, procuro por fatos cotidianos, que estão nos jornais, principalmente os italianos. [por que os italianos?] Eles tem reportagens do cotidiano mais completas, permitem a reflexão. Também tem mais sobre outras partes mundo todo. E a partir de um caso ocorrido procuro mostrar as possibilidades de agir bem, de reagir diante de situações de relacionamento, das dificuldades que a vida tem. Usando como exemplo a maneira como as pessoas lidam com as situações que a vida traz, desenvolvo o tema da aula, faço, ou procuro fazer relações com outras questões parecidas. Alguns têm dificuldade para perceber isso, mas os temas estão relacionados. Agora pouco estava preparando um texto sobre as redes sociais. E questiono, quero que pensem sobre que tipo de relacionamento se está cultivando. O envolvimento, porque não é um envolvimento, é superficial, não permite que verdadeiramente as pessoas se aproximem, se conheçam ou se respeitem. Mas pela internet elas também cometem atos de violência e, vão aderindo a questões que não preservam a vida do outro nem a sua própria. Confundem a realidade com o virtual, as novelas também fazem isso, distorcem a vida como se fosse real. E se os jovens não forem despertos para pensar sobre tudo isso, eles aceitam sem saber o que estão aceitando. As aulas devem ser para que percebam que eles têm escolhas sobre a vida.

Sempre termino o texto de preparação da aula com um trecho do evangelho, mas este não é o principal. Não quero que seja. Se as professoras quiserem podem só anotar a referência na lousa e depois eles [alunos] podem ler sozinhos em casa, ou não.

⁷⁸ Em escolas públicas da região.

O importante é que procuro despertar a consciência das consequências do modo de agir. A vida não é magia, mas tem a ver com as escolhas da pessoa, como ela faz e age diante de cada coisa, do namoro, da relação com os pais, nos estudos, no trabalho, na diversão. Depois vêm os frutos. Ela tem que conviver com isso, assumir as responsabilidades e também poder desfrutar, quando faz o bem, faz o que é certo.

Se ela não dá valor a sua própria vida, ou se dá valor ao que não é o bem, ela está desvalorizando a própria vida, a si própria, e a sua dignidade. Sem dignidade você não é uma pessoa. Não consegue fazer um projeto do seu futuro. Você tem que ter um objetivo na vida, para a sua própria vida. Não é só ir fazendo por fazer. Então as aulas são para isso, para ajudar a pensar nesse projeto pessoal de vida digna.⁷⁹

Como se pode inferir dessas declarações, a preocupação central de Frei Xavier está relacionada ao princípio da dignidade humana. Mas também demonstra a clareza da fundamentalidade da consciência moral para nosso existir e da precedência e autonomia da moral em relação à religião.

4.3. A percepção dos sujeitos

Nesse tópico estão evidenciadas as opiniões dos sujeitos que atuam na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima sobre Moral, *Moral Cristã* e que elucidam a hipótese condutora dessa dissertação. Para exemplificar as categorias que surgiram após a análise das entrevistas foram selecionadas algumas respostas.

4.3.1. Moral

Com o intuito de compreender qual o significado que os sujeitos atribuem à *Moral Cristã*, inicialmente foi solicitado que expressassem o que entendem por “moral”.

Os professores especialistas da formação técnica e as docentes de *Moral* apresentaram definições bem próximas do conceito formal:

Conjunto de regras focando virtudes, bons costumes, podendo ser adquiridas e ampliadas pela sociedade e pelos indivíduos. (Cláudio)

São os conceitos regidos pela ética e padrões estabelecidos por uma sociedade constituída por leis e princípios do comportamento humano. (José Luiz)

⁷⁹ Transcrição da entrevista realizada em 23 de abril de 2012.

São conjunto de conduta estipulados pela sociedade ou religião que orientam a comunidade a viver dentro de padrões éticos e dentro de preceitos pré-estabelecidos, que faz a sociedade viver de forma harmônica. (Sylvia)

Apenas três docentes estabeleceram uma ligação direta do conceito de moral com a moral cristã:

É o mesmo que ética, tendo como livro de etiqueta a Bíblia. (Liliane)

Disciplina que ensina valores baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo e que nos ajuda a conviver e a nos relacionar melhor com o próximo, ou seja, desenvolver o caráter cristão em nós. (Nilse)

A definição de moral apresentada pelos funcionários evidenciou a afinidade com os valores morais:

Obediência aos hábitos, à tradição. Respeito e solidariedade da comunidade. Valores. (Sérgio)

Práticas dos princípios éticos. (...) É a ética, estudo do outro, do respeito mútuo. A moral situa o sujeito na vida, quando se aplica é a prática da cidadania. (Danilo)

Para os voluntários a concepção de moral foi ainda mais diversificada. Duas definiram como sinônimo de educação:

Quase a mesma resposta de Educação. (A prioridade é o respeito, consideração com a pessoa próxima e com você mesmo. Como tratar as pessoas, tratar bem o idoso, a criança. Honestidade.) (Silene)

É algo que vem do berço (...). Por exemplo, o respeito. (Lene)

É adaptar-se conforme a banda toca. (Carol)

É aprender a viver na sociedade, uns com os outros, se respeitando em tudo. (Gabriel)

Para os alunos a moral se funde ou é confundida com a ética, sendo assim explicitada por três alunos.

Parecido com ética. (Antonio, André e Érica)

Dois alunos expressaram que a moral está no plano das idéias:

É a idéia de um tema discutido em conjunto. (Elisa)

Ações que ficam apenas no nosso pensamento. (Marcelo)

Os demais alunos declararam que a moral tanto pode ser a prática dos valores como a reflexão das normas sociais:

É um conjunto dos princípios que o indivíduo acha que deve ser seguido. (Ana)

É um conjunto de boas maneiras; visão mais crítica dentro de normas que nos regem na vida. (Sandra)

É um conjunto de valores positivos, criados e idealizados pela sociedade, mas que na maioria das vezes não são seguidos. (Danyelle).

4.3.2. A Educação Moral

Este tópico tem por intuito explicitar o posicionamento dos professores, funcionários e voluntários em relação à educação moral, se eles têm a percepção da abrangência deste processo educativo, bem como a influência no desenvolvimento moral dos alunos.

A educação moral na Escola Profissional Nossa de Fátima impregna toda a ação educativa, bem como é possível percebê-la em todo o relacionamento que ocorre nesse espaço, isto é, não fica restrita ao momento das aulas de *Moral Cristã*.

Os professores declararam que consideram o ensino de moral importante para a formação dos jovens.

Assim como o aspecto técnico, a formação humana é importante. (João)

É importante para a formação deles. Hoje ninguém fala ou ensina isso. A família não quer saber, os jovens ficam meio perdidos. (Silvio)

Um deles comparou as aulas de Cidadania e Ética Profissional oferecida em outros cursos e no ensino superior.

Hoje alguns (cursos) têm a (disciplina) cidadania; na faculdade tem que saber a ética profissional da área. Tem que fazer parte da formação desde os pequenos. (José Luiz)

Todos os profissionais e voluntários têm clareza da participação e da influência que exercem sobre o desenvolvimento moral dos alunos. Os argumentos que surgiram para elucidar essa questão foram:

- *Fazer orientações ou dar conselhos* - foi citado por dois professores, pelos quatro funcionários e pelos dois voluntários adultos.
- *Promover a reflexão em situações de conflito* - foi o argumento de três professores;
- *Utilizar textos, dinâmicas, histórias ou cases* foi a resposta apresentada por três professores,
- *Respeito à individualidade dos alunos*: um professor e uma voluntária.

Dois depoimentos expressam essa clareza:

(...) aqui temos mais abertura para refletir com os alunos sobre os atritos que surgem no cotidiano, entre eles mesmos, nas equipes. Questiono sobre suas atitudes, se realmente é a mais acertada, se pode ser considerada ética, se é boa para a convivência em grupo. Ou se é adequada em um ambiente profissional. (Cláudio)

Aqui na escola é impossível não participar. (Mayara)

O diálogo, a conversa, a orientação, o debate, a reflexão constituem os procedimentos e as posturas que prioritariamente são utilizados para promover o desenvolvimento moral dos alunos. É também por meio do diálogo que as relações de convivência são estabelecidas e se fortalecem. Paulo Freire defende que “o diálogo é uma exigência existencial.” (2005, p.91)

A utilização de histórias, procedimento também adotado especificamente nas aulas de *Moral Cristã*, faz-se presente em alguns momentos nas outras aulas que tem por foco a área técnica. Nestas, as histórias são intituladas de “cases”, despertando uma motivação diferenciada, e próxima à realidade profissional, ao ambiente corporativo.

Quando acontece um conflito que pode ser similar a um comportamento ou postura na empresa, eu costumo trazer cases para análise e debate. (Silvio)

Os funcionários consideram válido o ensino de Moral na escola. Dois explicitaram como uma característica da Ação Social Nossa Senhora de Fátima, e um fez referência a distinção em relação à Educação Moral e Cívica:

Faz parte da escola. É importante para os jovens. Deveria fazer parte do currículo nas outras escolas. Não aquela que tivemos a Moral e Cívica. Mas para saber o que é certo e errado, o que bom e ruim no comportamento, na vida. (Débora)

É o nosso diferencial. (Danilo)

A educação moral ocorre por meio de processo interativo, de maneira constante e cotidianamente, em que os valores são adquiridos, ou desenvolvidos ao longo da vida do sujeito, portanto não se trata apenas de apresentar valores morais aos alunos, uma vez que esses são adquiridos ou apropriados ao longo da vivência do sujeito. Trevisol e Toigo (2008) salientam que “a ética e os valores devem ser continuamente trabalhados e reforçados dentro do contexto educacional para que realmente se priorize o desenvolvimento integral dos alunos.” (apud SANTOS, 2011, p.59)

4.3.3. O Componente Curricular: *Moral Cristã*

Além de emitirem sua opinião sobre o ensino de *Moral Cristã*, foi solicitado aos sujeitos formadores que explicitassem também sua percepção

sobre a recepção ou a rejeição dos alunos em relação a este componente curricular.

Não é ensino religioso, nem catequese

Cinco professores têm a percepção que este componente curricular não versa sobre religião, nem aborda especificamente sobre o catolicismo.

Não é ensino religioso, não percebi isso. As professoras são “de cabeça” jovem. São aulas de o homem saber sobre a existência. (João)

Apesar do nome, que dá a entender uma tendência religiosa, parece que não é, são aspectos mais gerais. São temas mais próximos aos princípios morais do que sobre o cristianismo. (Claudio)

Eu achava que era como catequese, mas percebi que não. Os alunos trazem comentários bem empolgados de debates, sobre temas até que interessantes. (Mayara)

Também os funcionários têm a percepção de que as aulas de Moral Cristã se distinguem de aulas sobre religião ou de temas da igreja católica.

A formação deve ter o respeito. É imprescindível que seja cristã (...), pois são válidas todas as boas ações. (Sérgio)

Não é a moral católica. São abordados valores morais, preceitos de vida. (Danilo)

Achava estranho em curso técnico, achei que era catequese. (...) tem coisas importantes para a formação deles. (Débora)

Os voluntários, que também já foram alunos, explicitaram seu estranhamento inicial em relação às aulas de *Moral Cristã*, pois acreditavam que seriam aulas de catequese ou religião.

No começo, ai meu Deus! Aula de catequese. Não é isso. É uma disciplina que aperfeiçoa a capacitação técnica. Não tem a ver com o religioso, mas é um espaço aberto para clarear a mente. Eram conversas, debates e refletia valores... (Carol)

Achei que ia ser aula de religião, não queria fazer, mas depois fui vendo que não era. É muito mais e a gente aprende a ser gente melhor. (Gabriel)

Além de constatarem que nas aulas de *Moral Cristã* não são abordadas questões religiosas, os alunos reconhecem a contribuição dos debates para a sua formação:

É importante para o crescimento social e interpessoal da pessoa. Alguns, no começo acham estranho porque pode ter conflito de religião, mas não é ensinado religião. (Marcelo)

É de grande importância que as pessoas aprendam a conviver em sociedade, perante as leis que nos regem. É importante até porque todos

participam independente de religião, e isso é bom, pois com isso aprendemos a lidar com as diferenças, principalmente a religiosa (Sandra)

Debate e reflexão

Quatro docentes responderam que, por meio dos relatos dos alunos, nas aulas de Moral Cristã há debate e reflexão sobre temas que despertam e mantém o interesse dos alunos.

Os alunos trazem comentários bem empolgados, de debates sobre temas até que interessantes. (Mayara)

(...) apesar do nome, que dá a entender uma tendência religiosa, parece que não é, são aspectos mais gerais. São temas mais próximos aos princípios morais do que sobre o cristianismo. (Claudio)

Dos alunos entrevistados, oito afirmaram que as aulas de Moral Cristã favorecem a reflexão e o debate:

É uma aula com bastante debate e troca idéias sobre coisas que não fazemos em outras aulas. (Sonia)

É um momento de reflexão sobre nós mesmos, sobre o que fazemos para nós e para os outros. (Patrícia)

Importante para a formação

Três professores e três funcionários e os voluntários destacaram a importância da Moral Cristã para a formação dos alunos.

Isso é muito interessante e importante. Hoje tem muita polêmica sobre ensinar moral, até mesmo dos pais, acham que os jovens vão aprender sozinhos. Mas o Frei enfrenta isso, tem coragem para deixar isso claro e manter na escola. (Claudio)

Acho que é importante, porque tem coisa que eles nunca tiveram contato, nunca ninguém falou ou ensinou. (Lene)

Nove alunos entrevistados também compartilham desta idéia:

É de grande importância que as pessoas aprendam a conviver em sociedade, perante as leis que nos regem. É importante até porque todos participam independente de religião, e isso é bom, pois com isso aprendemos a lidar com as diferenças, principalmente a religiosa. (Sandra)

4.3.4. Influências percebidas pelos adultos entrevistados

Por "adultos entrevistados" entende-se os professores especialistas da área técnica, as docentes da disciplina *Moral Cristã*, os funcionários e os voluntários que não foram alunos da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima. Além das concepções, também foi solicitado aos entrevistados que verbalizassem se haviam percebido alguma mudança nos alunos no decorrer do ano letivo. Todos os sujeitos declararam que sim, que houve ou que perceberam alguma mudança nos jovens.

As mudanças se fizeram mais significativas no relacionamento e no comportamento que os jovens manifestavam no início do ano. A seguir estão apresentadas as categorias verbalizadas:

Comportamento e relacionamento

Dos seis professores entrevistados, cinco notaram que houve uma mudança significativa no comportamento dos alunos.

*Principalmente social: o comportamento, os valores, a auto-estima.
Mudam o comportamento e a responsabilidade. (Jocasta)*

A coordenadora da disciplina *Moral Cristã* informou que a mudança no relacionamento ocorre também nas demais interações que os alunos estabelecem. E que esta é uma percepção relatada pelos próprios alunos

Freqüentemente eles comentam que o relacionamento com os pais, professores e amigos está diferente, muito melhor. (Sonia)

Dois funcionários e dois voluntários caracterizaram a mudança dos jovens na maneira como estabelecem o relacionamento com eles.

No começo eles nem olham pra gente; são mais quietos, ficam na deles. Depois aos poucos eles falam, conversam com a gente e no final tratam com educação, dão bom dia, alguns são carinhosos, vem dar beijo antes de ir embora. Andam de cabeça erguida. (Sandra)

Eles são muito mais educados e carinhosos no final. (Silene)

Dialogar

Em ligação direta com o aspecto relacional está a maneira de se expressar, o modo como ocorre a verbalização das idéias, dos sentimentos, a defesa das crenças e dos pontos de vista. Para tanto, as expressões “conversar”, “saber ouvir”, “argumentar” e “questionar” encontram-se agrupadas nesta categoria. Apesar da comunicação não ser considerada um valor moral, é por meio do diálogo, que as relações humanas efetivam-se. A postura de saber ouvir, de respeitar a opinião do outro, de elaborar argumentos e contra-argumentos promovem tanto o desenvolvimento moral, quanto revelam a maturidade moral e o nível de consciência do indivíduo. A comunicação, o diálogo pode ser considerado como um mecanismo primordial e indispensável para a relação entre os indivíduos, para a convivência.

Dois professores, três docentes, dois funcionários e uma das voluntárias explicitaram que a atitude de *saber conversar* é uma das características que chama a sua atenção na mudança de perfil dos alunos.

Eles ouvem mais, sabem questionar. (Silvio)

No começo querem convencer no grito, no palavrão, até intimidando. Mas depois já usam “por favor”, “bom dia, professor” (José Luiz)

No início eles falam pouco, não sabem se expressar direito e querem enfrentar. Depois sabem se posicionar mesmo que tenham opiniões diferentes, ou aqueles que são ateus aprendem a argumentar de maneira mais amadurecida, sem agredir. Aprendem a ouvir. (Helena)

No começo (do ano) eles são mais quietos, introvertidos. Depois sabem conversar e se relacionar, desenvolvem atitudes positivas (Sérgio)

No início eles não estão acostumados com as regras, até ficam mais reservados, não conversam, mas depois eles veem que não precisam ser assim tão fechados e daí descontraem (...). (Lene)

Responsabilidade

Esta foi uma característica que ficou evidente para os professores especialistas.

A parte do conhecimento técnico em qualquer lugar eles podem conseguir. Mas aqui eles percebem muito mais, percebem mais a vida fora; o que vai acontecer na empresa, que é muito diferente do que eles estão acostumados. Mudam o comportamento e a responsabilidade. (Jocastra)

Agir com responsabilidade não é uma atitude valorada somente no ambiente profissional, mas principalmente na vida social. Que também demonstra o amadurecimento pessoal.

Para Yves De La Taille

Agir com responsabilidade indica a existência de uma tomada de consciência (ao menos, dos processos vividos) de suas ações. A consciência supõe, na verdade, a existência de uma faculdade moral que nos permite aprovar ou desaprovar algo. (2006, p.53)

Auto-estima e confiança

Para três professores, três docentes e dois voluntários a melhora na auto-estima e a demonstração da autoconfiança são aspectos perceptíveis que os alunos desenvolvem ao longo do curso:

Essa diferença não é só de comportamento ou postura, mas de auto-estima, de confiança. (Claudio)

Eles ficam mais conscientes deles mesmos. O que são capazes de fazer. Ficam mais conscientes do mundo, de como podem agir, até politicamente. (Sylvia)

Eles não acreditam neles, acham que não podem nada, que não são capazes. Depois melhoraram a auto-estima e percebem que não precisam passar por cima dos outros, por isso respeitam mais. (Romilda)

4.3.5. Influências percebidas pelos jovens

A percepção sobre alguma mudança ou influência da escola em suas vidas foi questionada em dois momentos distintos. O primeiro foi feito enquanto freqüentavam o curso profissionalizante ou técnico, e o segundo cerca de seis meses após o terem concluído.

Enquanto ainda estavam na escola, as repostas apresentaram dois posicionamentos distintos. Seis alunos afirmaram categoricamente que não haviam percebido nenhuma mudança pessoal após seu ingresso na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima, pois consideram que já possuíam como características a maturidade e a seriedade.

Não (mudei), porque eu nunca fui bagunceiro. (André)

Acho que não tanto pela escola, sou uma pessoa bem disciplinada. (Roberto)

(...) Acho que o SENAI afetou bem mais. Lá também é rigoroso. Apesar de que aqui tem um plano de desenvolvimento pessoal bom e de sucesso, eu já estava mais maduro quando entrei aqui. (Antonio)

Não. Mas também não sou a mesma, nos locais por onde passamos sempre aprendemos algo. (Telma)

Não tenho certeza porque não sou bom em auto-avaliação, mas se eu mudei só pode ter sido para melhor. (Marcelo)

Os outros seis alunos entrevistados consideraram que mudaram depois que ingressaram na escola. Diferentes características foram apontadas para justificar a resposta afirmativa: Responsabilidade, Relacionamento, Maturidade, Confiança, Integridade, Indignação, Resiliência, Visão da vida e Pensar no futuro.

Sim, mudei. Foi um ano essencial, mudou meu comportamento com os meus amigos, com a minha família. Mudou também meu modo de pensar e de agir. Antes não queria nada com nada, só pensava em zoeira, era muito mais egoísta, não achava que minha vida tinha futuro. Agora ainda não decidi que faculdade quero fazer, mas sei que como fazer, como me esforçar para fazer o que eu quero. Ajudo mais em casa, converso mais. (Patrícia)

Sim, de certa forma aprendi a agüentar muitas coisas e também fiquei mais revoltada; vejo o mundo diferente, as injustiças. Antes me preocupava com bobagens que na verdade não tem importância na vida e não via outras coisas, não pensava no meu futuro, nas coisas que eu realmente gosto. Sei dar minha opinião sem parecer só birra de criança. (Elisa)

Conforme esclarecido anteriormente, dentre os voluntários entrevistados, três deles já haviam sido alunos da escola. Estes consideraram que houve mudança, explicando que foi o amadurecimento, o senso de responsabilidade, o respeito e a atitude de pensar ou planejar o futuro como as características adquiridas.

Sim, principalmente no amadurecimento. Na relação com as pessoas. E ampliei a visão de mundo. (Como, você pode explicar melhor isso) Antes eu aceitava tudo, a moda, o que via na TV, na internet, os amigos, mas agora eu paro e penso se realmente é bom para mim. Antes eu ficava muito parada, agora eu faço muito mais coisas, não fico esperando em casa (Carol)

Sim, amadureci bastante. Quando entrei, já não me considerava uma criança, mas agora vejo que ainda tinha umas coisas de criança, de querer moleza, só ficar brincando e soando, mas agora realmente sinto que amadureci. Sei respeitar mais (risos), mas é sério! Agora percebo o ambiente e me comporto mais. (Gabriel)

Sim e muito. Antes “tava” bom eu tirar 5 para passar. Hoje eu quero é 10. “To” muito comprometido, também para a faculdade e em tudo o que faço. (Washington)

No contato feito cerca de um ano após a realização das primeiras entrevistas percebe-se uma alteração em relação à percepção sobre a influência da escola e das aulas de Moral Cristã. Dos 11 contatos realizados, apenas um manteve a negativa. Dez (agora ex-alunos) declararam que notaram a influência que a escola exerceu em suas vidas:

Tenho muita saudade da Escola do Frei, da "pegação no pé" da Teresa, de todas aquelas regras. Foi difícil no começo, mas depois ficou muito tranquilo, até gostava e sinto falta disso na escola [de ensino médio].

Lembro até hoje de todas as aulas, dos professores, das professoras, das "tias" da limpeza e da cozinha. Sou uma aluna muito melhor. Até minha mãe diz que eu sou uma filha melhor (risadas). Penso mais, sei falar e não preciso gritar e brigar tanto. (Laura)

Consegui um emprego em um grande hospital, na parte administrativa. Sou sempre elogiada por todos por que sei tratar bem as pessoas. Falam que eu não atropelo tudo, trato as pessoas com educação. Lá têm muitos não são assim. Então eles me perguntam [em] que escola eu estudei, e falo da Escola do Frei. Conto das regras, dos professores que são rígidos, mas não injustos, e das aulas de Moral, que ajudam a gente a se relacionar melhor. (Monica)

Cabe destacar que, em relação à percepção da influência das aulas de Moral Cristã, as respostas obtidas se mesclaram à influência da escola.

A partir dos novos discursos foi realizado um levantamento sobre os termos que se repetiram, e das expressões que se aproximaram.

O resultado obtido foi o seguinte:

- **Perceber ou prestar mais atenção ao que ocorre a seu redor e às pessoas** - surgiu em cinco declarações:

Da Moral Cristã eu acho que aprendi a ver as notícias e o que postam no face, no tweeter, youtube com outros olhos. Curto, mas não me deixo levar tanto. (Elisa)

- **Relacionar-se melhor e respeitar as pessoas** - foi explicitada em cinco discursos:

Consegui um emprego em um hospital, na parte administrativa. Sou sempre elogiada por todos por que sei tratar bem as pessoas. Falam que eu não atropelo tudo, trato as pessoas com educação. Lá têm muitos não são assim. Então eles me perguntam [em] que escola eu estudei, e falo da Escola do Frei. Conto das regras, dos professores que são rígidos, mas não injustos, e das aulas de Moral, que ajudam a gente a se relacionar melhor. (Monica)

- **Conversar, dialogar, defender suas idéias ou ponto de vista** - em quatro depoimentos:

(...) na escola do Frei aprendi a pensar mais sobre coisas que não dava muita importância. Passei a prestar mais atenção nas pessoas, a perceber como elas agem, como são os sentimentos. Acho que fiquei mais calmo. (Antonio)

- **Amadurecimento** - em quatro:

Percebi que amadureci mais do que as minhas amigas da escola. Deixei de gostar de fazer algumas coisas. Antes só ficava atrás de fofoca, me preocupava com moda. Ainda gosto disso, só que hoje percebo que a vida não é só isso. Algumas amigas ainda continuam assim e falam que eu

mudei. Então eu sei que foi na escola, e nas aulas de Moral. A gente passa a ver a vida de outro jeito. (Sonia)

- **Planejar a própria vida, pensar ou enfrentar o futuro** - em três:

na empresa sou sempre elogiado por saber tratar bem as pessoas. Também dizem que eu presto atenção quando elas falam comigo. Outra coisa que acho que eu aprendi dos professores da escola do Frei, é a pensar também no futuro, na carreira, percebo que isso não é muito comum na vida da maioria dos jovens. (Marcelo)

- **Manter a calma e não gritar ou brigar** - em dois

Tenho muita saudade da Escola do Frei, da "pegação no pé" da Teresa, de todas aquelas regras. Foi difícil no começo, mas depois ficou muito tranquilo, até gostava e agora sinto falta na escola [de ensino médio]. Lembro até hoje de todas as aulas, dos professores, das professoras, das "tias" da limpeza e da cozinha. Sou uma aluna muito melhor. Até minha mãe diz que eu sou uma filha melhor (risadas). Penso mais, sei falar e não preciso gritar e brigar tanto. (Laura)

- **Organizar-se** - em dois:

Também aprendi a organizar melhor a minha vida depois de fazer os cursos. Era tão corrido. Se não tivesse feito a escola do Frei acho que hoje não conseguiria dar conta de estudar para o vestibular, de correr atrás de tudo o que não aprendi na escola. (Sandra)

- **Ser responsável** - em um:

Sou muito mais responsável, mas sem ser chata. (Patrícia)

- **Participação política ativa** – um:

Claro! Apesar de já ser adulta e formada quando fiz o curso, a percepção do cotidiano mudou. Sempre tive vontade de atuar com pessoas, fiz pedagogia por isso. Na faculdade meu tcc foi sobre o teatro do oprimido. Queria ter uma atuação mais forte na sociedade, nas aulas percebi que poderia ser através de uma atuação política, e foi a professora de moral que me indicou como conhecer esse caminho. (Telma)

A partir das respostas apresentadas pelos sujeitos entrevistados na Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima é possível perceber que a ação educativa praticada nesse espaço desempenha um importante papel no desenvolvimento moral e na formação humana dos alunos.

Conforme explica Yves De La Taille, Aristóteles considera que “as virtudes não são capacidades inatas, mas adquiridas por meio do exercício.” (2006, p. 55)

O exercício que se efetiva na escola é o da reflexão, do debate que incentivam os alunos a se posicionarem diante de situações e dilemas morais que promovem a projeção e a ação moral de todos os sujeitos envolvidos na ação educativa (professores, funcionários, voluntários e alunos)

Entretanto, cabe ressaltar que para compreender uma mudança mais duradoura nas ações e nas atitudes dos alunos seria necessário que a pesquisa fosse realizada com maior intervalo de tempo, o que não é possível neste momento, nem neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano só é ou só pode ser um sujeito moral
na medida em que é indeterminado e livre.

Pedro Goergen

O objetivo desta dissertação foi o de perceber de que maneira o componente curricular *Moral Cristã* é desenvolvido na Escola Profissional da Ação Social Nossa Senhora de Fátima, e quanto promove e colabora, com o desenvolvimento e amadurecimento moral dos jovens que fazem o curso técnico.

O estudo sobre *Moral Cristã* demandou a compreensão, ainda que de maneira parcial, sobre a Educação Moral, a Educação Profissional, bem como a realização de uma pesquisa junto aos sujeitos que atuam nesta escola.

Porém, antes de buscar o referencial teórico que explicasse e justificasse a ação educativa na área da formação humana e moral, fez-se necessário reconstruir parte da história da Ação Social Nossa Senhora de Fátima e da região do seu entorno, desde a sua fundação até os dias atuais, procurando assim contextualizar e caracterizar as peculiaridades desta instituição.

No levantamento e análise sobre a "Natureza da Educação Profissional" apresentada no segundo capítulo, foi feita no primeiro momento, uma explanação sobre a variedade de cursos, programas e modalidades educativas que recebem esta denominação. Por não se tratar do objeto primordial deste estudo, não se buscou averiguar nem a causa, nem as prováveis consequências, nem tampouco a intencionalidade desta diversidade.

O segundo tópico deste capítulo apresenta, sob viés histórico, a legislação educacional brasileira relacionada à organização da educação profissional de nível técnico.

A atual LB DEN (9394/96) além de objetivar a promoção do avanço do pensamento científico e tecnológico, também pretende que, no âmbito do ensino profissional, seja desenvolvida a formação humana.

No entanto, a sequência das reformas demonstra que o aspecto da formação humana ainda é um tema em discussão na sociedade, uma vez que,

ora é enaltecido o caráter eminentemente técnico, ora a integração do curso profissional técnico ao ensino médio de caráter propedêutico é considerada a melhor maneira de preparar o jovem para o mercado de trabalho. No presente momento histórico, permanece seu caráter optativo, seja para as instituições educativas seja para os jovens.

A Educação Moral foi a temática desenvolvida no terceiro capítulo. A discussão sobre a moral e a ética tem se tornado um assunto de interesse crescente tanto no meio acadêmico, quanto vem ocupando um significativo espaço na mídia e no meio político

Piaget e Kohlberg desenvolveram pesquisas no intuito de compreender e explicar como ocorre o processo de construção da personalidade moral. Os autores nos mostram que se trata de um processo dialético, em que o desenvolvimento cognitivo e as interações com meio social contribuem para a formação moral do indivíduo. Inicialmente é a família que influencia as escolhas e delimita o modo de agir do indivíduo, posteriormente são as instituições sociais e educacionais que se tornam os atores desse processo de socialização e desenvolvimento moral.

É Pedro Goergen quem apresenta uma síntese bem elucidativa sobre a educação moral:

A formação moral é um processo complexo que abriga diversos aspectos, desde a incorporação das convenções sociais até a formação da consciência moral autônoma. As formas de aquisição de tais requisitos incluem a reflexão e as atitudes pessoais até os sentimentos e comportamentos que são estimulados pela educação formal ou informal, como também pela simbiose ou mimese cultural. A educação moral, entendida como o conjunto de todos estes movimentos, é um processo de construção sócio-cultural da personalidade ou do sujeito moral. (2005, p. 1005)

Mesmo considerando que, o ambiente escolar não seja o único espaço em que a aprendizagem ética e moral se realizem, ainda é a escola o espaço mais adequado para auxiliar e fomentar na criança e no jovem, o seu amadurecimento moral.

Para Josep Puig uma proposta de uma formação moral para a emancipação também busca a transformação de atitudes e comportamentos, que se faz a partir do diálogo, do debate, da reflexão e da auto-reflexão sobre os princípios éticos e morais.

Ainda no terceiro capítulo são apresentados alguns referenciais sobre a Educação Moral Cristã. Um tema polêmico para compor a formação técnica de um indivíduo, por isso divide as opiniões de autores e pesquisadores do assunto.

Enquanto Jean Lauand argumenta que "não há um conteúdo moral especificamente cristão" (1999, p.3), para outros pesquisadores a religiosidade e os preceitos cristãos que caracterizam se fazem presentes na Educação Moral Cristã. (Rodrigues, 2007; Aranha, 1989 e Streck, 1995),

O componente curricular *Moral Cristã* é desenvolvido de maneira distinta, nas aulas ministradas em todos os cursos profissionalizantes oferecidos pela Ação Social Nossa de Fátima. Sua peculiaridade é descrita ao longo do quarto capítulo, que também apresenta as entrevistas realizadas com os atores da instituição.

Para Frei Xavier, "a moral está na relação com os outros. Está na relação com si próprio. Com sentirem a dignidade da vida."⁸⁰

A partir deste conceito e dos valores morais, nas aulas, as docentes apresentam o tema para serem debatidos com os alunos, para que por meio da reflexão e amadurecimento da argumentação, os educandos possam se tornar sujeitos críticos, e autônomos.

Por meio de entrevistas com os atores que participaram deste estudo, foi possível perceber que:

- Há clareza que a *Moral Cristã* não é um ensino religioso, nem catequese;
- Esta disciplina se constitui como um elemento importante para a formação dos alunos;
- Ao longo do ano é perceptível a mudança ocorrida no comportamento e na maneira de se relacionar dos jovens;

A partir dos depoimentos coletados com os alunos após terem concluído o curso foi possível verificar que a escola desempenhou um importante papel na socialização e no amadurecimento desses jovens. Assim a Escola

⁸⁰ Conforme entrevista transcrita nas páginas 108-109 desta dissertação

Profissional da Ação Social Nossa Senhora de Fátima, além de ser um espaço de aquisição de conhecimentos, é um espaço positivo de convivência social.

Apreciando ainda, as características apresentados por Menin (2010), para evidenciar os projetos bem sucedidos em educação moral: *Participação, Duração da Ação educativa e os Valores*⁸¹. É plausível afirmar que a Escola Profissional da Ação Social Nossa de Fátima também manifesta em sua ação educativa estas características:

- Nas aulas de *Moral Cristã* as docentes são incentivadas à prática do diálogo, do debate em sala de aula, bem como, incentivar nos alunos a reflexão sobre dilemas morais.
- Quanto à *duração* da ação educativa, ela é desenvolvida durante todo o ano letivo, sendo que as atitudes e relações que fomentam o "bem viver" e, o exercício da boa convivência perpassam todos os sujeitos que atuam na escola.
- Finalmente, em relação aos *valores* elencados, também estes se constituem como temas das aulas, inclusive a reflexão sobre o valor pessoal e de autoconhecimento.

Portanto, é possível inferir, ainda que neste momento de maneira breve, que a ação da *Moral Cristã* é uma ação bem sucedida em educação moral.

Não se teve a pretensão de esgotar o tema, nem tampouco de generalizar os resultados, mas de considerar que este trabalho possa ter apresentado informações para repensar a Educação Moral e a Moral Cristã, principalmente a que se propõe formar para a cidadania e para o trabalho, colaborando com a reflexão que se faz necessária na área educacional.

⁸¹ Os valores elencados pela autora, na pesquisa foram: respeito mútuo ou respeito aos indivíduos, cidadania, diálogo, auto-conceito positivo, resolução de conflitos de ordem inter-pessoal, justiça, veracidade, deveres, direitos humanos, solidariedade, amizade, honestidade, conhecimentos de outras culturas, e o valor do aluno de escolas públicas (p. 6)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. trad. Alfredo Bosi. 5^a ed. São Paulo. Martins Fontes. 2007

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4. ed. São Paulo. Scipione. 1997

ALBUQUERQUE, M.S.L. A inserção do jovem no mercado formal de trabalho. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas. 2003

ANZOLIN, Iraci; BALBINOTTI, Vera L.; BALERINI, Heladio. Possibilidades e limites de um planejamento educacional frente às políticas públicas. *Educere et Educare: Revista de Educação*. Unioeste. Vol. 1 n. 1 jan./jun. 2006

ARAÚJO, José W. *A noção de consciência moral em Bernhard Häring e sua contribuição à atual crise de valores*. 365 f. 2 v. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2007

ARAÚJO, Ulisses F. de. *Um estudo da relação entre o "ambiente cooperativo" e o julgamento moral na criança*. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas. 1993.

ARAÚJO, Valéria A.A. Cognição, afetividade e moralidade. In: *Educação e Pesquisa*. vol. 26. nº 2. [online] . 2000. p. 137-153. disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022000000200010> acesso em 14 jan 2013

ARANHA, A. V. S. A formação profissional e a educação básica no Brasil: existe mesmo o consenso? In: *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, v. 1, p. 110-118, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de A. *Filosofia da Educação*. São Paulo. Moderna. 1989.

ARENDT, Hannah *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 3^a ed. Rio de Janeiro. Relume-Dumará. 1995

ATCHOARENDA, David. *A parceria no ensino técnico e a formação profissional: o conceito e sua aplicação*. Trad. Georgete Medleg Rodrigues. Brasília. UNESCO. 2001.

BANDO MUNDIAL, *prioridades y estrategias para La educación: estudio sectorial del Banco Mundial*. Washington.DC maio 1995.

BERARDI, M.H. Petrillo. *Santo Amaro - História dos bairros de São Paulo* N.^o. IV. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. 1969.

_____. *Santo Amaro*, PMSP - Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria de Educação e Cultura, 2. ed. São Paulo. 1981.

BOFF, Leonardo. A voz do arco-íris. Rio de Janeiro. Sextante. 2004

BOTO, C. Ética e Educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. In: *Revista Educação & Sociedade*. Campinas, ano XXII, nº 76. CEDES, Outubro. 2001.

BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação?* São Paulo. Brasiliense, 1995.

BUENO, Maria Sylvia S. Orientações Nacionais para a Reforma do Ensino Médio: Dogma e Liturgia. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. nº 109. 2000

CARNEIRO, Roberto. O lugar dos valores na educação – uma aprendizagem social. In: CARVALHO, Lourenço (coord.). *A urgência de educar para valores*. Lisboa. Universidade Católica Portuguesa. LED. 2009 p. 7–40. e-book disponível em <http://pt.scribd.com/doc/51593966/Educar-para-os-valores> acesso em 14 de novembro de 2012.

CATANI, A. & OLIVEIRA, J. F. Educação superior no Brasil: reestruturação e metamorfose das universidades públicas. Petrópolis–RJ: Vozes, 2002.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo. Ática. 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à Teoria Geral da Administração. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1999.

COMPARATO, Fábio K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo. Companhia das Letras. 2006

_____. Fundamento dos Direitos Humanos. In: *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. seção textos. s.d. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/artigos> acesso em 17 de abril de 2012

CORDEIRO, Simone L. Moradia Popular na cidade de São Paulo (1930-1940): Projetos e Ambições. In: *Histórica Revista online do arquivo público de São Paulo*. 2005. ed. nº 1. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/> acesso em 15 de agosto de 2011.

_____. Projetos e Iniciativas sobre a Habitação Popular em São Paulo. In: *Histórica Revista online do arquivo público de São Paulo*. 2008. ed. nº 29. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/> acesso em 20 de agosto de 2011

CORTINA, Adela. *O fazer ético: guia para a educação moral*. Trad. Cristina Antunes. São Paulo. Moderna. 2003.

COSTA, Lourenço. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo. Paulus. 2002. disponível em <http://pt.scribd.com/doc/50599627/2/DOCUMENTOS-DO-CONCILIO-VATICANO-II> acesso em 30 de setembro de 2012.

COTTA, E; FUNES, G.. Da dignidade da pessoa humana. In: *ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA* - ISSN 21-76-8498, América do Norte, vol. 3 nº 3. 2009. disponível em <http://intertemas.unitedo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1441> acesso em 17 de abril de 2012

COUTINHO, Aldacy. R. . Educação e trabalho. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares.. (Org.). *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. 1ed.João Pessoa: Editoria Universitária, 2007, v. , p. 373-396.

CUNHA, Luiz Antônio. *Política Educacional no Brasil: a profissionalização no Ensino Médio*. Rio de Janeiro. Eldorado. 1978.

O ensino profissional na irradiação do industrialismo. São Paulo. UNESP, 2000.

O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: UNESP, 2005. 2. ed.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra. 1996

Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005

FREITAS, Danielle G. História da educação e fotografia: possíveis leituras do universo profissional feminino (São Paulo, primeira metade do século XX). *Linhas: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação*. Florianópolis, v.12 n.01. jan-jun. 2011.

FERRETTI, Celso J. Formação Profissional e Reforma do Ensino Técnico no Brasil: Anos 90. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XVIII, nº 61, p.225-269, agosto / 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. (org.) Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. São Paulo. Cortez. 1987

. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. In: MOLL, Jaqueline. *Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 25-41

FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. A gênese do decreto nº 5154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. São Paulo. Cortez. p. 21-56. 2005.

_____. A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvérsio. In: *Educação e Sociedade*. nº 92 Especial. vol. 26. Campinas. 2005 (b). p. 1087-1113

GALEFFI, Romano. *A Filosofia de Immanuel Kant*. Brasília: UNB, 1986.

GANDIN, Luis A. *Educação libertadora: avanços, limites e contradições*. Petrópolis. Vozes. 1995

GARCIA, Regina T.C. *A LDB e o contexto nacional: o papel dos partidos políticos na elaboração dos projetos – 1988 a 1996*. 370 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas. 1997.

GARCIA, Sandra R. O. *A educação profissional integrada ao ensino médio no Paraná: avanços e desafios*. 147f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, setor de Educação. Curitiba. 2009

GOERGEN, Pedro. Educação Moral: Adestramento ou Reflexão comunicativa? In: *Educação e Sociedade*. nº 76. vol. 22. Campinas. 2001

_____. *Pós-modernidade, Ética e educação*. col. Polêmicas do nosso tempo. N. 79. São Paulo. Autores Associados. 2005

_____. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. In: *Educação e Sociedade*. nº 100. vol. 28. Campinas. 2007 p. 737-762

GOHN, Maria da Glória M. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. In: *Revista mediações*, v.5, n.1 jan/jun. 2000.

_____. Educação, trabalho e lutas sociais. In: GENTILLI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). *A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 3. ed. São Paulo. Cortez. 2002. capítulo 5 p. 89-124.

_____. *Movimentos sociais e educação*. 6ªed. rev. São Paulo. Cortez. 2005. Coleção Questões da nossa época. v. 5

_____. Associativismo civil e movimentos sociais populares em São Paulo. In: *Ciências Sociais Unisinos*. n. 202. vol. 44. São Leopoldo. maio-agosto 2008. p. 130-138

HEEMANN, Ademar. *Abordagem naturalística do comportamento ético e moral: implicações político-educacionais*. 162 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas. 1989.

JACOMETTI, Márcio. Reflexões sobre o contexto institucional Brasileiro contemporâneo e as transformações na educação profissional. *Educar em Revista*. n 32. Curitiba. 2008.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3^a ed. rev. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.

KRAMER, Sonia. Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-Escola. (pp. 16-31). In: MEC/SEF/COEDI. Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994

KRUGER, Edelbert; TAMBARA, Elomar. Decreto 2.208/1996 versus Decreto 7.566/1909, o resgate da educação profissional brasileira: um estudo de caso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas – CEFET-RS. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. abril de 2006. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/html> acesso em 20/09/2011

LA TAILLE, Y. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre. Artmed. 2006

LA TAILLE, Y.; SOUZA, Lucimara S.: VIZIOLI, Letícia. Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n.1, p. 91-1005. 2004

LAUAND, Jean. *Perspectivas de Educação Cristã, Hoje*. Conferencia proferida no Colégio Santa Marcelina. São Paulo. 13 dez 1999.

LEPRE, Rita M. Educação Moral e Construção da Autonomia. In: *Psicopedagogia*. On line. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=790>, acesso em 12/03/2011

LIMA, Anne E. O. *A Ética e o ensino infantil: o desenvolvimento moral na pré-escola*. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília. 2003

LUCENA, Carlos. O pensamento educacional de Émile Durkheim. In: *Revista Histedbr on-line*. nº 40. Campinas. 2010. p. 295-305. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art18_40.pdf acesso em 24/10/2012.

MACHADO, Lucília R. S. Politecnia no ensino de segundo grau. In: GARCIA, Walter e CUNHA, Célio (coords.). *Politecnia no Ensino Médio*. São Paulo. Cortez. Brasília SENEB. 1991.

MANACORDA, Mario A. *Marx y la pedagogia moderna*. Versión castellana de Prudencio Comes. Barcelona Oikos-tau. 1969.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1931) e dos educadores (1959). Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana. 2010.

MANFREDI, Silvia M. *Educação Profissional no Brasil*. Coleção Docência em Formação. São Paulo. Cortez. 2002

MELO, Juliana H. Do real ao virtual: a corporeidade humana na pós modernidade. In: *Anais do 22º Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião*. v. 3. Edição digital – e-book. Paulinas. 2009. p. 170-178

MENIN, Maria S.S. Desenvolvimento moral: refletindo com pais e professores. In: MACEDO, Lino (org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo, Casa do Psicólogo. 1996.

_____ (coord.) Educação em valores: em busca de projetos brasileiros em escolas públicas. *Projeto de Pesquisa CNPQ nº 470607/2008-4*. 2010. disponível em: <http://www.fct.unesp.br/#!pesquisa/grupos-de-estudo-e-pesquisa/educacao-moral/> acesso em 03/02/2012.

_____ ; ZECHI, Juliana A.M. *Educação Moral em escolas públicas brasileiras: temas, meios, finalidades e mudanças*. In: *Anais do VI Seminário de Direitos Humanos*. [s.d.] disponível em <http://www.fct.unesp.br/#!pesquisa/grupos-de-estudo-e-pesquisa/educacao-moral/publicacoes/> acesso em 03/02/2012

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Plano Decenal de educação para todos*. MEC/UNESCO. Brasília. 1993

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria de Educação Básica. *Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria de Educação de Educação Profissional e Tecnológica. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*. v.1 n.1 MEC/SETEC. Brasília. 2008

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. 4ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2009

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. Instrução “Popular” e Ensino Profissional: uma perspectiva histórica. In: VIDAL, Diana Gonçalves, HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. (orgs.). *Brasil 500 anos: tópicas em História da Educação*. São Paulo: Edusp, 2002.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação de trabalhadores: para além da formação política. *Revista Brasileira de Educação*. [on-line] v. 12 n. 34 Rio de Janeiro. Jan/abr 2007 p. 137-181. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413>

NOVELLI, Giseli. *Ensino Profissionalizante na cidade de São Paulo: um estudo sobre o currículo da Escola Profissional Feminina nas décadas de 1910, 1920 e 1930*. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, 1995. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunoes/27/qt09/t0910.pdf>. Acesso em: 19/09/2011.

NUCCI, Larry. Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas". *Educação e Pesquisa*. [online]. 2000, vol.26, n.2, pp. 71-89. Disponível em www.scielo.br/pdf/ep/v26n2/a07v26n2.pdf Acesso em 04/02/2013.

OLIVEIRA, Anna Cynthia and HADDAD, Sérgio. As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação. In: *Caderno de Pesquisa*. 2001, n.112, pp. 61-83.

PALMA FILHO, João C. *Política Educacional Brasileira: educação brasileira numa década de incerteza (1990-2000): avanços e retrocessos*. São Paulo. CTE Editora. 2005. Série: Políticas Públicas. v. 1)

PARO, Vitor. *Qualidade de ensino: a contribuição dos pais*. Xamã. 1997.

PIAGET, Jean *O julgamento moral na criança*. 2^a ed. São Paulo. Summus. 1994

PILETTI, Nelson. *Ensino de 2º Grau: educação geral ou profissional*. (Temas Básicos de Educação e Ensino). São Paulo. EPU. 1988.

PIMENTEL, Jéferson P.R. Educação cristã para o desenvolvimento da ética e da moral. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. v. 1. São Leopoldo. 2012. p. 853-869.

POLI, Cristina M. *Ensino médio profissionalizante: quem o quer? a quem ele serve?* 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas, 1999.

PONCIANO, Levino. *São Paulo: 450 bairros, 450 anos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004

PRONKO, Marcela, Formação Profissional: os (Des)Caminhos da Democratização Educacional. Rio de Janeiro. Boletim Senac. vol. 25 n. 3. set/dez 1999.

PUIG, Josep M. *A construção da personalidade moral*. São Paulo. Ática, 1998.

_____. Aprender a viver – Compartilhamentos mínimos: enraizamento e abertura para o outro. In: ARAÚJO, U.F., PUIG, J.M., ARANTES, V.A. (org.) *Educação e valores: pontos e contrapontos*. São Paulo. Summus. 2007. Col. Pontos e Contrapontos.

QUEIROZ, Victor S. A dignidade da pessoa humana no pensamento de Kant: da fundamentação da metafísica dos costumes à doutrina do direito. Uma reflexão crítica para os dias atuais. In: *Jus Navigandi*, Teresina, a. 9, n. 757, 31 jul. 2005. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/7069>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

RAMOS, Marise N. A educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. In: *Revista Cedes*. vol.23, n. 80.

Campinas. Set 2002 p. 401-422. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 25 set 2012

RIOS, Terezinha. *Compreender e ensinar – por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo. Cortez, 2001

RODRIGUES, Marilze W. *Formação continuada de Educadores Cristãos: Vivendo a fé cristã no culto infantil*. 113 f. Dissertação. (Mestrado em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. São Leopoldo. 2007

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da Educação no Brasil*. 27 ed. Petrópolis. RJ. Vozes. 2002

ROSEMBERG, Fúlia. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil. O caso da creche. In: *Cadernos de Pesquisa*. (51). São Paulo. 1984 p. 73-74.

SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo. *Subprefeitura de Capela do Socorro*. Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/
acesso em abr e set de 2011.

SANTOS, Ana Cristina B.H. *O desenvolvimento moral do aluno: um estudo sobre as experiências pedagógicas realizadas na escola*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Joaçaba. 2011. UNOESC.

SANTOS, Fabio A. dos. *Domando as águas: salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas. 2006. UNICAMP

SARLET, Ingo W. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 6. ed. Porto Alegre. Livraria do Advogado. 2008.

SAVIANI, Demeval. *Sobre a concepção de políténica*. Rio de Janeiro. FioCruz. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio. 1989.

A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.
4ª Ed. Campinas. Autores associados, 2003.

SEVERINO, Antonio J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo. Olho d'água. 2001

A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. In: *Educação e Pesquisa*. v.32 n.3 USP. São Paulo. 2006. p. 619-634.

Formação política do adolescente no Ensino Médio: a contribuição da Filosofia. In: *Pro-Posições*. vol.21 nº 1(61). Campinas. 2010. p. 57-74

SCALI, Paulo. *Autódromo de Interlagos – 1940 a 1980*. São Paulo. Imagens da Terra. 2004

SHIROMA, Eneida O.; CAMPOS, Roselane F.. Qualificação e reestruturação produtiva: Um balanço das pesquisas em educação. In: *Revista Educação e Sociedade*. vol. 18 nº 61. Campinas. 1997. p. 13-35

SILVEIRA, Zuleide S. Educação Profissional no Brasil: da industrialização ao século XXI. In: *Revista de Educação Pública*, v. 1 2006. p. 1-50

SOUSA, Jailton L. *50 anos depois: Jubileu Sacerdotal de ouro*. São Paulo. Gráfica Nossa Senhora de Fátima. 2005

STRECK, Danilo R. *Educação e Igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo. CELADEC e IEPG; São Bernardo, IEPG em Ciências da Religião. 1995

_____. *Correntes Pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis, Vozes; São Leopoldo, CELADEC. 2005

TAKIYA, Harmi (out). *Atlas Ambiental do município de São Paulo fase I: diagnóstico e bases para a definição de políticas públicas para as áreas verdes no município de São Paulo – Relatório Final*. São Paulo. Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal do Meio Ambiente / Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. 2002

TEIXEIRA, Anísio S. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

TEIVE, Gladys M. G. Sugestões sobre a educação popular no Brasil: proposta do professor Orestes Guimarães. In: *Curriculum sem fronteiras*. vol. 10 nº 2. ISSN 1645-1384 (online). jul/dez 2010. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss2articles/teive.pdf> acesso em 11 de abril de 2012.

TESSER, Gelson J. *Ética e Educação: uma reflexão filosófica a partir da teoria crítica de Jürgen Habermas*. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) .Campinas. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2001

VÁZQUEZ, Adolfo S. *Ética*. 28ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.

VIEIRA, Evaldo. A Política e as bases do direito educacional. In: *Cadernos Cedes*. Ano XXI, nº 55. Nov/2001 p. 9-29. disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5538.pdf acesso em 21 de out 2012.

XAVIER, Frei. A beleza das flores e a vida. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2011

WEREBE, M. J. *Grandezas e misérias do ensino no Brasil: 30 anos depois*. São Paulo. Ática. 1994

WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio. *Fundamentos da nova educação*. Brasília. UNESCO. 2000 (Cadernos UNESCO. Série educação; 5)

A Legislação foi pesquisada em:

BRASIL. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. *CREA nas capitais dos Estados as Escolas de Aprendizes e Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito*. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf; acesso em 12. set.2011.

BRASIL. Decreto 19.850 de 11 de abril de 1931. *Cria o Conselho Nacional de Educação*.

BRASIL. Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931. *Dispõe sobre a organização do Ensino Superior*

BRASIL. Decreto n.19.890 de 18 de abril de 1931. *Dispõe sobre a organização do Ensino Secundário*.

BRASIL. Decreto n. 19.941 de 30 de abril de 1931. *Dispõe sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal*.

BRASIL. Decreto 20.158 de 30 de junho de 1931. *Organiza o ensino comercial*.

BRASIL. Decreto n. 21.241 de 04 de abril de 1932. *Consolida as disposições sobre a organização do Ensino secundário e dá outras providências*.

BRASIL. Decreto n. 4073 de 30 de janeiro de 1942. *Lei Orgânica do Ensino Industrial*.

BRASIL. Decreto n.4.244 de 09 de abril de 1942. *Lei Orgânica do Ensino secundário*.

BRASIL. Decreto n. 4.245 de 09 de abril de 1942. *Disposições transitórias para a execução da Lei Orgânica do Ensino secundário*.

BRASIL. Decreto n. 6.141 de 28 de dezembro de 1943. *Lei Orgânica do Ensino Comercial*.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.529 de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Primário*.

BRASIL. Decreto n. 8.680 de 15 de janeiro de 1946. *Dá nova redação a dispositivos do decreto nº 4.073*

BRASIL. Decreto n. 9.613 de 20 de agosto de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Agrícola*.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. *Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

BRASIL. Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. *Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*.

BRASIL. Parecer 76/75, de 23 de janeiro de 1975

BRASIL. Lei nº 7.044/82, de 18 de outubro de 1982. *Altera dispositivos da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização d ensino de 2º grau.*

Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.*

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.*

BRASIL. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. *Regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 42 da Lei nº 9394.*

BRASIL. Parecer º 646, de 14 de maio de 1997. *Regulamenta a implantação do disposto nos artigos 39 a 42 da Lei Federal nº 9.394/96 e no Decreto Federal nº 2.208/97*

Brasil. Parecer nº 16, de 5 de outubro de 1999. *Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.*

BRASIL. Resolução nº 4, de 8 de novembro de 1999. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.*

Brasil. Lei nº 10.097/00 de 19 de dezembro de 2000. *Altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. E institui o Contrato de Aprendizagem.*

Brasil. Decreto nº 5.154/04, de 23 de julho de 2004. *Regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 41 da Lei nº 9394/96. Sobre a educação profissional.*

Brasil. Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005. *Regulamenta a contratação de aprendizes.*

BRASIL. Decreto 5.840, de 13 de julho de 2006. *Institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.*

BRASIL. Decreto 6.302, de 12 dezembro de 2007. *Institui o Programa Brasil Profissionalizado.*

Brasil. Portaria MTE nº 615 de 13 de dezembro de 2007. *Estabelece os parâmetros para o Cadastro Nacional da Aprendizagem.*

Brasil. Lei. nº 11.741/08, de 16 de julho de 2008. *Altera dispositivos da lei nº 9394/96*

Brasil. Lei nº 12.513/11, de 26 de outubro de 2011. *Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e dá outras providências*

Toda legislação está disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao> e www.planalto.gov.br/ccivil_03, acesso de set de 2011 a jan de 2013.

ANEXOS



ESCOLA PROFISSIONAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Sede: R. Ave Maria, 78 – CEP: 04773-180
Inst. Contíguas: Av. Cel. Octaviano de Freitas Costa, 463
CEP: 04773-000 – Veleiros – São Paulo – SP.

1. Normas Disciplinares (2011)

São deveres do aluno:

1. Comparecer pontual e assiduamente às aulas, solenidades e outros atos programados pela escola;
2. Justificar imediatamente os motivos de não-comparecimento às aulas, na Secretaria com atestado médico; em caso de afastamento do aluno, o responsável deve trazer atestado em até 2 dias;
3. Comparecer com o devido uniforme, crachá de identificação e cartão de presença;
4. A camiseta do uniforme é de uso obrigatório e diário, mesmo se utilizar avental e/ou blusão escolar. A camiseta não deverá ter alterações ou sobreposições. As calças de moletom ou jeans deverão ser de cor azul escuro ou preta e não poderá conter nenhum detalhe, devendo ser de modelo tradicional. Os aventais de oficina deverão ser de cor azul escuro. Devem estar limpos, passados e em bom estado. Nos dias frios, é permitido o uso de blusas de manga longa **sob** a camiseta do uniforme.
5. Apresentar-se durante todo o ano letivo:
 - A) alunos do sexo masculino: com cabelos limpos, cortados e aparados, no comprimento ou altura máxima de 3 cm e unhas aparadas. Não é permitido barba, bigode e/ou costeletas de qualquer tamanho.
 - B) alunas do sexo feminino: com cabelos limpos. Quando do uso de tintura, total ou parcial, não poderão ser em tons chamativos (laranja, azul, verde, rosa, vermelho e acaju), optando pelo uso de franja, esta não deverá ultrapassar a altura das sobrancelhas. Estão autorizadas a utilizar brincos desde que no máximo 2 cm abaixo do lóbulo da orelha. Está permitido o uso de saia. A bainha da saia deverá ser no máximo 2 cm acima do tornozelo. Aberturas não podem ultrapassar a 20 cm. Atentar para que a saias não esteja muito justa e não seja usada muito abaixo da cintura. A maquilagem, quando utilizada, deverá ser discreta em tons discretos. As unhas deverão ser cortadas curtas e os esmaltes, quando utilizados, em tons claros.
6. Participar ativamente das aulas, palestras ou outras atividades extraclasse (missas/ gincana/ visitas técnicas) promovidas pela escola;
7. Acatar e cumprir as normas estabelecidas nas atividades de lazer promovidas pela escola;
8. Manter conduta social irrepreensível em qualquer local na Escola ou fora dela quando uniformizado;
9. Entregar os trabalhos, pesquisas e exercícios, valendo nota ou não, nos dias marcados, procurando executá-los com máximo esmero;
10. Comparecer às aulas de reforço, quando convocados;
11. Trazer sempre os objetos, cadernos e livros limpos, organizados e identificados;
12. Zelar por seus pertences transportando-os consigo para os laboratórios e auditório. A Escola não se responsabiliza por danos ou extravio de objetos dos alunos. Todos os objetos encontrados na Escola serão encaminhados para a biblioteca no setor de “achados e perdidos”, controlado pela Coordenação. Recomendamos que não sejam trazidos valores expressivos em dinheiro, objetos ou aparelhos diferenciados que possam ser extraviados ou apropriados por outrem indevidamente.
13. Cuidar para não esquecer o material e os trabalhos solicitados pelos professores como dicionários, calculadoras, etc.

14. Colaborar na conservação da limpeza e higiene: das salas de aula, laboratórios, auditório, oficinas, banheiros, pátios, quadra, refeitório e economia de materiais didáticos, papéis higiênicos, luz e água;
15. Responsabilizar-se pela cadeira, computador, máquinas, equipamentos e demais materiais da Escola;
16. Indenizar estragos ao patrimônio e objetos de funcionários e colegas;
17. Tratar com respeito e cortesia os funcionários e voluntários da entidade, observando que eles também cumprem ordens a serem acatadas;
18. Entregar aos pais ou responsáveis os comunicados e convocações para reuniões ou outras atividades;
19. Cumprir as normas estabelecidas pela direção, pelos professores, coordenadores de oficinas e seus instrutores.

É vedado ao aluno:

1. Usar trajes incompatíveis com as normas vigentes ou que possam aumentar as possibilidades de ocorrência de acidentes; não obedecendo esta norma, serão mandados de volta para casa.
2. Usar short, mini-saia, bermuda, bermudões, bonés, toucas, capuz, camisetas de time, saias e calças curtas (ex.: capri e legging), chinelos, “rasteirinhas”, tamancos, papetes e “croc”.
3. Usar piercings, tatuagens e/ou alargadores expostos no corpo ou boca. Para os alunos do sexo masculino não é permitido o uso de brincos, anéis, colares e pulseiras. No caso de alunos que utilizam a oficina, também é expressamente proibido o uso de relógios, anéis e blusa/ camiseta com mangas compridas, a fim de evitar acidentes.
4. Permanecer, antes do início das aulas ou em seus intervalos, fora dos recintos apropriados; ou transitar pelas dependências da escola durante as horas de aula; exceto com autorização por escrito;
5. Entrar ou ausentar-se da sala de aula ou oficina sem autorização dos professores, instrutores ou responsável pela escola;
6. Ausentar-se, durante o horário de aula, do estabelecimento sem autorização da Secretaria;
7. Ausentar-se de sua sala durante o período de aula para pedir material emprestado em outra sala, prejudicando o andamento das aulas;
8. Subir escadas correndo, gritar, rabiscar paredes, móveis e objetos do patrimônio da Escola;
9. Executar tarefas e pesquisas de matérias estranhas àquele horário;
10. Impedir a entrada de alunos no estabelecimento ou incentivar a ausência coletiva;
11. Promover ou participar de movimentos de hostilidade ou desprestígio à Escola e aos seus funcionários (ex.: tirar a camiseta do uniforme em frente à Escola);
12. Promover aglomerações desordenadas de forma a criar obstáculos ou causar transtornos às vias públicas e passeio (calçada) adjacentes à Escola, impedindo assim a passagem de veículos e pedestres;
13. Promover, sem prévia autorização, coletas, rifas e abaixo-assinados dentro da escola ou pedir dinheiro emprestado;
14. Divulgar, por quaisquer meio, assuntos que envolvam o nome da Escola, de seus funcionários ou de seus colegas, sem que, para tanto, esteja devidamente autorizado (Ex.: Orkut, facebook, twitter e demais sites de relacionamento);
15. Realizar atividades não autorizadas, utilizando o nome do Estabelecimento;
16. Participar de brigas, algazarras e depredações na Escola, e nas suas imediações (ex. ponto de ônibus);
17. Caluniar e difamar colegas, funcionários e voluntários do estabelecimento, ou praticar contra eles atos de atrito ou violência;
18. Trazer e/ou utilizar celulares, aparelhos sonoros e qualquer tipo de jogo. Em caso de uso, o celular será apreendido, guardado na Secretaria e somente o responsável pelo aluno poderá retirá-lo;

19. Em caso de real necessidade em contatar o aluno, o responsável deverá ligar para o telefone da Secretaria: Sede II 3294-7942 e Sede I 5548-3584 e em caso de doença na família o aluno poderá deixar o celular na Secretaria e em caso de ligação o aluno será imediatamente informado;
20. Trazer jogos (ex.: baralho, xadrez e dama, dominó);
21. Trazer para o estabelecimento materiais estranhos às atividades escolares e, que possam causar depredação: chicletes, balas e qualquer tipo de alimento fora da lanchonete e do seu horário de intervalo, pincéis atômicos, tintas pressurizadas, etc.;
22. Utilizar ou apropiar-se de material pertencente aos colegas sem autorização destes ou equipamentos que outro esteja usando (ex.: computador)
23. A escola não é responsável por bicicletas e motos, caso o aluno venha com a mesma nas dependências da Escola, o motociclista poderá entrar com o veículo ligado, mas tanto as bicicletas como as motos deverão ser empurradas desde a rampa até o local onde serão guardadas.
24. Utilizar o celular como calculadora;
25. É expressamente proibido qualquer demonstração pública de afeto tanto nas dependências quanto nas proximidades da escola.
26. Fumar nas salas de aula, corredores, banheiros, ou em qualquer outra dependência da Escola, bem como, em frente à mesma;

IMPORTANTE

1. A segunda chamada de prova somente será autorizada se o aluno justificar a sua ausência, na aula seguinte, com atestado médico de dispensa. Após a aceitação da justificativa pela Escola, o professor definirá o dia e horário para sua realização;
2. O desvio das condutas exigidas acima e das acordadas entre professores, assistentes e alunos, acarretará na aplicação de aprendizado de cidadania (varrer o pátio, lavar banheiros, entre outros), colaborando com a manutenção e a limpeza do ambiente escolar, de acordo com as normas.
3. Comunicar aos professores e secretaria sobre alunos que tenham problemas de saúde, alergia a remédio ou outros. Deverá ser preenchido a ficha médica na Secretaria da Escola.
4. É proibido qualquer tipo de medicação a ser realizada pela Escola.
5. O aluno retornará à sua casa quando acumular três atrasos, não comparecer com os comunicados assinados pelo responsável ou não estiver devidamente uniformizado.

Normas Disciplinares para Uso dos Laboratórios

1. Seu Logon (usuário e senha) é pessoal e delimita acesso a recursos e pastas na rede;
2. Em caso de esquecimento, será cobrada uma taxa de R\$ 0,50 (manutenção do laboratório);
3. Lembre-se de salvar seus trabalhos em sua pasta no Servidor;
4. Trabalhos salvos no disco local C: não é permitido, portanto será perdido;
5. Ao final de cada período desligar os equipamentos;
6. Ao término de seus trabalhos, efetuar o logoff;
7. Ao sair temporariamente de sua estação de trabalho, bloqueie a mesma (CTRL + ALT+ DEL + ENTER);
8. Ao sair do laboratório, organize as cadeiras, teclados e coloque o mouse em cima do gabinete (CPU);
9. Não arraste as cadeiras;
10. Cuidado com os cabos ao passar pelos equipamentos;

11. Não colocar os dedos na tela dos monitores;
12. Lembre-se que o computador é um recurso de estudo e trabalho;
13. É de suma importância respeitar os estagiários/voluntários.

EXPRESSAMENTE PROÍBIDO

1. Alimentos, bebidas, balas e chicletes;
2. Trocar cabos, mouses ou teclados sem expressa autorização do professor ou estagiário/voluntário;
3. Utilizar, pen drive sem expressa autorização do professor ou estagiário/voluntário;
4. Sites acessados ou tentativas de acessos não registrados no Servidor.

Estou ciente que ouvi, comprehendi, aceitei e recebi uma cópia das Normas Disciplinares da Escola.

O aluno deverá copiar as Normas nas primeiras folhas de cada caderno a ser utilizado no curso e deverá conter assinatura do aluno e do responsável a ser apresentado no primeiro dia de aula.

Nome do Responsável: _____

RG: _____ Tel. para contato: _____

Data: ____ / ____ / 20 ____.

Assinatura do Responsável: _____

2. Relação de livros de autoria do Frei Xavier

FORNASIERO, Ambrogio. *Eles sempre fazem perguntas*. São Paulo. [s.n.]
[1973?]

_____. *Gente por dentro e por fora*. São Paulo. Diral. [s.d.]
_____. *Cristo ano 2000*. São Paulo. Loyola. 1980

FREI XAVIER. *A sensação de um olhar para dentro*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2006

_____. *Aplausos à vida*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2007

_____. *Histórias vindas do palco da vida*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2008

_____. *A vida não desilude*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2009

_____. *O cotidiano do começo ao fim*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2010

_____. *A beleza das flores e a vida*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2011

_____. *Os sonhos preparam o amanhã*. São Paulo. Nossa Senhora de Fátima. 2012

3. Questionários para a entrevista

1ª Parte: Identificação

I – Dados pessoais:

Idade: _____ () feminina () masculino
religião: _____ praticante? _____

Escolaridade: _____

II – Formação:

Técnica: _____

Graduação: _____

Pós-Graduação: _____

III – Experiência Profissional

1. Tempo total: _____

2. Já trabalhou como: (cargos e/ou funções que já exerceu + tempo):

3. Tempo em que está na Ação: _____

4. Cargo: _____ por _____ horas semanais

5. Se docente, disciplinas _____

6. Atualmente trabalha em outra instituição?

() não – vá para a questão 9 / () sim – responda as questões abaixo

7. Qual (is) instituição? _____

8. Se for docente, liste as disciplinas: _____

2ª parte - Concepções

A – Para todos

- 1.** Para você o que é Educação?
 - 2.** O que te motiva a trabalhar nesta Escola? (ou fazer trabalho voluntário)
 - 3.** O que você acha das regras desta escola?
 - 4.** Como é o seu relacionamento com os alunos/as?
 - 5.** Para você o que é Moral?
 - 6.** Você considera importante que os princípios morais devam ser ensinados na escola? Por quê?
 - 7.** Você acredita que as normas disciplinares da escola contribuem para a formação e a prática dos valores morais nos jovens?
 não. Em sua opinião o quê poderia contribuir para esta construção?
 sim. Por quê?
-

B – Diferenciado

Professores técnicos

- 1.** Quais são as diferenças (mudanças) mais perceptíveis nos(as) alunos(as) de quando eles ingressam e quando eles concluem o curso?
 - 2.** Qual sua opinião sobre a disciplina de “Educação Moral Cristã” na Escola?
 - 3.** Você participa das aulas desta disciplina? não sim, como?
 - 4.** Você percebe que os(as) alunos(as) “acolhem” ou “repelem” esta disciplina?
Como?
 - 5.** Você atua / colabora com a educação moral dos alunos? não sim
Explique.
 - 6.** O que te motiva a ter esta postura?
-

Professoras de Moral Cristã

- 1.** Como está sendo dar aulas de Moral Cristã?
- 2.** O que te agrada? o que te desagrada?(se houver) - (ou como foi dar aulas...)

3. Em sua opinião quais as repercussões das aulas de Moral para os jovens (ou crianças).
-

Funcionários

1. Como você descreve o seu relacionamento com os(as) alunos(as)?
 2. Você atua / colabora com a educação moral dos alunos? () não () sim
Explique.
 3. O que te motiva a ter esta postura?
-

Voluntários/as

1. Como é seu relacionamento com os(as) alunos(as) que vem cumprir o trabalho comunitário?
 2. Quais são as diferenças (mudanças) mais perceptíveis nos(as) alunos(as) de quando eles ingressam e quando eles concluem o curso?
 3. Qual sua opinião sobre a disciplina de “Educação Moral Cristã” na Escola?
 4. Você atua / colabora com a educação moral dos alunos? () não () sim
Explique.
 5. O que te motiva a ter esta postura?
-

Alunos/as

1. Idade: _____ sexo: _____ Curso: _____
2. Além daqui faz outro curso? () não () sim
3. Trabalha? (já trabalhou) () não () sim, em que? _____
4. Para você o que é Educação?
5. Como você tomou conhecimento desta escola? Que informações você tinha da escola, antes da palestra?
6. O que te motivou a se matricular nesta escola?
7. Você indica (ou indicaria) esta escola para seus amigos? O que você fala (falaria) dela?
8. Você considera que mudou depois que entrou na escola?

() não () sim, pode descrever em quê?

9. O que você acha das regras desta escola?

10.Para você o que é Moral?

11.Você considera que a Educação Moral (ou a educação de Princípios Morais ou Ética) deveria ser ensinada na escola? Por quê?

12.Qual sua opinião sobre a disciplina de “Educação Moral Cristã” na Escola?

4. Transcrição das entrevistas

4. 1. Docentes

1

Nome	João Vaz
Idade	54
Religião	católico
Escolaridade	Superior / especialista
Formação	Graduação em Adm Empresas e Comunicação Social. Especialização em Marketing
Experiência Profissional	Consultoria Empresarial 34 a Marketing 8 anos Docente: Comunicação Design Senac e Fac. Estácio
Tempo na Ação	9 anos
Cargo / função	Docente no curso de Comunicação Visual
O que é educação	Adquirir novos valores. Atualizar-se a novas tendências eletronicas e sociais. Reconhecer passado, presente e futuro. Abrir a mente aos novos horizontes. É disciplina, comprometimento, compromisso. Para o profissional (da área) é um dom, não só uma maneira de ganhar dinheiro. Existe uma coisa melhor que ensinar, aprender.
O que te motiva a trabalhar aqui?	Ter uma atividade remunerada em um lugar com a filosofia de que somos pessoas orientando pessoas.
Opinião sobre as regras da escola	O homem vive em cima de limites. Aqui os jovens sentem-se valorizados, percebidos e atuantes. Eles gostam que "puxem suas orelhas"
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Uma verdadeira farra! Fazemos o que os pedagogos ensinam: aprender brincando.
O que é Moral	Tudo aquilo que não agride o próximo.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Assim como o aspecto técnico, a formação humana é importante
As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	Sim. Algumas são importantes e necessárias. Outras pegam pesado para o jovem e não são tão importantes. Mas faz parte desta escola e fica o aprendizado para eles.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Principalmente social: o comportamento, os valores, a auto-estima - o que gera segurança (neles) para conviver na sociedade e principalmente no mercado de trabalho.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Não é ensino religioso, não percebi isso. As professoras são de cabeças jovens. São aulas de o homem saber sobre a existência. Eles (os jovens) precisam de uma referência.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não

Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	No início resistem, reclamam nas outras aulas, mas depois se abrem e percebem mais sobre os temas. Dá para percebem que ficam envolvidos. E também trazem para as outras aulas algumas das reflexões.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Sim. Sempre que surgem situações conflituosas, questiono as atitudes, puxo deles a reflexão. Além disso no decorrer das aulas cito situações, experiências pessoais que podem servir de referência na vida pessoal e, principalmente na profissional. Também é importante perceber e respeitar que cada aluno tem o seu tempo.
O que te motiva a ter esta postura?	O orientador, o educador não pode ser cego. Não pode deixar as coisas acontecerem, nem deixar de perceber os conflitos ou as que são moralmente ou eticamente inadequadas. Também há o respeito, que é imprescindível em qualquer relacionamento.

2

Nome	Jocastra
Idade	20
Religião	evangélica praticante
Escolaridade	Cursando Superior
Formação	Tecnologia da Informação
Experiência Profissional	2 anos – em atendimento ao cliente 2 anos como estagiária na área de Informática, na Ação
Tempo na Ação	2 anos (era estagiária e iniciou a docência este ano) – Em 2008 foi aluna do curso de Informática.
Cargo / função	Docente de Suporte (Info), Montagem e Manutenção; Gerencia de Redes
O que é educação	Conjunto de coisas que aprende, que agraga e que adquire. São novos conhecimentos. / Tem na família, tem na escola. / Hoje educação não acontece, confundem idéias com falta de respeito.
O que te motiva a trabalhar aqui?	É bom, interessante. E transformar o jovem em bom profissional. É interessante participar disso: passar o seu próprio conhecimento; participar da vida dos jovens.
Opinião sobre as regras da escola	Como aluna: como fui criada (de maneira) rigorosa, não teve choque. Meu irmão, apesar da mesma criação, não sei se porque é mais novo, ele sentiu, estranhou. / Só não concordo com (a punição) escrever sempre todas as normas; antes há 4 ou 5 anos atrás, podia dar certo. Mas hoje dependendo da aula, eles preferem ficar fora da sala, e não tem efeito nenhum, eles nem ligam.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	É estável. Mas ainda é difícil (me) enxergar como professora. No começo tive que ser bem mais dura, mas hoje é estável.
O que é Moral	O que forma o homem. Atividades e atributos adquiridos ao longo da vida, principalmente quando é criança e adolescente. Quando fica adulto já não dá tanto.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	A parte, o conhecimento técnico técnico em qualquer lugar eles podem conseguir. Mas aqui eles percebem muito mais, percebem mais a vida fora. O que vai acontecer na empresa, que é muito diferente do que eles estão acostumados. Muda o comportamento e

	a responsabilidade.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Quando tinha aula na Info (no curso), ela frisava o catolicismo, não era muito bom, mas eu tava até esperando que fosse isso. Mas não gostava muito. Já quando tive no curso de Inglês foi bem diferente, ela frisava o debate e os valores, era muito bom. Eu gostava, e classe também, tinha muita reflexão aberta.
Participa ou já assistiu a alguma aula?	Neste ano como docente, não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	Não começo não gostam, depois se acostumam, mas tem alguns que a gente percebe que não fazem questão de ter a aula, como do técnico. Mas como é no mesmo dia de orientação e de administração, esses não gostam, não fazem questão da quinta-feira. Ainda não entenderam. Só depois vêm lembrar.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Sim. Fico explicando que na empresa não dá para ficar só fazendo e encarando brincadeira. É diferente. E quando tem coisas na sala de aula, eu dou bronca, falo, explico. As vezes a gente percebe que adianta, outras, para alguns não. A família também não ajuda muito, hoje eles (os pais) não ligam muito para os que os filhos fazem, percebo que não querem ter essa responsabilidade.
O que te motiva a ter esta postura?	Porque eu acredito nisso.

3

Nome	Silvio
Idade	29 anos
Religião	Católica
Escolaridade	Superior
Formação	Bacharelado e Licenciatura em Letras. Português / Espanhol
Experiência Profissional	Docência em escolas e no Senac
Tempo na Ação	Desde agosto de 2011
Cargo / função	Docente de Comunicação
O que é educação	É crescimento. É se conhecer e conhecer o outro. É saber viver em comunidade. O que adiantaria estudar, mas não passar o meu saber para o outro? Não valeria para nada
O que te motiva a trabalhar aqui?	Aqui há respeito pelo aluno e também para o professor. A relação entre aluno e professor também é boa. E ainda a ação social como um todo ... é bom fazer parte disso.
Opinião sobre as regras da escola	São importantes, pois é necessário respeitar regras. O aluno enfrentará situações em que terão que se enquadrar na filosofia de uma instituição.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	No começo preciso me impor, mas depois é tranquilo.
O que é Moral	A moral para mim é respeitar o outro, passando valores para se viver bem em comunidade.
Opinião sobre ensinar moral na escola	É importante para a formação deles. Hoje ninguém fala ou ensina isso. A família não quer saber, os jovens ficam meio perdidos. Faz parte da grade da escola

As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	São muitas as regras, acho que podiam suavizar, mas também é importante aprender a respeitar, a seguir. Depois daí eles escolhem o que querem que continue ou não, então ficam mais preparados profissionalmente.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Bom eu comecei no meio do ano, já estavam na metade do caminho. Mas em agosto quando entrei deu para sentir que eles não se comportam como os outros jovens. Eles ouvem mais, sabem questionar.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Não deu para ter muito contato, mas acho que é importante.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	As minhas aulas são focadas na matéria, como aplicar no trabalho. Não costuma ter comentário sobre outras aulas ou professores. Mas deu para perceber, um pouco, que eles gostam da professora de Moral.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Quando acontece um conflito que pode ser similar a um comportamento ou postura na empresa, eu costumo trazer cases para análise e debate.
O que te motiva a ter esta postura?	A formação profissional não é só ensinar técnicas, mas também posturas, comportamentos, atitudes. E aqui também tem abertura para isso.

4

Nome	Claudio
Idade	47
Religião	Católico – espírita
Escolaridade	Superior
Formação	Engenharia de Produção Química, Matemática e Especialização em Logística Empresarial
Experiência Profissional	Em empresa desde office-boy, auxiliar administrativo, gerente e em escola e faculdade como docente, coordenador, organizador de cursos, palestrante.
Tempo na Ação	1 ano
Cargo / função	Docente de Administração
O que é educação	São diretrizes e normas com foco na formação pessoal e profissional do ser humano.
O que te motiva a trabalhar aqui?	O ambiente é bom. Temos o apoio da coordenação. Os alunos também aprendem a gostar de aprender.
Opinião sobre as regras da escola	As regras da escola são adequadas aos bons costumes e necessárias à formação profissional, antevendo as regras profissionais nas empresas.
Como é seu relacionamento com os jovens	Trato com respeito e também sou tratado com respeito. Sou exigente, cobro participação e os trabalhos. Mas também sou aberto para o diálogo. Quando procuram pedindo orientação,

(alunos/as)	converso.
O que é Moral	Moral é o conjunto de regras focando virtudes, bons costumes, podendo ser adquiridas e ampliadas pela sociedade e pelos indivíduos.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Isso muito interessante e importante. Hoje tem muita polêmica sobre ensinar moral, até mesmo dos pais, acham que os jovens vão aprender sozinhos. Mas o Frei enfrenta isso, tem coragem para deixar isso claro e manter na escola.
As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	Toda empresa tem, até para circular no shopping ou na praia tem que seguir regras. Para ficar na minha casa tem seguir minhas regras. Aqui são muitas e muito rigorosas, mas não fazem mal, ao contrário até ajudam a eles pensarem a refletirem sobre o mundo adulto e que eles estarão daqui a pouco. O mundo não tem moleza como eles estão acostumados.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Nessa faixa etária sempre há diferença entre um ano e outro, tem o amadurecimento próprio da idade. Mas aqui tem um salto, é um pulo muito grande. Eu diria até que tem uma diferença entre os jovens que fazem outro curso profissionalizante e os que fazem aqui. Essa diferença não é só de comportamento ou postura, mas de auto-estima, de confiança.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Bom, acho que já respondi. Mas acrescentaria que apesar do nome, que dá a entender uma tendência religiosa, parece que não é, são aspectos mais gerais. São temas mais próximos aos princípios morais do sobre o cristianismo.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	No começo eles reclamam, acham que vão ter aulas de catequese. Mas depois trazem para a aula alguns temas debatidos em aula, comentam sobre as discussões, perguntam a nossa opinião, rompem preconceitos.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Não só aqui, mas aqui temos mais abertura para refletir com os alunos sobre os atritos que surgem no cotidiano, entre eles mesmos, nas equipes. Questiono sobre suas atitudes, se realmente é a mais acertada, se pode ser considerada ética, boa para a convivência do grupo. Ou se é adequada em um ambiente profissional.
O que te motiva a ter esta postura?	Acreditar que assim estou colaborando com a formação pessoal e profissional deles.

5

Nome	Mayara
Idade	26
Religião	Católica
Escolaridade	Superior
Formação	Licenciatura em Letras / Inglês. Pós em Língua Inglesa
Experiência	Docência e tradução

Profissional	
Tempo na Ação	1 ano
Cargo / função	Docente de Inglês nos cursos técnicos
O que é educação	Para mim educação hoje é um processo que precisa ser reformulado e remodelado, pois está em estagnação
O que te motiva a trabalhar aqui?	Fora o salário (rs). Fazer parte da Ação é bom, eu sinto que faço parte de algo maior, e para o bem.
Opinião sobre as regras da escola	As regras disciplinares da Escola Profissional Nossa Senhora de Fátima, em geral funcionam e são bem colocadas, talvez algumas possam ser reavaliadas.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Sou brava, severa, chata, pego no pé, mas linda (rs), amiga, companheira, brincalhona. Estou aqui para dar aula, ensinar, ver se estão aprendendo ... não só o conteúdo, mas também o comportamento. Então eles devolvem isso, vamos desenvolvendo amizades.
O que é Moral	Moral é um conjunto de atitudes e posturas que norteiam situações sociais das quais o outro conhecerá você, ou seja, seria a forma como o outro nos conhece pelo comportamento que temos.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Já que os pais não querem mais saber de educar seus filhos, a escola tem que cumprir isso, mas nem todas fazem ou sabem fazer.
As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	Normas e regras sempre ajudam na formação. Com limites a gente tem de ser mais criativo. Tem que pensar o que serve ou o que quer seguir. O jovem gosta de testar o limite, se não tem limite, ele fica perdido, não sente, não tem objetivo.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	No início pareciam "bichinhos do mato" (rs). Você não vai escrever isso, né? No começo do ano eles acham que é uma escola como a outra, que só vão passar o tempo. Mas depois vão percebendo que é diferente, tem mais cobrança. Quem quer ficar só de bobeira, vai ficando para trás. Então eles começam a ficar mais espertos, sentir a responsabilidade.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Eu achava que era como catequese, mas percebi que não. Os alunos trazem comentários bem empolgados, de debates sobre temas até que interessantes.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	No começo eles pedem para que a gente fique enrolando na sala depois que bate o sinal. Mas depois, como eu já disse eles compartilham algumas discussões. Assumem como uma disciplina do curso.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Aqui na escola é impossível não participar. Quando surge um problema em sala e levamos para a Teresa (coordenadora) ficamos todos envolvidos, falamos com o jovem, desde questionar a atitude até sugerir encaminhamentos.
O que te motiva a ter esta postura?	Acredito que este é o melhor caminho

Nome	José Luiz
Idade	64
Religião	Espiritualista
Escolaridade	Superior
Formação	Engenheiro Elétrico e Licenciatura em Matemática
Experiência Profissional	Engenheiro e docente
Tempo na Ação	11 anos
Cargo / função	Docente no curso de Eletrotécnica
O que é educação	Educação é o conjunto de valores morais, familiares, religiosos, e escolares adquiridos ao longo de uma vida física e intelectual sadia.
O que te motiva a trabalhar aqui?	O ambiente, o Frei, a missão da entidade.
Opinião sobre as regras da escola	As regras disciplinares da escola precisam ser revistas em alguns itens, mas o rigor e a cobrança devem permanecer. O consenso entre os docentes devem ser uma constante busca. Falarmos a mesma linguagem com os alunos, apoiada pela direção da escola.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Procuro ser próximo dos jovens, utilizar a mesma linguagem. Sem deixar de ser professor.
O que é Moral	Moral são os conceitos regidos pela ética e padrões estabelecidos por uma sociedade constituída por leis e princípios do comportamento humano.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Deveria ter em todos os cursos. Hoje alguns tem a cidadania, na faculdade tem saber a ética profissional da área. Tem que fazer parte da formação desde os pequenos.
As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	Não tem nenhum lugar que não tem regras, uns tem mais outros menos, algumas são diferentes. Eu procuro fazer eles perceberem que na casa deles também tem. Brincando pergunto se eles comem a qualquer hora ou se tem que esperar pela comida ficar pronta. Se vão ao banheiro e deixam a porta aberta. Se vestem roupa suja... E digo que a maioria das daqui são iguais a empresa. Se for fazer uma entrevista usando piercing ou boné, não passam da recepção. Cabelo comprido só quem for artista.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Dá para notar até nos que são mais quietos, comportados. Mas principalmente naqueles que querem posar de malandros, de espertos. No começo não tem muita postura, querem convencer no grito, no palavrão, até intimidando. Mas depois já usam "por favor", "bom dia, professor".
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Apesar do tema ser passado pelo Frei, percebe que tem professora que às vezes puxa um pouco mais para o lado religioso, mas não é catequese, não fica falando sobre o catolicismo, mas lê a Bíblia e estende um pouco nisso. Já outras puxam o debate mais geral sobre comportamento.

Participa ou já assistiu alguma aula?	Já tive turma em que tive que ficar junto por algumas aulas, houve desrespeito à professora e ela não estava conseguindo dar aula, então ficava e participava. Foi interessante.
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	Fora essa turma, que deu um pouco mais de trabalho, a maioria depois de algumas aulas vão gostando.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Sempre que tem oportunidade, eu gosto de participar, de orientar, de dar conselhos.
O que te motiva a ter esta postura?	A gente percebe que hoje os jovens estão muito perdidos, soltos. Eles nos procuram pedindo ajuda, conselho. Tem coisa que o pai devia orientar, mas não faz. Então eles confiam na gente, vem procurar.

4. 2. Docentes de Moral Cristã

1

Nome	Sonia M. (docente e coordenadora da disciplina)
Idade	54
Religião	católica
Escolaridade	superior
Formação	Psicologia
Experiência Profissional	Secretaria e na área de Recursos Humanos de uma empresa, antes de casar e nos primeiros anos de casada.
Tempo na Ação	Desde 1987, ou seja, 24 anos.
Cargo / função	Coordenadora de Moral Cristã
Como conheceu a Ação?	Pelo Frei, e morando no bairro.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Fui convidada pelo Frei e nem sabia direito o que era. O desejo de fazer um trabalho voluntário e também de deixar um pouco o ambiente doméstico me levaram a aceitar esta empreitada, que desde o começo me conquistou.
O que é educação	É um processo que contribui para a formação do ser humano, em que participam a família, a escola, a sociedade.
Opinião sobre as regras da escola	São importantes para os jovens, para a sua formação para que se preparem melhor para o trabalho.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Considero que é muito bom. Durante as aulas me envolvo muito com eles. Eles me procuram, buscam aconselhamento.
O que é Moral	Conjunto de valores mais do que necessários para se poder viver em comunidade, de forma tranquila, feliz e sadia.
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	É uma grande alegria na minha vida. Sou apaixonada pelo serviço que eu faço. Procuro desenvolvê-lo da melhor maneira possível. Para isto, não economizo nem tempo, nem dinheiro.

	<p>Invisto em leituras e pesquisas relacionadas aos temas e, assim fazendo, encontrei o sentido da vida, desenvolvi o meu conhecimento sobre o cristianismo e, acredito me tornei uma pessoa muito melhor. A oportunidade de todas as semanas ter uma preparação de aula com o Frei Xavier, abordando o ensinamento de valores tão importantes, nos levam a questionar e melhorar o nosso jeito de viver e enfrentar as dificuldades.</p> <p>O que me desagrada é a dificuldade de conseguirmos novos voluntários, talvez, porque este trabalho seja pouco conhecido. Acredito que muitos jovens poderiam ter um destino bem melhor se tivessem a chance de ter aulas como essas que são dadas aqui na nossa escola.</p> <p>Os alunos dizem isto sempre e dizem também que os adultos (pais) precisariam ter acesso a estas aulas.</p>
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	<p>Ao aprenderem sobre os valores, podemos notar ao longo do ano a mudança dos alunos. Frequentemente eles comentam que o relacionamento com os pais, professores e amigos está diferente, muito melhor.</p> <p>As aulas de Moral Cristã trazem ao jovem a oportunidade de ver o mundo de uma forma nova, com menos egoísmo, mais participação e integração à sociedade - ele se torna mais respeitoso e educado, mais paciente e objetivo, mais disciplinado.</p>

2

Nome	Helena Eloisa
Idade	69
Religião	católica
Escolaridade	Ens. Médio
Formação	Magistério
Experiência Profissional	Professora alfabetizadora por 30 anos
Tempo na Ação	10 anos.
Como conheceu a Ação?	Sou moradora do bairro, sempre freqüentei a igreja, conhecia o Frei. Ele sempre me chamava, mas só assumi quando aposentei.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	O que me motivou a dar aulas de M. C. foi passar pela experiência de ter contato com adolescentes (sempre trabalhei só com crianças) e durante certo tempo resisti ao convite por não me sentir preparada para exercer tal trabalho, aliás tinha “medo” da reação dos jovens. A aula de M .C. nos dá a oportunidade de passar aos jovens assuntos diversos e até delicados (amor o próximo, respeito, família ,drogas,convívio social,aborto,etc) ,que fora da sala de aula não teríamos espaço para tratar. Sabemos que hoje há uma grande dificuldade de diálogo entre pais e filhos por diversos fatores : falta de tempo e de preparo dos pais,desinteresse dos jovens pelas relações familiares, dando maior importância às redes sociais,jogos na

	internet, TV, etc. Por isso o grande valor das aulas de M. C. nas escolas, onde os jovens poderão ouvir, discutir, e adquirir conhecimentos e valores necessários a formação da sua personalidade.
O que é educação	É transformar, modificar o ser humano
Opinião sobre as regras da escola	São necessárias e importantes. Talvez algumas pudessem ser alteradas. Mas apesar de no começo eles estranharem, depois entendem e percebem o quanto ajudaram para o crescimento deles. Há um tempo atrás tive alguns alunos que queriam que a escola deles também tivessem mais regras. Hoje está demorando mais para eles aceitarem.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Ao longo do ano vamos nos afeiçoando a eles e eles a nós. Acaba sendo um relacionamento muito carinhoso.
O que é Moral	Desde a criação do homem por Deus há na sua essência o sentido do bem do mal, certo -errado, moral –imoral (Gênesis 3,10 – 11).Portanto, na minha opinião Moral são conceitos que norteiam o homem a ter uma conduta que o leve a respeitar sua própria natureza e a do seu próximo.Porém há variações por questões regionais, religiosas e políticas.
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	O que me agrada justamente e poder ter a possibilidade de “entender” como eles pensam, e poder orientá-los, mostrando dentro dos ensinamentos cristãos os caminhos a seguir. Fico decepcionada algumas vezes por não ser debatidos em aula assuntos graves que envolvem nossos jovens, que são mostrados pela mídia de forma sensacionalista, e que poderíamos analisá-los com uma visão realista dos motivos que provocaram tão sérios problemas. Ex. Massacre do Realengo R.J. Não cobro dos alunos “certo-errado”.Entendo minha função na sala como semeadora, onde a colheita poderá ser agora ou mais tarde.Falo sempre em livre arbítrio e procuro mostrar que tudo que se faz tem suas consequências para o bem ou para o mal de acordo com suas atitudes. Quem trilha o caminho do bem, os ensinamentos de Cristo ,vive mais feliz e em paz, porque mesmo nas adversidades encontrará forças para superá-las.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	É muito clara, perceptível esta mudança. No início eles falam pouco, não sabem se expressar direito, querem enfrentar. Depois sabem se posicionar, mesmo que tenham opiniões diferentes, ou aqueles que são ateus aprendem a argumentar de maneira mais amadurecida, sem agredir. Aprendem a ouvir. São mais confiantes.

3

Nome	Teresinha
Idade	52
Religião	Católica
Escolaridade	Superior
Formação	Licenciatura em Matemática

Experiência Profissional	Docência em escola pública e particular
Tempo na Ação	16
Como conheceu a Ação?	Através do Frei
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Fui criada em uma família cujo valores morais foram baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo, e senti a necessidade de passar para as pessoas, principalmente para os jovens esses valores tão fundamentais em nossas vidas, através desses ensinamentos pude escolher a minha vida como construção, projeto e dever.
O que é educação	É um processo de aprendizagem dos valores, costumes e hábitos, conhecimentos que é transmitido pelo família, pelo grupo, pela igreja e pela escola.
Opinião sobre as regras da escola	Em qualquer ambiente tem regras, mas os pais não têm ensinado isso, e a escola regular também está muito largada, ou amarrada por questões que não ajudam na formação das crianças e dos jovens então é aqui, no início eles sentem a diferença, reclamam, como os jovens reclamam. Depois percebem o quanto é importante e necessário.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	No começo eu sou linha dura, bem rígida, pego no pé, depois vou soltando. Continuando a pegar no pé deles, mas como eles vão me conhecendo e eu a eles, vai ficando uma relação mais carinhosa.
O que é Moral	A moral está fundada em valores de tudo aquilo que é bom, útil, positivo e que deve ser realizado. A moral é o objetivo da ética, é fundamentada na conduta que assumimos diante de problemas práticos do dia-a-dia, onde temos, que escolher o sim e ou o não , o agora ou o mais tarde ou o nunca, ajudar ou não ajudar o alguém, falar ou não falar a verdade, enfim escolher-mos como resolvê-los. A moral não é ensinada e sim adquirida pelo homem ou mulher dentro da sociedade. Os valores morais são sempre valores da pessoa. Inerente unicamente ao homem, só no homem se podem realizar. " Só o homem, como ser livre, no seu uso da sua responsabilidade, pode ser moralmente bem ou mau na sua ação e nos seus negócios, no seu querer e no seu esforço, no seu amor e ódio, na sua alegria e tristeza, e nas suas atitudes fundamentais duradouras. Um homem é incapaz de ser moralmente bom se estiver cego para o valor moral das outras pessoas, e não distinguir o valor inerente à verdade do não-valor inerente ao erro, se não entender o valor que há numa vida humana ou o não-valer de uma injustiça. Se alguém se interessa apenas por saber se determinada coisa o satisfaz ou não, se lhe é agravável, em vez de se interrogar sobre o seu significado, a sua beleza, a sua bondade ou sobre o que vem a ser em si mesma; numa palavra, se interessa por saber se essa coisa é valiosa, é -lhe impossível ser moralmente bom " . (Dietrich Von Hildebrand)
Como está sendo	Muito gratificante, ao mesmo tempo que levo aos meus alunos

dar aulas de Moral Cristã	<p>esses ensinamentos eu aprendo , e procuro a cada dia crescer em minhas virtudes , para que, com o meu exemplo de vida eu possa levar os jovens a viverem esses valores.</p> <p>Me desagrada o descaso dos outros professores quanto a esta matéria, o não reconhecimento. Alguns professores demoram para sair da sala, deixam a lousa toda escrita. Já temos pouco tempo de aula, só uma vez por semana, então isso atrapalha. Também sinto falta de participar das reuniões de pais seria importante que eles nos conhecessem e conhecer a família ajuda a conhecer os jovens, entender melhor as dificuldades que passam. Não participamos dos conselhos de classe, não sabemos que outras dificuldades. Tem aluno que não dá um pingo de trabalho nas aulas de Moral, mas nas outras não faz nada e o inverso também acontece, conversar com os outros professores evitaria correr no final do ano. Nas nossas reuniões ainda falta um pouco mais de entrosamento entre nós mesmas.</p>
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (índice – término do ano)	Isso é muito claro. No começo eles estão meio perdidos, depois vão amadurecendo, não só profissional, mas pessoalmente

4

Nome	Sylvia
Idade	40
Religião	Luterana
Escolaridade	Superior – mestrado
Formação	Farmácia
Experiência Profissional	Farmacêutica em indústria – 12 anos
Tempo na Ação	2 anos
Como conheceu a Ação?	Através de uma amiga que é voluntária na Ação
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Poder servir à comunidade e retribuir de alguma forma o bem que DEUS me deu.
O que é educação	É conhecimento mútuo.
Opinião sobre as regras da escola	As regras são uma necessidade básica para todo ser humano, principalmente para os jovens que estão em formação profissional. As regras daqui são muito diferentes da realidade da maioria dos jovens, mas depois que eles aprendem a conviver, a lidar com elas fica muito mais fácil deles lidarem com as outras.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	É uma relação muito amigável. Procuro tratá-los como adultos, com respeito, eles percebem isso, então também me respeitam.
O que é Moral	Moral são conjunto de conduta estipulados pela sociedade ou pela religião que orientam a comunidade a viverem dentro de padrões éticos e dentro de preceitos pré-estabelecidos fazem a

	sociedade vivem de forma harmônica.
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	Adoro, é puxado pois trabalho, viajo, mas é estimulante. Me agrada ter uma interação contínua com os alunos. Me desagrada ver que apenas o Frei faz isto
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Eles ficam mais conscientes deles mesmos. O que são capazes de fazer. Ficam mais conscientes do mundo, de como podem agir, até politicamente.
Defina o Frei Xavier	Ele é um homem de visão, é empreendedor, é aberto ao moderno mas dentro dos preceitos católicos religiosos. Um verdadeiro líder de comunidade e um exemplo de fé e de coordenação.

5

Nome	Orlene
Idade	59
Religião	Católica
Escolaridade	Superior
Formação	Administração
Experiência Profissional	Já trabalhei em muita coisa. Em vendas, em escritório. Hoje trabalho na área administrativa de uma empresa de minha família.
Tempo na Ação	Há mais ou menos 15 anos
Como conheceu a Ação?	Pelo Frei. Comecei com o Jaílton (marido) a participar na igreja. Depois fui dar aulas de moral no Heitor (escola pública do bairro) e depois vim para cá.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Para mim trabalhar no Reino de Deus é motivo de honra. Gosto de ajudar o próximo, e fazê-los enxergar melhor os seus valores através do ensinamento do amor, principalmente quando o convite vem de uma pessoa tão iluminada e prestativa como o Frei Xavier.
O que é educação	São os ensinamentos passados e aprendidos na família, na escola, na sociedade. Hoje também a TV e a internet também fazem parte da educação.
Opinião sobre as regras da escola	Todo lugar, ambiente, empresa tem regras. Aqui não é diferente. Os jovens hoje estão muito largados pela família, não tem regras em casa, na escola eles forçam e também quase não tem. Mas para trabalhar, para viver bem na sociedade você precisa seguir regras, senão tá fora. Aqui tem muita regra, mas depois do susto inicial, que eles percebem que é melhor, que com a disciplina eles conseguem aprender mais e melhor, eles gostam. Nas aulas eles me questionam porque que na outra escola também não assim.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Sou linha dura, não sou de ficar passando a mão na cabeça. Cobro caderno em ordem, a entrega dos trabalhos. Mas não destrato os alunos, respeito eles. Procuro tratar pelo nome. Quando acertam ou trazem uma reflexão que contribui para a aula, faço elogios. Se percebo que tem um que fica mais isolado, mais quieto, vou conversar, procuro saber o que está

	acontecendo. Tem uns que se abrem, contam particularidades, problemas que passam em casa ou com a namorada, daí eu aconselho, porque eles pedem
O que é Moral	São Costumes e Deveres para com os nossos semelhantes, os nossos valores que devemos cada vez mais alimentá-los com bom senso e sabedoria para podermos produzir e aplicar respeitando toda a lei natural.
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	<p>Elas fazem-me crescer a cada dia, portanto troco com os meus alunos conhecimentos de valores e éticas, fico gratificada com o crescimento e interesse dos meus alunos que são demonstrados com as suas participações em aula.</p> <p>A apatia de alguns alunos é motivo de desagrado e ao mesmo tempo leva-me a buscar repostas para a solução deste problema.</p> <p>Penso como pode jovens tão cheios de vida serem indiferentes ao crescimento espiritual, e ao amor, pois é através desses ensinamentos de Moral e Ética que buscam com coerência os seus objetivos. seria muito bom se tivéssemos a oportunidade para passar aos pais um pouco desses conhecimentos, os quais não tiveram oportunidade, e não sabem o valor de um filho.</p>
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Fazem com que eles vejam a realidade de um modo diferente, buscando o seu conhecimento como mais disciplina, e respeitando principalmente o próximo.

6

Nome	Liliane
Idade	56
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino médio
Experiência Profissional	Com carteira assinada foi pouco tempo e antes de casada, primeiro como recepcionista em consultório. Já fui auxiliar de escritório. Já trabalhei em loja, dando aula. Você me conhece, não sou de ficar parada em casa, se bem que mesmo em casa sempre tem alguma coisa para fazer. Mas sempre estou envolvida em alguma coisa. Lá no Humboldt (escola em que a filha estuda) sempre tem coisa para os pais participarem, bazar, feira de ciências, visitas, a quinta musical... e eu gosto pouco disso...
Tempo na Ação	ha dez anos
Como conheceu a Ação?	Em 1993 morava em Bebedouro e lá dei aula de alemão em uma Ong franciscana. Gostei muito do trabalho. Aqui, procurei uma entidade próxima para me engajar novamente. Comecei nos bastidores, entretanto eis que surge o frei. Daí você já sabe como vai a estória.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	O poder de persuasão do Frei. (rs). É muito gratificante. A gente percebe o desenvolvimento, o amadurecimento dos jovens. Eu gosto de debater e eles também...

O que é educação	É aquilo que ajuda a formar a pessoa. Vem desde a família.
Opinião sobre as regras da escola	No começo os alunos reclamam bastante. Mas todo lugar, toda empresa tem normas. É bom para a formação deles, depois de um tempo eles nem percebem, já acostumaram e conseguem se adaptar no trabalho numa boa.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Sou muito brincalhona, tiro o sarro, mas também levo o tema das aulas a sério. Trato de igual para igual. Entendo que meu relacionamento é bom, acho que nunca tive reclamações.
O que é Moral	É o mesmo que ética, tendo como livro de "etiqueta" a Bíblia
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	Cresci muito nesses anos todos. Aprendi deveras com as aulas dadas pelo Frei. Somente alguns temas abordados que não gosto muito, então, acabo somente pincelando.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Essa é, sem dúvida, a parte mais empolgante de se dar a matéria. Eles sempre, sempre começam reclamando (só pelo nome da matéria já ficam estressados) depois, bem... depois eles a valorizam muito. Dizem que deveriam dar essa matéria em todas as escolas. Não é maravilhosa essa transformação!!!! Que jovens não estariam tão perdidos se eles tivessem essas orientações...

7

Nome	Nilse
Idade	60
Religião	católica
Escolaridade	Superior
Formação	Letras (inglês/Português)
Experiência Profissional	Secretária (19 anos), Loja de roupas (11 anos) e Professora (3 anos)
Tempo na Ação	Desde 2002 ou 2003
Como conheceu a Ação?	Na época não estava muito bem, estava em "crise existencial" procurei o Frei e deu no que deu até hoje
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	O aprendizado. Aprende-se muito com o Frei, com a Sonia e demais professoras, aprende-se com os alunos e aprende tentando passar a mensagem.
O que é educação	Educação é você saber se portar adequadamente em qualquer lugar onde esteja.
Opinião sobre as regras da escola	As regras são necessárias. Antes era até mais rigoroso, acho que quanto mais tiver é melhor.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Sou muito aberta. Faço muito debate, aos poucos eles vão se abrindo. No final eles te abraçam, te beijam. Querem continuar por e-mail, face...
O que é Moral	Moral Cristã disciplina que ensina valores baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo e que nos ajuda a conviver e a nos relacionar melhor com o próximo, ou seja, desenvolver o caráter cristão em nós... + ou - isso...
Como está sendo dar aulas de Moral	Não sei quantificar, mas algo de bom deve ficar pelo menos p/ alguns...

Cristã	Já encontrei um ex-aluno meu que me deu lugar no ônibus. Eu não o reconheci, mas ele me reconheceu e disse ser eternamente grato. Pela Ação Social conseguiu estágio e trabalha na empresa até hoje...está muito contente. A catequese na 1ª quinzena de julho também acho que é importante, ajuda a regularizar a vida de cristão de alguns deles.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	No início do curso eles se mostram muito revoltados, descrentes de tudo e de todos. Ao longo do ano vão se tornando mais reflexivos, são mais acessíveis. Eles relatam que se percebem melhores como pessoas.
Defina o Frei Xavier	O Frei é incrível, incansável, é referência para quem o conhece, aliás o Frei é indefinível...eu particularmente o admiro muito.

8

Nome	Maisa
Idade	48
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino médio
Experiência Profissional	Já fui sacoleira, vendedora de loja, da Avon, Natura, aliás até hoje...
Tempo na Ação	Há quatro anos
Como conheceu a Ação?	<p>Quando Jesus esteve entre nós, Ele andava por uma estrada, quando por ele passaram dez leprosos.</p> <p>Um deles reconhecendo Jesus exclamou: Não és Tu o Nazareno? O filho de Deus que cura todos? E Jesus respondeu : Sim. Daí perguntaram: Podes tu curar-nos? e Jesus disse : Ide pois tua fé te curou!</p> <p>Os ex- leprosos ficaram tão felizes, que saíram correndo para contar a boa nova que nem sequer agradeceram. Dos dez apenas um retornou a Jesus e agradeceu.</p> <p>Eu sou uma "leprosa" que foi curada pela Ação Social.</p> <p>Quando meu filho terminou o curso, meu marido teve um derrame.</p> <p>E com o que meu filho aprendeu no curso e com a oportunidade a ele oferecida, foi quem nos sustentou durante um ano.</p> <p>Muitas coisas aconteceram, e no tempo de Deus, ele me capacitou e me colocou como Professora de Moral!!</p> <p>Então eu digo: Toda honra e toda glória seja dada a Deus, que com sua infinita bondade e sabedoria tem me sustentado!</p>
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	<p>Poderia enumerar muitas razões mas vou tentar me ater no essencial.</p> <p>Sou deficiente auditiva, e achava que não podia mais ser útil, estava ficando depressiva, sem iniciativa medrosa, mas descobri que eu tenho um dom!</p> <p>O dom de me fazer ouvir.</p> <p>O que é muito vantajoso, pois quando eu falo, eu consigo ter, e manter as pessoas conectadas no que eu estou transmitindo.</p>

	<p>Ser ouvida me faz muito feliz. Pois sendo deficiente, as pessoas te incapacitam na hora que você anuncia. Elas duvidam que você seja capaz de qualquer coisa.</p> <p>Mais esquecem que, o que nos difere umas das outras é a doação, pois é através desta entrega chamada "amor ao próximo" que faz você ser vista de maneira diferente.</p> <p>Tenho uma grande facilidade de falar em Público, e digo sempre: Amados, ouvir, eu não ouço muito bem, mas em compensação o que Deus me capacita no falar não é brincadeira...</p>
O que é educação	É aquilo que a família ensina, ou não, para as crianças poderem ser gente.
Opinião sobre as regras da escola	Tem demais, é muito difícil para o jovem no começo. Mas aqueles que conseguem enfrentar e suportar até o fim, depois está pronto para qualquer coisa. Eles são importantes, fazem parte da marca da escola.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Acho que é muito bom. Sou muito aberta. Falo, brigo, dou bronca, mas também dou carinho, dou conselho. Faço pensar se o que eles pensam que é certo, é de verdade certo, se faz bem ou se é bom para eles. Eles ouvem, refletem. Daí alguns vem contar que mudaram, que se sentem melhores. Isto é ou não maravilhoso? Então acho que meu relacionamento é muito bom.
O que é Moral	<p>Bem, em minhas aulas no primeiro dia, eu me apresento e digo:</p> <p>Tema de nossa aula de hoje é Moral Cristã e pergunto: O que é Moral? O que significa ser Cristão?</p> <p>E respondo: Moral: É um código de Éticas Sociais, onde regras devem ser obedecidas e respeitadas, para que haja uma convivência saudável e admirável entre as pessoas consideradas de bem.</p> <p>Quem são as pessoas de bem?</p> <p>Pessoas que matam, roubam, estupram, fazem mal aos outros podem ser consideradas de bem?</p> <p>Moral não é uma religião, mas você pode ser considerado de bem se caminhar pelos Caminhos que Jesus caminhou.</p> <p>Cristãos: são todos os seres humanos que aceitam Jesus como seu Salvador, que morreu na cruz para que nossos pecados fossem perdoados.</p> <p>Amados e amadas, vocês estão aqui não para aprender uma religião em si, mas para aprenderem uma profissão, e o que é melhor ainda, dedicar uma hora de sua semana pra aprender sobre Deus, de o quanto Deus está "incutido" em nossas vidas, nas pessoas que cruzam nossos caminhos, no nosso dia a dia. Vamos falar de Deus através das amizades, do alicerce de nossas vidas chamada família, do namoro, do sexo, dos vícios que infelizmente são a causa de muitas tristezas. Espero que possamos trocar muitas experiências.</p>
Como está sendo dar aulas de Moral	<p>Para mim é ótimo.</p> <p>No ano passado (2010) tive o prazer de dar aulas no Plácido</p>

Cristã	<p>de Castro (escola municipal, que fica próxima a Ação Social). - Sétimas Series, foi um aprendizado sem igual que levarei para sempre no meu coração. Eu amo fazer o que faço, falo sempre que a vida nada mais é que um grande espelho aonde tudo o que fazemos, reflete em nós mesmo, somos o que comemos, o ambiente que vivemos e os amigos que temos, se a vida é feita de escolhas aprendamos sempre temos que fazer boas escolhas, que nos elevem e nos façam ter empatia, que é tudo de bom.</p> <p>Quando alunos, mães, pais e parentes, me dizem que os alunos jamais esquecem as aulas por mim ministradas, eu respondo: O amor é um dom gratuito de Deus! Quanto mais amamos mais somos amados!!</p>
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	<p>Claro, na minha opinião as consequências das Aulas de Moral para os jovens são simplesmente maravilhosas. Pois com as aulas, eles tem a opção de se tornarem homens responsáveis, confiantes, acreditando neles mesmos, se colocar no lugar dos outros, respeitando os espaços que é essencial no crescimento do ser humano como pessoa.</p> <p>Aprendendo a respeitar as regras da escola, assim se preparam para aceitar as regras impostas pelas empresas onde se tornarão profissionais de confiança.</p>

9

Nome	Romilda
Idade	70
Religião	Católica
Escolaridade	Superior
Formação	Pedagogia – Especialização em Orientação Educacional
Experiência Profissional	Professora primária – 6 anos Farmacista – 35 anos
Tempo na Ação	20 anos
Como conheceu a Ação?	Era moradora do bairro. Quando meu filho fazia a catequese, a Corina me convidou para ser catequista na igreja. Lá o Padre Ivan me convidou para vir dar aula, quando inaugurou este prédio. Na época havia muito consumo de drogas dentro da escola. Hoje são outros alunos.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Você tem como uma peça bruta, que a gente trabalha sobre ela e que no final do curso está polido, eles brilham. Isto faz com que a gente continue.
O que é educação	É tudo. A educação oferece ao indivíduo bons conceitos, a boa ação. É sinal, é sinônimo de honestidade.
Opinião sobre as regras da escola	Todas as escolas deveriam ter.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	É amistoso. Tem uns que acolhem melhor, são atenciosos. Outros são mais resistentes.

O que é Moral	É tudo o que o indivíduo precisa ter, caráter, dignidade, auto-estima para ser um bom sujeito. A Moral cristã é a que ensina a parte espiritual, com a conduta de cada dia. Nas aulas se oferece esclarecimento para a caminhada dos adolescentes.
Como está sendo dar aulas de Moral Cristã	Eu gosto muito. A gente aprende muito com eles. As vezes assusta, mas o mundo tá assim, diferente hoje. Nas aulas eu faço muito debate, deixo eles falarem.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Acho que já respondi antes. Eles não acreditam neles, acham que não podem nada, que não são capazes. Depois melhoraram a auto-estima e percebem que não precisam passar por cima dos outros, por isso respeitam mais.
Defina o Frei Xavier	É um cabedal de capacidade, de entusiasmo, de dignidade, de trabalho, de simplicidade - isto tem até de sobra, não precisava ser tanto. E de valores que leva o Frei a conseguir a cuidar da parte espiritual – da igreja e da escola e de todos os alunos que enxergam nele um caminho de bom cristão e de religiosidade.

4. 3. Funcionários

1

Nome	Sérgio
Idade	77 ^a
Religião	Católico praticante
Escolaridade	Ensino Superior
Formação	Economia
Experiência Profissional	Foi por 35anos como professor na FEA. Diretor da Fundação Lar São Bento - Dom Macário (Vila Maria). Foi diretor técnico R.Simonsen; Consultor e Assessor Econômico. (Hoje está aposentado e participa de um Coral)
Tempo na Ação	10 anos
Cargo / função	Assessor de projetos. Gerente do Parque da Barragem Ajudou a organizar a Central de Estágios, onde continua no apoio com o relacionamento com os contratantes
O que é educação	Processo cultural que visa a formação de cidadãos. Respeito aos valores morais, éticos e estéticos, fazer bem e agradável a si e à comunidade que está inserido. A formação da cidadania é o primordial. Isso hoje está algo difícil pela desestruturação da família, que delega para a escola a educação. Mas a escola se preocupa com o ensino e não com a educação.
Opinião sobre as regras da escola	São bastante rígidas para a moçada atual. Mas necessárias para os objetivos da escola, que é preparar para o trabalho. Que é a de reproduzir o ambiente empresarial e prepará-los para a inserção no mercado não ficando só no educacional.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Não é direto. Mas considero amistoso. Como era professor, isso me torna acessível a eles. Trago sempre novidades, coloco no mural, aviso os professores. Isso estimula a desenvolver o interesse para o mercado. Por ex. no Projeto da Barragem, a

	participação do curso de Turismo complementa a formação. E eles me vêm como parceiro.
O que é Moral	Obediência aos hábitos, a tradição. Respeito e solidariedade da comunidade. Valores. Cada povo tem a sua moral, seus hábitos. Não para discutir fé: mas conta as atividades e atitudes com valores cristãos.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Sim, concordo. A formação deve ter o respeito. É imprescindível que seja cristã, tem que ser divulgada, pois são válidas todas as boas ações.
Opinião sobre as normas disciplinares	As normas fortalecem o relacionamento social, fica impregnado isso nos jovens.
Como é seu relacionamento dom os alunos que vem cumprir o trabalho comunitário	Eles não vêm aqui nestas condições.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	No começo (do ano) eles são mais quietos, introvertidos. Depois sabem conversar e se relacionar, desenvolvem atitudes positivas.
Como ficou sabendo da Ação?	Conheci o Frei quando ele foi para a Diocese do Campo Limpo, e celebrava as missas no Portal (do Morumbi). Quando ele bateu o carro, foram me chamar par ajudar no socorro (eu era o síndico de lá). Foi quando ficamos mais próximos e conheci a escola, a Ação.
Na sua percepção o que motiva a empresa a buscar os jovens aqui?	Por 2 razões fundamentais: 1. Os princípios morais, é explícito, tem diferença de outras escolas. 2. Nível de conhecimento que os alunos possuem e disponibilidade que tem para aprender. Isso aliado ao respeito tanto às normas da empresas quanto às pessoas. A técnica não é tudo, só a base. A empresa tem respeito pela escola porque consegue diferenciar o jovem em relacionamento, em iniciativa, em liderança, em esforço próprio e na auto-valorização. A empresa quer receber as pessoas educadas e com conhecimento técnico e com a moral empresarial. É por isso que dou importância para a avaliação da empresa. Que também avaliam as atitudes e passam a participar do processo educacional dos estagiários. Não é só a oportunidade de eles pagarem um salário menor. O empresário reconhece a sua participação nesse processo. E eles estão gostando e colaborando com isso. O que também os aproxima mais dos estagiários. Não só cobram o conhecimento técnico, interferem na formação. Mas para mudar, aí chegamos ao limite governamental. Que não se pode esperar que façam algo.
Defina o Frei Xavier	É um empresário que está Padre. Ele tem o espírito de empresário, desenvolve a atividade como um. Tem a missão de vida na atividade educativa. Fez algo de inédito, criou 3 empresas com coragem e determinação para manter a área social e educativa, com tudo o que tem e faz, nunca perde isso de vista. Ele é centralizador, tanto de análise quanto de

	decisões, quer participar e decidir tudo. Admiro ele com tudo que tem para gerir / comandar: professores técnicos, os trabalhadores, mais a creche, o C.J. e a igreja. Mas concentrar não é bom. Porque o relacionamento ainda é informal, caseiro. Não há hierarquia definida, não estamos estruturados para continuar sem a figura dele, isso me preocupa um pouco. Mesmo na diretoria não existe a responsabilidade e o meu receio é de não perder o foco educativo.
--	---

2

Nome	Danilo
Idade	29
Religião	Evangélico
Escolaridade	Superior completo
Formação	Direito – certificado OAB
Experiência Profissional	Aulas particulares de inglês Advogado
Tempo na Ação	Iniciou em 2001 até 2007, retornou em 2010
Cargo / função	Docente Assessor Jurídico
O que é educação	É a formação de pessoas, para uma vida justa e democrática. A educação insere / iguala as pessoas no contexto da sociedade.
O que te motiva a trabalhar aqui?	Acredito muito no trabalho que é desenvolvido aqui. Acredito no Frei.
Opinião sobre as regras da escola	Estão excessivas. O conjunto que está hoje, não "veio" do Frei. Algumas delas tem que ter, outras descaracterizam o jovem. E isso dificulta um pouco a identificação deles com a escola. As regras devem ajudar no aspecto comportamental, mas hoje mascaram a espontaneidade, o verdadeiro, a inquietude desses jovens. Colocar as regras que são genéricas de uma empresa é "uma coisa", mas também temos que olhar para as particularidades. Acredito em Paulo Freire, as regras também deveriam ser construídas pelos alunos. As regras representam uma parte da escola, eles já sabem que vão ter que passar por isso. Faz parte da fama da escola. Mas hoje extrapolou, há muita regra e pouca abertura. Temos uma aberração. As regras causam medo e opressão. Nossa escola tem o diferencial que é formar o cidadão, e viver em sociedade tem regras, tem leis. Não se vive sem. O jovem gosta de limites, para eles isso sinaliza que nos importamos com eles, com o que eles fazem. Mas as regras deveriam ser repensadas, olhar o princípio da insignificância... pensar sobre o que realmente importa e o que ajuda na convivência.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	É "legal" porque gosto de conversar na linguagem deles. Passo quase todo o tempo vestido assim (terno, gravata com prendedor, pin da OAB na lapela) e gosto de quebrar esta rigidez, quebrar o gelo. Respeito os alunos e sei me fazer respeitar. Sou transparente.

O que é Moral	Práticas dos princípios éticos. É coisa consolidada. É a ética, estudo do outro, do respeito mútuo. A moral situa o sujeito, quando se aplica é a prática da cidadania.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Contribuem muito. É o nosso diferencial.
As normas disciplinares contribuem para a formação dos jovens? Em que?	Respondida junto com a questão anterior
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Eles e elas saem mais adultos. A passagem pela escola é um divisor de águas e eles também percebem isso. Eles dizem: "Aqui cuidam de mim, me valorizam". Passam a pensar no futuro, buscam a profissionalização.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Não é a moral católica. São abordados valores morais, preceitos de vida. Tem algumas professoras (poucas) que às vezes querem ensinar religião
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	Eles aceitam bem. Só não quando percebem que é sobre fé e religião. Mas mesmo os ateus, quando teve um debate interessante, eles vem comentar comigo.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Por falar na linguagem deles, eles se abrem e comentam muita coisa e se me pedem alguma orientação, um conselho eu dou. Se não, eu aproveito uma brecha na aula, e falo no coletivo. Abro para o debate sobre uma situação hipotética, mas que tem haver o assunto.
O que te motiva a ter esta postura?	Porque eu acredito que isso ajuda os jovens. Eles já comentaram sobre isso. Que pensaram sobre o que foi conversado em sala de aula e que ajudou na vida deles. A tomaram decisões importantes.
O Frei	Ele é um franciscano de verdade. Tem uma excepcional sensibilidade das coisas corretas. É muito humano. Observador de tudo, desde o andamento de tudo que é da Ação, até quando alguém não está bem. Ele chama para conversar. Assumiu um grande trabalho de Deus. É genioso também, é italiano...

3

Nome	Débora
Idade	43 anos
Religião	Católica-espírita
Escolaridade	Técnico em Contabilidade
Formação	
Experiência Profissional	Já tive escritório de contabilidade. Já trabalhei na área contábil de empresa e na área de vendas.

Tempo na Ação	5 anos
Cargo / função	Assistente Administrativo no setor de estágios. Faço o contrato dos estagiários com as empresas. Também cuido da parte da cobrança
O que é educação	É um processo de aprendizagem, que acontece desde criança, com a família. Depois também é na escola.
O que te motiva a trabalhar aqui?	A Ação é uma empresa.
Opinião sobre as regras da escola	São importantes, algumas parecidas com o que as empresas querem e esperam. Outras são exageradas, nem todo o curso devia ser tratado do mesmo jeito. Mas se não tivesse as regras para o tipo de jovem que a escola atende, seria muito difícil para eles conseguirem emprego.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	Eles chegam já quase no final do ano ou depois que já se formaram. A maioria vem na “boa”. São poucos os que dão algum tipo de problema... Tem os que vem aqui exigindo um estágio com condições de “rei”, ou então que do nada abandonam um estágio. No geral tenho um bom relacionamento.
O que é Moral	São as normas éticas de convivência na sociedade.
Opinião sobre ensinar moral na escola	Faz parte da escola. É importante para os jovens. Deveria fazer parte do currículo nas outras escolas. Não aquela que tivemos, a Moral e Cívica. Mas para saber o que é certo e errado, o que bom e ruim no comportamento, na vida.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Tenho pouco contato com eles no início. Mas no começo são barulhentos, sempre aparece algum problema no banheiro, de briga. Depois vão acalmando.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Achava estranho, achei que era como a catequese. Daí fui conhecendo algumas professoras. Elas ficam sentadas aqui na frente, conversam e vi que tem coisas importantes para a formação deles. O curso não prepara só no técnico, porque isso lá na empresa eles podem aprender. Mas tem ir já pronto no relacionamento, no respeito. Todos os professores falam, mas na Moral eles refletem, pensam sobre isso.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não
Como percebe que os alunos recebem / repelem a Moral Cristã?	No começo já ouvi alguns comentários, umas piadinhas, mas depois param de falar. Acho que aceitam, respeitam.
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Não sei bem se é com a formação moral, como disse meu contato com os alunos é mais para o final do ano. Só com os que encaminho em maio para a MWM. Mas pelo jeito da escola, eles sentem, acho que uma abertura, e buscam conselhos, principalmente no relacionamento com a empresa, depois com os pais e até com namorado.
O que te motiva a ter esta postura?	Já fui jovem (risada)... tenho uma filha na idade deles. Me ajuda a entender mais. Acho que também o clima daqui ajuda a

	gente a manter essa postura, de ajudar, de orientar.
--	--

4

Nome	Sandra
Idade	30 anos
Religião	Católica
Escolaridade	Parei na 6ª série
Formação	
Experiência Profissional	Já trabalhei como diarista. Já cuidei de criança, de velho. E já fui ajudante de cozinha em um hospital.
Tempo na Ação	5 anos
Cargo / função	Auxiliar de serviços gerais. Na Limpeza desse prédio (unidade 2), e na hora do almoço eu ajudo a lavar a louça.
O que é educação	É saber se comportar, é tratar bem os outros. Tem também a educação da escola. Uma vem com a gente da família. Na escola tem muita coisa que ajuda para ficar mais esperto na vida e para arrumar trabalho.
O que te motiva a trabalhar aqui?	Fiquei sabendo que precisavam de gente na limpeza, então vim para cá.
Opinião sobre as regras da escola	Eu acho que são boas. Eles ficam, tratam a gente com educação, com respeito. Acho que se não tivesse isso ia ser igual ao que vejo na escola do meu sobrinho, lá as portas das salas de aula, dos banheiros tão tudo quebradas, tem grade por todo lado. Ele também diz que lá não dá para usar o banheiro. Que o professor não é respeitado, não consegue dar aula por causa da bagunça dos alunos. Aqui não, aprendem a se comportam, os professores conseguem dar aula, e só de vez em quando, no começo é que tem problema de rolo de papel entupindo o banheiro, ou de porta pichada.
Como é seu relacionamento com os jovens (alunos/as)	No começo eles nem olham pra gente. Depois aos poucos eles falam, e no final tratam com educação, dão bom dia, alguns são carinhosos, vem dar beijo antes de ir embora.
O que é Moral	É o respeito, é a educação, é o jeito de viver com honra.
Opinião sobre ensinar moral na escola	É bom para eles. Precisam saber como se comportar. Os pais já não querem ensinar, por isso tá essa bagunça.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Acho que já falei isso, no começo são mais quietos, ficam na deles. Depois andam de cabeça erguida, conversam com a gente.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Acho importante eles conhecerem sobre as coisas de Jesus, de Deus.
Participa ou já assistiu alguma aula?	Não, nunca.
Como percebe que os alunos recebem /	Acho que nunca percebi isso.

repelem a Moral Cristã?	
Colabora com a educação / formação moral dos alunos? Como	Quando eles dão abertura, ou vem procurar eu dou conselho.
O que te motiva a ter esta postura?	Eles tem muitos problemas, tem uma vida muito pesada. Eles não sabem o que é certo fazer, então quando eles procuram eu procuro ajudar.

4. 4. Voluntários/as

1

Nome	Lene
Idade	65
Religião	católica
Escolaridade	Ensino Fundamental
Experiência Profissional	Sempre trabalhei no comércio, como vendedora em lojas de tudo quanto é tipo, grande, pequena por quase 30 anos. Agora faço uns "bicos".
Tempo na Ação	4 anos
Cargo / função	Na cozinha (e em outras coisas que precisar) (2 x semana)
Como conheceu a Ação?	Já conhecia o Frei da igreja. E a escola, porque moro no bairro, mas era de longe, daí teve o curso de Informática (Projeto Reviver), fiz os dois (módulos) e depois vim para cá.
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	É um ambiente legal, mesmo quando às vezes não é... Temos que fazer um "doce"! É bom ajudar e aqui precisa muito. Também me distraio e sinto que faço o bem. Adoro vir aqui.
O que é educação	É algo que vem do berço. Coisas que se aprende quando é criança. Por exemplo o respeito.
Opinião sobre as regras da escola	Tem que ser assim, senão fica igual as outras escolas por aí. As regras ajudam a formar o jovem como as aulas ajudam.
Como é seu relacionamento com os jovens	É ótimo. Cumprimento e sou cumprimentada por todos. É um relacionamento descontraído.
E com os que vem cumprir trabalho comunitário?	Eu brinco que eles vieram para o Cantinho da Super Nani e pergunto o que eles fizeram. E eles contam, mas sem mágoa nem raiva, eles entendem.
O que é Moral	Eu nunca tive (rs) Bom você já vem com ela e ajuda se tiver um ambiente que respeitem, que ensinem a ser honrado, a ter educação... Se pegar um alfinete depois devolve...
Qual sua opinião sobre o ensino de Moral Cristã	Acho que é importante, porque tem coisa que eles nunca tiveram contato, nunca ninguém falou ou ensinou.
Você colabora com a formação moral?	Quando tem abertura eu falo, aconselho do meu jeito com brincadeira e eles me ouvem. Alguns até vem depois me agradecer. A gente não pode deixar a moçada assim solta. Eles precisam, eles pedem para gente orientar.

Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	No início eles não estão acostumados com as regras, até ficam mais reservados, não conversam, mas depois eles veem que não precisam ser assim tão fechados e daí descontraem e eles gostam do jeito que a escola é.
--	---

2

Nome	Silene
Idade	68
Religião	católica
Escolaridade	Fundamental comp
Experiência Profissional	Fui recepcionista em consultório médico por 20 anos. Hoje estou aposentada.
Tempo na Ação	1 ano
Cargo / função	Biblioteca e no caixa do refeitório e no que precisar: bazar, inscrição, bingo, festa... (2 a 3 x semana)
Como conheceu a Ação?	No final de 2009 me mudei para o bairro e fiquei sabendo do curso de Informática (Projeto Reviver). Daí você passou lá avisando da biblioteca e perguntando quem queria ajudar, daí eu vim...
O que te motiva a fazer este trabalho voluntário	Sempre tive vontade de ajudar, de fazer um trabalho voluntário, de ajudar o próximo, fazer algo bom...mas como trabalhava não dava. É muito bom sentir que você está fazendo algo de bom, ajudando.
O que é educação	A prioridade é o respeito, consideração com a pessoa próxima e com você mesmo. Como tratar as pessoas, tratar bem o idoso, a criança. Honestidade. Como se coloca na vida como pessoa de bem em todos os sentidos. Também é preparação para a vida.
Opinião sobre as regras da escola	Tem que ser rígidas, não são exageradas, são necessárias.
Como é seu relacionamento com os jovens	É bem legal. Eles são educados, brincam. A gente acaba fazendo amizade e gostando mais deles.
E com os que vem cumprir trabalho comunitário?	A gente percebe que eles não gostam muito, ficam meio sérios mas aceitam.
O que é Moral	Quase a mesma resposta de Educação. É procurar não fazer o que errado; é procurar fazer o bem. Trabalhar para não descambiar, para fazer o mal. Se colocar na vida como pessoa do bem, de preferência com uma religião, porque hoje falta Deus no coração das pessoas e tá do jeito que tá...
Qual sua opinião sobre o ensino de Moral Cristã	É totalmente certo, e a maioria dos que eu fiz a inscrição são evangélicos, que abrange, não faz diferença acho.
Você colabora com a formação moral?	Não diretamente. Mas de maneira mais particular. Não só com a moral, mas quando tem a conversa e percebo que um precisa de ajuda. Por exemplo teve um garoto que o pai ficou desempregado e ele vinha pé e estava ficando sem comer, eu falei com meu filho e comecei a ajudar a pagar o almoço. Mas depois ele não quis mais. Disse que tem vencer por esforço...

	Não insisti. Mas sempre pergunto se ele está com fome e às vezes ele aceita que eu pague.
Percebe diferenças / mudanças nos alunos (início – término do ano)	Eles são muito mais educados e carinhosos no final.

3

Nome	Carol
Idade	17
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino Médio
Curso na Ação	Secretariado (2009) e Ingles (2010)
Fez outro curso	Já fez curso de informática básica em outra escola; e espanhol por 3 anos
Faz outro curso	3º ano EM
Trabalha ou já trabalhou / em que	Já cuidei de criança pequena; Em 2010 foi voluntária na biblioteca da Escola e 2011 - está como estagiária na Central de Estágios
Como soube da escola	Por parentes. Minha irmã fez em 2006
Que informações tinha	Aqui o ensino era sério, super rigoroso. Era um mini-quartel. (Isso não te assustou?) Assustou um pouco, mas na nossa vida temos que enfrentar muita barreira, muitos desafios e encarei como um desafio.
O que te motivou a estudar aqui	O preparo e o crescimento profissional. Eu sempre gostei de estudar
Você indica esta escola	Sim. Digo que ela é boa, que você realmente aprende bem. Que é rígida, muito rígida. Mas se a pessoa passa por lá, tem grande chance de crescer profissionalmente. É um difícil que vale a pena pensar. Você ri, chora e se descobre.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, principalmente no amadurecimento. Na relação com as pessoas. E ampliei a visão de mundo. (Como, você pode explicar melhor isso) Antes eu aceitava tudo, a moda, o que via na TV, na internet, os amigos, mas agora eu paro e penso se realmente é bom para mim. Antes eu ficava muito parada, agora eu faço muito mais coisas, não fico esperando em casa.
Opinião sobre as regras da escola	No começo foi espantoso. Para que tudo isso? Vou virar robô! Mas depois a gente vai percebendo que a vida cobra muito. Exige, então depois dessas regras fica mais fácil.
O que é educação	Estar sempre atualizando, acompanhando tudo o que acontece ao redor. Quem não acompanha é "mau-educado"
O que é Moral	É tudo aquilo que você faz que não prejudica o próximo. Aprender a respeitar o espaço, conviver; É adaptar-se conforme a banda toca.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	No começo: Ai, meu Deus, aula de catequese! No decorrer das aulas você percebe que não é isso. É uma disciplina que aperfeiçoa a capacitação técnica. Não tem a ver com religioso, mas é um espaço aberto para clarear a mente, que são fundamentais, eram conversas, debates e refletia como esforço,

	coragem, persistência, motivação, temas de violência.
Porque você se ofereceu para ser voluntária?	Aqui o ambiente é legal, queria poder ficar um pouco mais. Também aprender um pouco mais de prática, para estar melhor preparada para o trabalho. E poder retribuir um pouco.

4

Nome	Gabriel
Idade	17
Religião	católica
Escolaridade	3º ano EM (cursando)
Curso na Ação	Eletrotécnica
Fez outro curso	Ingles
Faz outro curso	Informática básica
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não, com carteira, mas às vezes ajudo meu pai. Ele é pedreiro.
Como soube da escola	Por parentes. Meu irmão fez Mecânica em 2007 e diversos primos e primas
Que informações tinha	Que aqui a escola ensina mesmo, mas super rigoroso. (Você estranhou isso?) Não tinha bem a idéia de como era de verdade, mas no fim (do ano) todo mundo elogia muito e diz que aprendeu muito aqui, então eu também queria isso.
O que te motivou a estudar aqui	Queria usar essa camiseta no ônibus. (Por que?) Você é mais respeitado, todo mundo olha e te trata bem, respeita... Agora sério: tem o preparo e o crescimento profissional. Quero estar um pouco melhor preparado para o emprego.
Você indica esta escola	Sim. Digo o mesmo que me disseram: que a escola é boa, que você realmente aprende. Que tem muita regra e disciplina, mas tem muito mais que vale a pena. Vai ser dureza, mas uma dureza que dá para encarar e depois encara qualquer coisa, qualquer chefe.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, amadureci bastante. Quando entrei, já não me considerava uma criança, mas agora vejo que ainda tinha umas coisas de criança, de querer moleza, só ficar brincando e soando, mas agora realmente sinto que amadureci. Sei respeitar mais (risos) mas é sério! Agora percebo o ambiente e me comporto mais.
Opinião sobre as regras da escola	No começo pensei: Para que tudo isso? Não tô no exército! Até fiquei meio revoltado nos primeiros dias, achando que eles queriam me mudar. Porque você sabe o que eu sou. Tive que copiar três vezes. Mas depois percebi que não é nada pessoal, mas é de formação e para lidar melhor com o respeito.
O que é educação	Aprender a se relacionar com o outro
O que é Moral	É aprender viver na sociedade, uns com os outros, se repetindo em tudo.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Achei que ir ser aula de religião, não queria fazer, mas depois fui vendo que não era. É muito mais e a gente aprende a ser gente melhor.
Porque você se ofereceu para ser	Me sinto muito envolvido com a escola e quando me ofereceram eu aceitei.

voluntário?	
-------------	--

5

Nome	Washington
Idade	18
Religião	católica
Escolaridade	Ensino Médio
Curso na Ação	Informática
Fez outro curso	não
Faz outro curso	Pré-vestibular aos sábados
Trabalha ou já trabalhou / em que	fazia "bicos" como garçom em Buffet de parentes e cuidava do sobrinho
Como soube da escola	A namorada fazia Inglês
Que informações tinha	Que era muito boa, que era rápido para arrumar estágio
O que te motivou a estudar aqui	Essas informações me convenceram e às vezes vinha buscar minha namorada e via que o clima dos alunos era legal.
Você indica esta escola	Indico e digo que é legal porque de verdade aprende um pouco de tudo. Não existe ruim, isso é você que(m) faz... Se você correr, atras do que quer, se empenhar, vai levar "esporro", isso vai! Mas vai passar. Depois chefe legal, nem sempre! Aí quando arrumar emprego, você já tem esse diferencial.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim e muito. Antes tava bom eu tirar 5 para passar. Hoje eu quero é 10. Tô muito comprometido, também para a faculdade e em tudo o que faço.
Opinião sobre as regras da escola	Eu não concordo com as regras. Mas tem outros lugares que também são assim. Dá para levar.
O que é educação	Saber conversar, respeitar a si próprio e as outras pessoas. Saber interagir
O que é Moral	Ainda não sei direito. É difícil falar o que é!
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Não curto muito, acho desnecessário. Mas também tem aula que o debate é legal, mas prefiro mas as aulas práticas de info.
Porque você se ofereceu para ser voluntário?	Para ter mais conhecimento prático. E é legal ficar aqui na escola. (estuda no período da manhã e fica no laboratório de Informática todas as tardes)

4. 5. Alunos/as

1

Nome	Ana		
Idade	20		
Religião	Católica		
Escolaridade	Ensino Médio (público)		
Curso na Ação	Inglês	Fez outro na Ação ?	Design Gráfico em 2010
Fez outro curso	Téc. Em Gestão de Pequenas Empresas – 2008		
Faz outro curso	Pré-vestibular – ainda não decidi o que exatamente quero fazer, o que quero para o meu futuro profissional		
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não		
Como soube da escola	Através de amigos		
Que informações tinha	Sobre os cursos que eram muito bons. Sobre algumas normas que eram rígidas e algumas ridículas. Que o ambiente era bom. E que depois era mais fácil arrumar emprego.		
O que te motivou a estudar aqui	A vontade de aprender e conhecer a área escolhida, no caso o design e depois ter o inglês para se preparar melhor para o trabalho		
Você indica esta escola	Indico, mas aviso que tem muitas regras desnecessárias e que pegam muito no pé, mas que dá para agüentar e que se quiser aprende muito mesmo.		
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	A minha visão do curso, e em algumas coisas sobre a vida, na Ação, percebi o quanto as pessoas podem se submeter a diferentes situações estranhas para se adequar ao ambiente, mesmo que não acreditem nisso.		
Opinião sobre as regras da escola	São necessárias as regras, mas algumas delas são desnecessárias, extremistas demais. E que são mantidas só até uma parte do ano, depois é como se não existissem mais... Por exemplo da cor do cabelo, das unhas...		
O que é educação	É um conjunto daquilo que se aprende em casa, na escola e que a gente externa, com atitudes, e pelo conhecimento.		
O que é Moral	Moral é o conjunto dos princípios que o indivíduo acha que deve ser seguidos.		
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Ela deve continuar a ser ensinada na escola, pois com as aulas de Moral são incentivados os alunos a serem seres pensantes, mostrando uma melhor visão sobre o mundo e assuntos do cotidiano.		
1 ano após: O que está fazendo?	Sem contato		

2

Nome	Antonio
Idade	18
Religião	Protestante - Batista
Escolaridade	Superior – Análise de Sistema (em curso)
Curso na Ação	Inglês

Fez outro curso	Senai – Eletricista de Manutenção – 2007/2008
Faz outro curso	FATEC – Análise de Sistemas
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Meu irmão fez curso de Informática em 2009
Que informações tinha	Que o ambiente e o ensino era muito bom, mas também que era bem rigoroso.
O que te motivou a estudar aqui	O tempo livre e a necessidade de aprender inglês.
Você indica esta escola	Eu indico, e falo que uma ótima oportunidade de aprendizado e com ambiente muito bom.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Não. Acho que o SENAI afetou bem mais. Lá também é rigoroso. Apesar de que aqui tem um plano de desenvolvimento pessoal bom e de sucesso, eu já estava mais maduro quando entrei aqui.
Opinião sobre as regras da escola	São bem rigorosas, mas algumas são desnecessárias como o cabelo "padrão" que impede que a personalidade e a singularidade do aluno apareça.
O que é educação	É um conhecimento que deve ser adquirido no processo de aprendizagem.
O que é Moral	É um conjunto de costumes e comportamentos e valores singulares de cada indivíduo. Parecido com ética.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	A disciplina é necessária para ajustar o conhecimento da Moral, os costumes e os valores do cristianismo. Na sociedade a moral e a ética de cada um são levadas a sério numa entrevista. E também reflete efetivamente na personalidade do indivíduo.
1 ano após: O que está fazendo?	Sou estagiário na área de informática e continuo com o curso na FATEC
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Eu mudei bastante com o SENAI. Mas na escola do Frei aprendi a pensar mais sobre coisas que não dava muita importância. Passei a prestar mais atenção nas pessoas, a perceber como elas agem, como são os sentimentos. Acho que fiquei mais calmo.

3

Nome	André
Idade	17
Religião	Espírita
Escolaridade	Ensino Médio (particular)
Curso na Ação	Inglês
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	Ensino médio - fazendo o 3º ano
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Por amigos
Que informações	Que tinha várias coisas... muitos cursos bons para fazer. E que

tinha	era muito rígido.
O que te motivou a estudar aqui	Interesse em aprender bem o inglês.
Você indica esta escola	Sim, falo que é bom e que não é um quartel general como todos falam. Dá para levar "na boa".
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Não, porque eu nunca foi bagunceiro.
Opinião sobre as regras da escola	Normais, e até porque algumas vezes são necessárias. Claro que tem algumas que não concordo muito, porém é a forma de ensino do curso e se todos nós aceitamos quando fizemos a matrícula, não temos do que reclamar.
O que é educação	Tem aquela que é da família, de conviver com os outros e tem a educação que é a ensinada na escola.
O que é Moral	Não sei definir exatamente, mas é parecido com a ética, são os valores que a gente acredita e pratica.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Eu em particular não gosto muito, acho que devíamos ter aula só de inglês. Porém não acho que seja desnecessário ou inútil, é importante desenvolver a ética, saber o que é politicamente correto.
1 ano após: O que está fazendo?	Estou fazendo o curso de Comunicação Visual, "no" Frei.
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	No curso de Inglês as aulas eram a cada quinze dias, e coincidiu muito com feriado. Agora é toda semana, acho que podia continuar como era no [curso de] inglês. Mas é bom ouvir e debater com idéias diferentes sem brigar, acho que isso ajudar a amadurecer.

4

Nome	Elisa
Idade	15
Religião	Não possuo
Escolaridade	Ensino Médio (pública)
Curso na Ação	Inglês
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	1º do E.M.
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Através de uma prima
Que informações tinha	Que a escola era legal, e era um lugar em que eu iria aprender muito.
O que te motivou a estudar aqui	Eu queria fazer inglês e minha mãe incentivou para fazer aqui.
Você indica esta escola	Sim, mas digo que tem que querer muito estudar, é puxado, ninguém fica passando a mão na cabeça. Mas digo que se quiser fazer um curso só para passar o tempo, para se distrair é melhor ir para outra escola, porque não dá para ficar se encostando ou enrolando, pegam no seu pé.

Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, de certa forma aprendi a agüentar muitas coisas e também fiquei mais revoltada; vejo o mundo diferente, as injustiças. Antes me preocupava com bobagens que na verdade não tem importância na vida e não via outras coisas, não pensava no meu futuro, nas coisas que eu realmente gosto. Sei dar minha opinião sem parecer só birra de criança.
Opinião sobre as regras da escola	Uma palhaçada, que diferença tem entre brinco e em um piercing? Não vejo lógica nessa regra, sendo que o brinco é um piercing. E eu não gosto de passar frio durante as aulas porque a minha blusa não cabe debaixo do uniforme. Quero meu piercing de volta!
O que é educação	Educação é o que vem da cultura e da família, é saber lidar com certos momentos da vida.
O que é Moral	Moral é a idéia de um tema discutido em conjunto.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Eu acho legal a aula de Moral, porque distrai um pouco do tema do inglês que vimos todos os dias, e aprendemos sempre algo novo. Eu acho que deveria ser ensinado, mas não como algo obrigatório. Porque tem temas legais, e interessantes, mas nada deveria ser obrigatório.
1 ano após: O que está fazendo?	Estudando, estou no 2º ano.
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Até que às vezes dá saudade da escola, e até das regras – isso só um pouquinho, porque eram demais. Da Moral Cristã eu acho que aprendi a ver as notícias e o que postam no face, no tweeter, youtube com outros olhos. Curto, mas não me deixo levar tanto. Também procuro por coisas que me fazem bem, que podem me ajudar no futuro. Acho também que consigo conversar melhor com a minha mãe, não sou tão criança, sei falar sem brigar, sem exigir.

5

Nome	Laura
Idade	16
Religião	Adventista do Sétimo dia
Escolaridade	Ensino Médio (pública)
Curso na Ação	Administração
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	2º E.M.
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Uma professora de matemática da escola que estudo
Que informações tinha	Que aqui teria uma boa formação profissional, e aperfeiçoaria o meu gosto pela administração e contabilidade. Lembro que me disse que seria rígido, corrido e que aqui o ensino seria pesado, mas que valeria a pena.
O que te motivou a estudar aqui	A vontade de ter contato com um curso que realmente me interessou, o maior aprendizado e a oportunidade de estágio numa área que gosto.

Você indica esta escola	Sim, digo que aqui se aprende muito, mas se a pessoa realmente se entrega e se interessar pelo curso, que aqui as regras existem, são rígidos e são realmente são cumpridos, mas mesmo assim vale fazer
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, na parte em ter responsabilidades, atitudes nos trabalhos em equipe, mas o melhor foi que aprendi muitas coisas de caráter também, ou seja aprendi a ser uma pessoa melhor para mim mesma.
Opinião sobre as regras da escola	Acho que algumas delas são exageradas, mas acho muito bom, porque nos ensina a ter disciplina, e se analisarmos que aqui é uma escola profissional, então nos exigem atitudes de responsabilidade, então não podemos fazer ou agir como bem entendemos.
O que é educação	É ensinar boas condutas não apenas as matérias, por exemplo, mas sair da teoria e mostrar, exigir a prática.
O que é Moral	São as normas de boas conduta, juntamente com a ética, essas condutas morais são normas passadas de geração a geração, como uma tradição.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Hoje em dia não basta ter apenas a formação educacional e profissional, mas sim ter bom caráter e boas qualidades pessoais, e a Moral trabalha com isso.
1 ano após: O que está fazendo?	Terminando o ensino médio
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Tenho muita saudade da <i>Escola do Frei</i> , da "pegação no pé" da Teresa, de todas aquelas regras. Foi difícil no começo, mas depois ficou muito tranquilo, até gostava e sinto falta na escola [de ensino médio]. Lembro até hoje de todas as aulas, dos professores, das professoras, das "tias" da limpeza e da cozinha. Sou uma aluna muito melhor. Até minha mãe diz que eu sou uma filha melhor (risadas). Penso mais, sei falar e não preciso gritar e brigar tanto.

6

Nome	Monica
Idade	17
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino Médio (pública)
Curso na Ação	Secretariado
Fez outro curso	Inglês
Faz outro curso	2º E.M.
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Por amigos que já estudaram aqui.
Que informações tinha	Que a escola era muito boa e muito rígida
O que te motivou a estudar aqui	O reconhecimento da escola
Você indica esta	Digo que vale a pena fazer qualquer um dos cursos que a

escola	escola oferece.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Me sinto mais confiante e preparada para o mercado de trabalho
Opinião sobre as regras da escola	Algumas regras são necessárias, mas muitas são exageradas.
O que é educação	É conhecimento, é educação na relação com as pessoas.
O que é Moral	São os valores de cada indivíduo, baseados nos costumes e hábitos da sociedade.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Não adianta aprender uma profissão sem ter valores morais, por isso acho importante que seja ensinada e a gente refletir sobre isso. As aulas do Moral Cristã mudam as rotinas das aulas do curso, e sempre trazem novos conhecimentos e curiosidades.
1 ano após: O que está fazendo?	Trabalho e estou terminando o Ensino Médio
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Consegui um emprego em um hospital, na parte administrativa. Sou sempre elogiada por todos por que sei tratar bem as pessoas. Falam que eu não atropelo tudo, trato as pessoas com educação. Lá têm muitos não são assim. Então eles me perguntam [em] que escola eu estudei, e falo da <i>Escola do Frei</i> . Conto das regras, dos professores que são rígidos, mas não injustos, e das aulas de <i>Moral</i> , que ajudam a gente a se relacionar melhor.

7

Nome	Marcelo
Idade	18
Religião	Católico
Escolaridade	Superior
Curso na Ação	Inglês
Fez outro curso	Informática
Faz outro curso	Análise de Sistemas – 2º semestre na FATEC
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Tenho vários amigos que já estudaram aqui
Que informações tinha	Que era tanto rígido quanto puxado. E que não ia gostar das regras.
O que te motivou a estudar aqui	Eu queria crescer na área, ter um desafio. A área (de informática) tem muito cursos que não são bons, é difícil achar um (bom), mas aqui é de referencia
Você indica esta escola	Os meus colegas já fizeram ou estão fazendo.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Não tenho certeza porque não sou bom em auto-avaliação, mas se eu mudei só pode ter sido para melhor.
Opinião sobre as regras da escola	Acho que as normas deveriam ser mais rígidas, tem muita gente que não entende que a Ação Social prepara para o

	emprego e desrespeitar a regra é demissão automática e ainda pode se queimar no mercado de trabalho. E já vem para a Ação achando que é uma escola onde se tem a "farra do boi".
O que é educação	Ações corretas socialmente que tomamos
O que é Moral	Ações que ficam apenas no nosso pensamento.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	É importante para o crescimento social e interpessoal da pessoa. Alguns, no começo acham estranho porque pode ter conflito de religião, mas não é ensinado religião.
1 ano após: O que está fazendo?	Sou estagiário de Informática e à noite faço FATEC
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Não sou muito bom em me auto-avaliar. Mas na empresa sou sempre elogiado por saber tratar bem as pessoas. Também dizem que eu presto atenção quando elas falam comigo. Outra coisa que acho que eu aprendi dos professores da escola do Frei, é a pensar também no futuro, na carreira, percebo que isso não é muito comum na vida da maioria dos jovens.

8

Nome	Patricia
Idade	18
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino Médio (público)
Curso na Ação	Hospedagem
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	Hoje não, mas já fiz Informática e Administração
Trabalha ou já trabalhou / em que	No momento não
Como soube da escola	Por amigos.
Que informações tinha	Que era uma escola muito rígida e com um ensino ótimo
O que te motivou a estudar aqui	A vontade de aprender a sério.
Você indica esta escola	Indico e normalmente falo que a escola é um pouco forçada, mas que há um ótimo ensino.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, mudei. Foi um ano essencial, mudou meu comportamento com os meus amigos, com a minha família. Mudou também meu modo de pensar e de agir. Antes não queria nada com nada, só pensava em zoeira, era muito mais egoísta, não achava que minha vida tinha futuro. Agora ainda não decidi que faculdade quero fazer, mas sei que como fazer, como me esforçar para fazer o que eu quero. Ajudo mais em casa, converso mais.
Opinião sobre as regras da escola	Acho um pouco desnecessárias.
O que é educação	É a convivência boa com as pessoas.
O que é Moral	É o mesmo que ética, são as coisas certas que fazemos.
Qual a sua opinião	É um momento de reflexão sobre nós mesmos, sobre o que

sobre a disciplina: Moral Cristã	fazemos para nós e para os outros.
1 ano apóis: O que está fazendo?	Trabalhando, como recepcionista no Hotel Mercure do Ibirapuera
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Sim, claro. Sou muito mais responsável, mas sem ser chata. Me importo com os outros, se quero alguma coisa diferente, eu converso, eu sei negociar. Não imponho a minha vontade no grito. Mas sei defender meu ponto de vista.

9

Nome	Roberto
Idade	17
Religião	Evangélico
Escolaridade	Ensino Médio
Curso na Ação	Inglês
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	Não
Trabalha ou já trabalhou / em que	Sim, auxiliar administrativo
Como soube da escola	Através de amigos
Que informações tinha	Que tinha muitas regras, mas que era muito bom
O que te motivou a estudar aqui	A vontade de aprender inglês e a oportunidade de um curso gratuito
Você indica esta escola	Indico e falo bastante sobre o funcionamento da escola. As regras e a rigidez.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Acho que não tanto pela escola, sou uma pessoa bem disciplinada.
Opinião sobre as regras da escola	Todo local precisa de regras. É importante sempre serem revistas, respeitadas e modificadas quando necessário.
O que é educação	Educação compõe o caráter, valores e níveis de aprofundamento pessoal e dedicação. Às vezes é um trabalho em grupo, outras vezes é uma tarefa pessoal.
O que é Moral	Moral é um grupo de valores construídos ao longo da vida.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	O conhecimento nunca é demais, todo conhecimento é valioso. Acho importante as aulas até certo ponto, alguns pontos são interessantes em níveis de agregação cultural, outros assuntos são um pouco cansativos e desinteressantes, mas isso é uma variante.
1 ano apóis: O que está fazendo?	Trabalhando, como auxiliar administrativo
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Aprendi a perceber melhor as outras religiões. Que se for levada a sério, faz a pessoa crescer. Mas o respeito a crença dos outros, é muito importante, mesmo que eu não concorde, não vou desrespeitar a pessoa.

Nome	Sandra
Idade	16
Religião	Católica
Escolaridade	Ensino Médio (público)
Curso na Ação	Informática
Fez outro curso	Inglês
Faz outro curso	2º E.M.
Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Através de amigos que já fizeram cursos aqui
Que informações tinha	Sempre dizem que a escola é rigorosa, e que os cursos tem qualidade.
O que te motivou a estudar aqui	A boa qualidade do curso
Você indica esta escola	Indico e digo que é uma boa escola, claro que para quem se interessa em aprender
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Não, sempre gostei de estudar.
Opinião sobre as regras da escola	Funcionam mais no começo do ano, depois esse quadro se inverte.
O que é educação	Educação engloba bom comportamento e aprendizado.
O que é Moral	Moral é um conjunto de boas maneiras, visão mais crítica dentro de normas que nos regem na vida.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	É de grande importância que as pessoas aprendam a conviver em sociedade, perante as leis que nos regem. É importante até porque todos participam independente de religião, e isso é bom pois com isso aprendemos a lidar com as diferenças, principalmente a religiosa.
1 ano após: O que está fazendo?	Terminando o ensino médio e fazendo cursinho pré-vestibular
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Sinto que aprendi a respeitar mais a opinião dos outros. Paro para ouvir. Também aprendi a organizar melhor a minha vida depois de fazer os cursos. Era tão corrido. Se não tivesse feito a escola do Frei acho que hoje não conseguiria dar conta de estudar para o vestibular, de correr atrás de tudo o que não aprendi na escola. Sinto que sou mais preparada para enfrentar o futuro, para pensar no que fazer e correr atrás.

Nome	Sonia
Idade	16
Religião	Evangélica
Escolaridade	Ensino Médio
Curso na Ação	Administração
Fez outro curso	Fora da Ação já fiz Informática e Inglês.
Faz outro curso	Não

Trabalha ou já trabalhou / em que	Não
Como soube da escola	Por amigos que já fizeram.
Que informações tinha	Eu sempre soube que o "Frei" era uma escola de alto nível, e que para conseguir concluir o curso, a disciplina e as regras deveriam sempre ser cumpridas.
O que te motivou a estudar aqui	Principalmente a vontade de me preparar para o mercado de trabalho, na área que eu mais me identifico.
Você indica esta escola	Eu sempre indico, porque o ensino é mesmo muito bom, a gente realmente aprende, mas aviso da disciplina.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Sim, aprendi muito com relação a me organizar nos horários, e a ter muito a responsabilidade.
Opinião sobre as regras da escola	Eu acho que as normas estabelecidas pelo "Frei" fazem parte do trabalho de preparação d adolescente, porém algumas delas são extremas, como a cor das unhas e o tamanho dos brincos.
O que é educação	Eu acredito que educação é o processo pelo qual cada indivíduo passa e durante esse processo cria conceitos, opiniões, aprende a conviver em grupo, a respeitar, etc.
O que é Moral	Moral é um conjunto de valores positivos, criados e idealizados pela sociedade, mas que na maioria das vezes não são cumpridos.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	É uma aula com bastante debate e troca idéias sobre coisas que não fazemos em outras aulas. As vezes quando estamos em grupo ficamos com vergonha de dar nossa opinião sobre determinados assuntos, mas nas aulas aprendemos a ter outra visão e a falar ou defender a nossa opinião e sobre o que acreditamos.
1 ano após: O que está fazendo?	Terminando o ensino médio
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Percebi que amadureci mais do que as minhas amigas da escola. Deixei de gostar de fazer algumas coisas. Antes só ficava atrás de fofoca, me preocupava com moda. Ainda gosto disso, só que hoje percebo que a vida não é só isso. Algumas amigas ainda continuam assim e falam que eu mudei. Então eu sei que foi na escola, e nas aulas de Moral. A gente passa a ver a vida de outro jeito.

12

Nome	Telma
Idade	28
Religião	Evangélica
Escolaridade	Superior – Pedagogia
Curso na Ação	Inglês
Fez outro curso	Não
Faz outro curso	Não
Trabalha ou já	Sim – orientadora educacional

trabalhou / em que	
Como soube da escola	Por uma amiga
Que informações tinha	Que a escola era bem conceituada e com bastante regras
O que te motivou a estudar aqui	O fato do curso de inglês ser intensivo e em um horário compatível.
Você indica esta escola	Sim. Apesar dos problemas enfrentados com a troca de professores, sempre tivemos de excelente nível.
Você considera que mudou depois que entrou nesta escola	Não. Mas também não sou a mesma, nos locais por onde passamos sempre aprendemos algo.
Opinião sobre as regras da escola	São necessárias para se manter a ordem, para que se dê o processo de ensino-aprendizagem.
O que é educação	É a ferramenta de transformação da sociedade.
O que é Moral	Postura individual diante das pessoas com as quais convivemos.
Qual a sua opinião sobre a disciplina: Moral Cristã	Com o avanço com capitalismo, as pessoas cada vez mais se preocupam com o "ter", esquecendo-se do "ser". As aulas são bastante esclarecedoras sobre assuntos cotidianos e relevantes para a vida pessoal e em sociedade.
1 ano após: O que está fazendo?	Trabalhando, me filiei ao P.V. e estou atuando naquela ONG, a Brasil EcoPlanetário, que você me indicou, lá com o Hélio.
Você percebe alguma influência na sua vida hoje das aulas de Moral Cristã?	Claro! Apesar de já ser adulta e formada quando fiz o curso, a percepção do cotidiano mudou. Sempre tive vontade de atuar com pessoas, fiz pedagogia por isso. Na faculdade meu tcc foi sobre o teatro do oprimido. Queria ter uma atuação mais forte na sociedade, nas aulas percebi que poderia ser através de uma atuação política, e foi a professora de moral que me indicou como conhecer esse caminho.